

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ALINE LÚCIA NOGUEIRA MEDEIROS

A LENTA DANÇA DO MAR NA COSTA OU
UMA LEITURA SENSÍVEL DA GRAFIA
DAS ONDAS

BELO HORIZONTE

2017

ALINE LÚCIA NOGUEIRA MEDEIROS

A LENTA DANÇA DO MAR NA COSTA OU
UMA LEITURA SENSÍVEL DA GRAFIA
DAS ONDAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização do Espaço

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira Lobo.
Coorientadora: Profa. Dra. Virgínia de Lima Palhares.

BELO HORIZONTE

2017

M4881 Medeiros, Aline Lúcia Nogueira.
2017 A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas [manuscrito] / Aline Lúcia Nogueira Medeiros. – 2017. 159 f., enc.

Orientador: Carlos Fernando Ferreira Lobo.

Coorientadora: Virgínia de Lima Palhares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2017.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Bibliografia: f. 150-159.

1. Fenomenologia – Teses. 2. Praias – Teses. 3. Paisagens – Teses. 4. Comportamento espacial – Teses. I. Lobo, Carlos. II. Palhares, Virgínia de Lima. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. IV. Título.

CDU: 165.62

Dissertação intitulada *A lenta dança do mar na costa ou uma leitura sensível da grafia das ondas*, de autoria da mestranda Aline Lúcia Nogueira Medeiros, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da UFMG como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do espaço.

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira Lobo – IGC/UFMG
Orientador

Profa. Dra. Virginia de Lima Palhares – IGC/UFMG
Coorientadora

Prof.^a Dra. Letícia Carolina Teixeira Pádua – FIH/UFVJM

Profa. Dra. Maria Luiza Araújo Grossi – IGC/UFMG

Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus – IGC/UFMG

Belo Horizonte, 10 de agosto de 2017

AGRADECIMENTOS

Os caminhos que venho percorrendo desde que comecei a graduação em geografia em 2009 na UFMG me possibilitaram ver e sentir belezas inexplicáveis. Sou inteiramente grata a todas as pessoas que fazem e fizeram a universidade pública possível. Iniciado em 2015, foram quase três anos de mestrado para lá de intensos. Grande parte deles, eu passei perdida entre uma ideia e outra, incapaz de explicar direito o que eu queria dizer. Nesses longos períodos de confusão, a confiança logo foge e o que sobra é uma mestranda assustada e nervosa. À professora Virgínia Palhares, agradeço pelo apoio e suporte, mesmo em meio às dúvidas e indefinições inúmeras. Aos membros do NPGEOH – em especial, Virgínia, Valéria, Iancey, Vanessa, Ludmila, Pedro, Juliana, Alice, Janise, Natália e Matheus, agradeço pela confiança e pela disponibilidade de troca que nunca faltaram. Agradeço, ainda, ao professor Carlos Lobo, pela disposição em me orientar e pelos esforços para, de fato, o fazer. Sou grata a CAPES pelo financiamento em dois desses anos, sem o qual teria sido impossível realizar esse trabalho.

Para além da universidade, a vida se expande em todas as direções possíveis. Muito do que aprendi foi a valorizar os saberes e os sabores que encontro ao seguir em frente depois da saída. À Juliana Fonseca, que vem caminhando ao meu lado desde que iniciei o curso de geografia, um especial agradecimento. Todas aquelas cervejas me fizeram um bem danado, que perdurou para além da ressaca do dia seguinte. À Alice Bessa, minha força de vida quando todas as outras falham, um beijo e um abraço de gratidão eterna.

Algumas presenças são constantes na vida por nenhum outro motivo fora o desejo de estar junto e a essas pessoas queridas e amigas eu agradeço todas as trocas. Olga, Marcela, Carol, Anna, tem sido uma bela aventura.

Das presenças constantes por ligações familiares, dessas que é difícil fugir, eu agradeço a minha mãe, Vera, e aos meus irmãos, Gabriel e Filipe, por tudo (tudo mesmo!), inclusive, é claro, a diversão.

Por fim, por ter sido meu companheiro constante e cotidiano nesses anos de mestrado, meu apoio e descoberta maravilhosa, pelas nossas viagens a praia, pelo carinho e por me ouvir, um especial agradecimento ao Daniel.

Tantas pessoas me nutriram com suas histórias e experiências praianas e sou grata a cada uma delas. Obrigada!

RESUMO

Compreender a essência da praia, espaço à beira-mar, é o mote dessa pesquisa. Como razão de ser, também é guia de ações e movimentações do fazer. A vivência da praia, em suas diversas presentificações, impulsionou tanto as indagações quanto às respostas colhidas. Parto da vivência perceptiva da praia para desbravar seus aspectos sensoriais e o corpo que a experiencia. Adentro as infinitudes das vivências de trabalho e do sagrado, experiências próprias de interação com o espaço. A praia se revela, para um *indagar* cujo solo é geográfico, por meio das suas essências espaciais. A praia enquanto lugar encontra na possibilidade de abrigo da areia, frente aos auspícios do mar, mas também no acolhimento à exposição do corpo desnudo, pele historiada e vulnerável. Contudo, a mesma interação que faz da praia lugar apresenta a doação primeira como praia paisagem. A praia é apreciada em suas nuances sensíveis, por isso mesmo se despe o corpo e o permite ser ainda mais exposto. No revelar da paisagem-praia ao corpo desnudo se permite a possibilidade da praia-lugar. As interações de trabalho tornam mais densa a praia-lugar, em rotinas, conhecimento e marcas corporais da exposição constante, adentrando na intimidade do mundo que se revela em sua imensidão cotidiana. As intimidades do corpo e do mundo se revelam na praia habitada. Conhecer a praia em seus aspectos rotineiros, saber seus humores, a profundidade das suas águas, seus sabores e seus perigos, é reconhecer a sua vida. A praia viva é deslumbramento, substrato de devaneios, margem para saltos do sublime ao sagrado, reverências. É sintonia com o sentimento-paisagem. A vivência da praia nas suas diferentes formas de presentificação revelou a transgressão do mar, que invade as terras interiores e permite às pessoas sonhar praia em conjunto. A intersubjetividade dos sonhos que aspiram água salgada faz praia no urbano seco e expõe um novo sentido para o lugar: sem sua paisagem original, a praia subsiste nos corpos que a experienciam. Para os habitantes das terras interiores, a praia também se presentifica no impulso à viagem. Da intimidade da praia que existe apenas no corpo que a sonha em conforto abstrato, a viagem permite o desvelar da praia imensa, paisagem sensível. É da essência da praia a abertura ao céu, assim como a presença das águas que oscilam. As águas que a compõem trazem encantos próprios nas suas formas sensíveis que se desdobram. Nascente, sulco, córrego, rio, cachoeira, foz, praia. A possibilidade de fazer praia está contida na água, que envolve mas limita, abarca mas expulsa. A praia se presentifica também nos cantos dos rios que correm água para o mar. Na vivência específica desse correr, é notável também as perversões de água, que se torna esgoto, dejetos, lama, trazendo suas impossibilidades à beira-mar. Onde não se pode adentrar mar, existe praia? A praia prejudicial ao corpo vivo, suas águas, sabores, odores e areias contaminados repelem o corpo exposto e aproveitam de sua vulnerabilidade. A paisagem sensível fere e repele, mas não por sua própria essência de risco e mistério. A praia é, então, mercadoria, valorizada pela possibilidade de uso e desfrute que gera lucro. Ou desvalorizada pela sua exaustão e degradação quando não serve para outro uso. A praia mercadoria não admite as mesmas interações que expressam a praia paisagem ou lugar, antes a negam. Lugar e paisagem de vivências inúmeras, a praia e o corpo se desvelam em interação. O desfrute desse espaço à beira-mar não é inofensivo, nem tampouco se limita a uma comercialização turística. A geografia, na busca por compreender as interações humanas que constituem o mundo e vice-versa, deve atentar para o que o corpo exposto à praia revela. Do sensível ao sublime, perpassando o sagrado e formas tradicionais de vida à beira-mar, a praia aspira conexões com mistérios profundos no nível tangível da pele envolta pela água salgada.

Palavras-chave: praia, essência, paisagem, lugar, fenomenologia

ABSTRACT

Understanding the essence of the beach, space by the sea, is this research's motto. As a reason of existing, it is also a guide to actions and drives of doing. The experience of the beach, in its various presences, impelled both the inquiries and the answers collected. Childbirth of the perceptive experience of the beach to unfold its sensorial aspects and the body that lives it. Inside the infinity of the experiences of work and the sacred, own experiences of interaction with space. The beach reveals itself, to an inquiry whose soil is geographic, through its spatial essences. The beach as a meeting place in the possibility of sheltering the sand, facing the auspices of the sea, but also in welcoming the exposure of the naked body, historically vulnerable skin. However, the same interaction that makes the beach place presents the first donation as beach landscape. The beach is appreciated in its sensitive nuances, so it even strips the body and allows it to be even more exposed. In revealing the beach landscape to the naked body allows the possibility of the beach-place. Work interactions make the beach-place denser, in routines, knowledge and body marks of constant exposure, entering the intimacy of the world that reveals itself in its daily immensity. The intimacies of the body and the world reveal themselves on the inhabited beach. Knowing the beach in its routine aspects, knowing its moods, the depth of its waters, its flavors and its dangers, is to recognize its life. The living beach is dazzling, substrate of daydreams, margin for leaps from the sublime to the sacred, obeisances. It is in tune with the feeling-landscape. The experience of the beach in its different forms of presentification revealed the transgression of the sea, which invades the interior lands and allows people to dream beach together. The intersubjectivity of dreams that aspire to salt water makes beach in the dry urban and exposes a new sense to the place: without its original landscape, the beach subsists in the bodies that experience it. For the inhabitants of the interior lands, the beach also presents itself in the impulse to the trip. From the intimacy of the beach that exists only in the body that dreams it in abstract comfort, the trip allows the unveiling of the immense beach, sensitive landscape. It is the essence of the beach that opens up to the sky, as well as the presence of waters that oscillate. The waters that compose it bring their own charms in their sensitive forms that unfold. Spring, furrow, stream, river, waterfall, mouth, beach. The possibility of making beach is contained in the water, which involves but limits, encompasses but expels. The beach is also present in the corners of the rivers that run water to the sea. In the specific experience of this run, it is also notable the perversions of water, which becomes sewage, waste, mud, bringing its impossibilities to the sea. In places you can not enter the sea, is there a beach? The beach that is harmful to the living body, its contaminated waters, flavors, odors and sands repel the exposed body and take advantage of its vulnerability. The sensitive landscape hurts and repels, but not by its very essence of risk and mystery. The beach is, then, commodity, valued by the possibility of use and enjoyment that generates profit. Or devalued by its exhaustion and degradation when it is not for another use. The beach merchandise does not admit the same interactions that express the beach landscape or place before the deny. Place and landscape of countless experiences, the beach and the body are unveiled in interaction. The enjoyment of this space by the sea is not harmless, nor is it limited to tourist commercialization. Geography, in the quest to understand the human interactions that constitute the world and vice versa, must pay attention to all that the body exposed to the beach reveals. From sensitive to sublime, spanning the sacred and traditional forms of life on the seashore, the beach aspires connections with deep mysteries on the tangible level of skin encased by salt water.

Keywords: beach, essence, landscape, place, phenomenology

SUMÁRIO

A LENTA DANÇA DO MAR NA COSTA OU UMA LEITURA SENSÍVEL DA GRAFIA DAS ONDAS

Prelúdio de uma composição visceral.....	8
I – DA COMPOSIÇÃO: DANÇAR NA AREIA DA PRAIA	14
1.1. O corpo à beira-mar.....	15
1.2. Das gentes que curtem ao sol da praia	28
2.1. O corpo em trabalho à beira-mar	44
2.2. Das gentes que vivem a praia como lugar	61
3. Ecos do corpo à beira-mar.....	72
II – TRANSGRESSÕES DE MAR E PRAIAS INTERIORES	90
4. O caminho das águas ou do rio de lama do progresso	91
5. A cidade da partida ou das possibilidades do urbano seco.....	101
6. A viagem até o mar	110
III – DO COMPOR: UMA LEITURA SENSÍVEL	123
7. Compreender a beira-mar sob orientação fenomenológica.....	124
8. Vislumbres de um processo de composição.....	137
Poslúdio ou o direito à praia.....	144
Referências.....	150

São tão terríveis nossos conceitos equivocados sobre a ciência.
Achamos que ela envolve o que é definido, preciso, conhecido.
Na realidade, ela consiste numa horrenda série de portões que se
abrem para um desconhecido tão vasto quanto o universo, o que
quer dizer interminável.
(RICE, 1996, p. 205)

*

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora,
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.
(CAEIRO, 2006, p. 92)

*

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de cousa a cousa.
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria letra inocente e mais verde e florida do que isso!
(CAEIRO, 2006, p. 93)

Prelúdio de uma composição visceral

Visceral.

visceral

vis·ce·ral

adj m+f

1 ANAT Relativo ou pertencente a víscera(s); visceroso.

2 Que é muito íntimo ou profundo.

3 FIG Extremamente arraigado.

(VISCERAL, 2017)

Escolho focar no que é visceral, seja na vivência ou na descrição das coisas e acontecimentos do mundo. Isso quer dizer: entonteamento, devaneio, deixar que mínima alusão me leve em pensamentos. Que a mera inclinação tímida me incendeie. Que siga por parênteses sem fim, sem destino. Exponho arranjos da matéria infinda que perpassam sentimentos e revelam entranhas. Ou, pelo menos, tento. Recupero o mundo no visceral. O mundo perdido nas falácias sem fim do conhecimento estéril, simplório, que limita ao invés de transgredir. O mundo que perco todos os dias nos equívocos e injustiças do sistema hierárquico que o governa. O visceral tangencia obliquamente as hierarquias governantes. Implode-as. Come inteira pelas porosidades vazias.

Recupero a velhice do mundo no visceral. Velhice que sentimos na terra, nas cavernas e mares, montanhas e florestas. Nas rugas da carne idosa, nos fundos dos olhos de quem vive desperto. Na chuva que cai sem alardes, na sujeira do sexo e do parto, na crueza da fome. Na podridão do esgoto, no descaso da morte. Persigo o visceral. Quero fazer a virada e viver nele. Será possível?

Dentro de mim, em algum canto indefinido, já existia uma fascinação com a praia, com esse espaço à beira-mar, que é chão, matéria sensível e concreta onde vivem as gentes. Ela tem dado seus toques e pinceladas na tonalidade dos meus gostos e desejos desde algum tempo. Deixar que ela explodisse e me fizesse me conduzir até aqui não foi muito difícil.

Difícil mesmo é viver a contagem dos dias e das horas, as formalidades de tempo e espaço. Nisso, sou constantemente derrubada e carregada sem controle algum de qualquer parte de mim. Fazer-se clara é sempre esterilizar os conteúdos das palavras? Mesmo quando a clareza deveria ser evidenciar poços mais fundos?

Diria de modo visceral que degusto a praia que se presentificou para mim nesses tempos que nem sei contar inícios. Seguro ela na língua para sentir suas composições. Tento compreender quais nuances me fascinam, que praia permanece no corpo e como ela se perde no mundo.

Agora, de outra forma poderia dizer que esse trabalho consiste em um esforço investigativo e reflexivo para compreender a essência desse espaço à beira-mar característico que é a praia. Que *essência* aqui diz de uma influência assumidamente fenomenológica, especificamente em obras de Edmund Husserl, um filósofo europeu de dois séculos passados. As repercussões da adoção fenomenológica vão em termos de método, teoria e prática. Essa pesquisa, portanto, comporta reflexões acerca de algumas experiências de praia com as quais tive contato a partir da vivência desse espaço à beira-mar.

Poderia dizer, ainda, que a *geografia*, essa ciência que cutuca em palavras cada buraco ou monte de terra, pode se interessar por grandes cadeias de montanhas e topos do mundo, mas também pela forma e *sentido* dos *demoiselles*, esses pequenos montículos de sedimentos salpicados de chuva. Que nenhuma das duas grandezas exclui as gentes, as pessoas que andam e choram chão.

Contudo, tudo isso eu poderia dizer e talvez fosse minha presença geógrafa falando. Talvez fosse outra coisa. O que se evidencia, porém, é o não saber. O não saber que abre e fecha nossa passagem fugidia. Que nos faz tentar dar sentido às coisas. Essa é uma tentativa. De fazer sentido em um espaço intensamente compartilhado entre as gentes, ameaçado por cobiças e irresponsabilidades inúmeras; de fazer sentido por meio de um arcabouço teórico metodológico embasado na fenomenologia.

Compreender a essência da praia, espaço à beira-mar, é o mote dessa pesquisa. A praia, aqui, não é entendida por meio das obras científicas já escritas acerca dela. Ela é composta pelas experiências de desfrute, trabalho, lar, viagem, arte etc. juntamente com seus aspectos materiais objetivos. De fato, a leitura da materialidade da praia está condicionada às experiências que ela oportuniza na interação com as gentes.

Foi a partir da vivência desse espaço à beira-mar, em suas diversas formas, que a praia se revelou para mim, permitindo a própria pesquisa. Ela se fez presente não apenas no exortar de sua paisagem sensível, mas também no impulso à viagem, nas águas que correm chão interior e, especialmente, nas transgressões no urbano seco. Essas

experiências que compõem a praia podem ser elencadas e dissecadas através da descrição em uma tentativa de se formular em linguagem a sua essência.

A essência da praia é o que faz dela o que é, permitindo inclusive que nós identifiquemos uma praia ao senti-la ou vê-la. Embora ao conhecer uma praia já compreendemos, em algum nível, sua essência, elaborar o que a compõe é tarefa mais complicada. Para tanto, é possível seguir as indicações da fenomenologia em matéria de metodologia. Realizei essa tarefa a partir da descrição: da forma como a praia se revela ao corpo na vivência perceptiva, que pode ser aprofundada por meio das experiências de desfrute, de trabalho e de adoração. Mas também a partir da forma que a praia se revela ao corpo que não está imediatamente em contato com sua paisagem sensível, na vivência do desejo que leva à viagem ou do sonho compartilhado que faz praia através da transgressão da arte e da festa. Todas essas experiências revelam essa composição que é a praia, permitindo testar os próprios limites que a definem à primeira vista em ordem de se compreender sua essência.

A descrição que faço aqui dessas diferentes experiências que revelam a praia segue os preceitos husserlianos. Constitui uma descrição rica, muitas vezes em primeira pessoa do que foi sentido ou pensado na interação com o fenômeno investigado. Mas também recupera memórias, narrativas da experiência de outras pessoas ou descrições elaboradas por elas em livros, músicas etc.. A descrição plena permite que o foco permaneça no fenômeno enquanto outras vivências do mesmo são consideradas fontes válidas de investigação, para além da científica. Assim, um dos principais recursos para descrição das experiências de praia que utilizo aqui é a arte cinematográfica.

A fenomenologia husserliana apresenta um impulso a vivência em primeira pessoa do fenômeno e da descrição das formas como ele aparece. Entendo que este seja o primeiro impulso da pesquisa. Deixar que as interações com o fenômeno revelem mesmo suas composições, onde ele aparece ou o que ele traz consigo. Antes de ler seus significados nos trabalhos científicos já elaborados, deixar que o cotidiano ordinário o revele. Por isso, a praia aqui se revela também na água que corre rio e no urbano seco e interior. Mas, além disso, a praia se revela por meio do trabalho e do sublime, aspectos para os quais a literatura e o cinema foram fontes ricas de composição de uma descrição plena.

Ainda assim, a descrição dessas experiências que compõem a praia e revelam sua essência não chega nem perto de esgotar a infinidade desse espaço. Embora essa pesquisa seja uma tentativa e um esforço, ela apenas presentifica uma reflexão que se encaminha pela busca da elaboração em linguagem, da expressão, da essência da praia. Mas não chega nem

perto de esgotar ou concluir essa expressão. A praia é um espaço vivo e em viva interação com as gentes. É matéria de sonho e fantasia, com alcances muito maiores até do que a sua paisagem sensível. Essa pesquisa encaminha uma reflexão em geografia que oportuniza continuidades, inclusive a partir do reconhecimento de que a praia é solo para mergulhos profundos e pode ser estudada em muito mais detalhes.

A composição visceral que intento presentificar aqui leva essa adjetivação em função das especificidades que a busca pela *essência* da praia envolve. O conhecimento de essência, em virtude da sua maneira própria de ser desenvolvido, se diferencia dos saberes científicos tradicionais. A *essência* traz um esmiuçar que, ao invés de diminuir e simplificar a compreensão de algo, expande. Assim como o visceral, próprio das vísceras, íntimo e profundo, próprio e expansível. Para realizar essa composição: trago as experiências que constituem a praia, sem esquecer da sua objetividade que está em doação por meio da interação com as gentes; descrevo-as a partir de diferentes vivências intelectivas, tais como a percepção, a memória, a empatia e sensibilização pela arte, a leitura; por fim, reflito sobre o que aparece a partir da descrição. A descrição e a reflexão que se estendem aqui foram elaboradas em três partes.

A primeira parte da composição, denominada *Dançar na areia da praia*, traz as vivências perceptivas e sensíveis da praia, que a revelam na interação com o corpo por meio de diferentes experiências, a saber: de desfrute, trabalho e adoração. Em *Corpo à beira-mar*, exploro as nuances sensíveis do corpo em desfrute na praia. A vivência perceptiva da praia revela sua primeira experiência: o desfrute da paisagem que expõe o corpo em vulnerabilidade. O corpo exposto é o corpo íntimo. Recupero, então, a possibilidade de abrigo que a paisagem praiana oferece. Para tanto, adentro na descrição da narrativa do filme argentino (em coprodução com França e Espanha) *XXY*, de Lucía Poenzo (2007); já no *Corpo à trabalho em beira-mar* falo dos trabalhos à praia que conhecemos na vivência desse espaço, como dos ambulantes e da pesca. A experiência da praia para o corpo em trabalho encarna uma exposição diferente do desfrute. A paisagem praiana é composta por conhecedores íntimos de suas infinitudes e movimentos. A praia pisada e repisada pelos trabalhadores é lugar-praia. Para adentrar nas complexidades dessa relação, descrevo a narrativa do filme mexicano *Alamar*, de Pedro González-Rubio (2009). Por fim, no *Ecos do corpo à beira-mar* chego aos terrenos mais inexplorados pelo indagar científico. O aprofundamento da compreensão do lugar-praia pelas gentes faz reconhecer o seu alinhamento com outras forças. Aqui, a intimidade do lugar se desdobra

na imensidão da paisagem e vai além. O sentimento-paisagem desperta a compreensão do invisível e das forças e riscos que o compõem. Em uma tentativa de compreensão dessa experiência de praia que ecoa, descrevo a narrativa do filme neozelandês *A encantadora de baleias*, de Niki Caro (2003).

Na segunda parte dessa composição, *Transgressões de mar e praias interiores*, recupero as maneiras como a praia se revelou para além de sua paisagem sensível. Em *O caminho das águas ou do rio de lama do progresso*, sigo as águas que brotam nas serras e montanhas e se reúnem em rios, gigantes cobras d'água que comem terra até o mar. Atesto a capacidade de fazer praia que a própria água contém. Contudo, também a água contaminada se alastra... O progresso tecnológico rearranja a matéria em modos baratos que às vezes não suportam o peso das mudanças. Sigo, assim, também a água alaranjada de lama do Rio Doce (MG/ES), comprometido pelo rompimento da barragem de resíduos do consórcio minerário da Samarco/Vale/BHP Billiton, em 2015. As modificações na paisagem que empreendemos a partir dos nossos modos de habitar podem gerar praias de água contaminada e impróprias ao banho e à alimentação, depósitos de lixo na areia que desarticulam qualquer desfrute, trabalho ou adoração. Aqui, a praia traz uma impossibilidade de permanência; em *A cidade da partida ou das possibilidades do urbano seco*, descrevo a surpresa de encontrar praia distando quilômetros do litoral em um delírio coletivo por água que a paisagem urbana e seca comporta. Diferenciando das mensagens e possibilidades que a paisagem praiana oferece, o urbano seco e racional se rasga na transgressão do mar que leva praia à praça e às ruas através do corpo salgado de suor das gentes. A praia, assim, é expressa como uma paisagem imaginária e intersubjetiva; por fim, observo que a praia já existe, em alguma medida, no espírito do viajante que caminha até ela. Em *Viagem até o mar* faço o caminho dos viajantes do interior até o litoral. Busco compreender a experiência da praia que é impulso de viagem. A paisagem se desvela e revela as próprias gentes que a perseguem. Recupero, aqui, a praia que é lugar de exposição, desfrute e suas permanências no corpo que viaja. Para tanto, descrevo a narrativa do filme uruguaio *El viaje hacia el mar*, de Guillermo Casanova (2003).

Na terceira e última parte dessa composição, *Do compor: uma leitura sensível*, me volto para o próprio processo de pesquisa. Em *Compreender a beira-mar sob orientação fenomenológica*, destaco a orientação fenomenológica que encaminhou essa pesquisa, retrazando as principais formulações de Edmund Husserl e suas consequências para uma maneira de *fazer geografia*. A orientação fenomenológica, aqui, diz respeito a um

conjunto de ideias e formulações elaboradas por Edmund Husserl nos anos iniciais do século XX, que são interessantes por coadunar com os próprios entendimentos acerca do mundo e da vida que eu sustento na minha leitura geográfica. Contudo, as linhas gerais dessa orientação, como a valorização da experiência, a atenção ao presente, a consideração das coisas imateriais e a relevância dos sentimentos e do corpo, estão presentes em inúmeras outras filosofias e maneiras de pensar. Não são, portanto, monopólio da fenomenologia. Meu alinhamento a fenomenologia tem mais relação com a oportunidade de fundamentar um trabalho científico a partir dessas linhas gerais do que com o desejo *per se* de recuperar e (me) aprofundar (n)essa vertente filosófica. Reconheço e valorizo, porém, a oportunidade que um estudo maior da fenomenologia traz, uma vez que Edmund Husserl e seus discípulos dedicaram suas próprias vidas a pensar as consequências e desenvolvimentos dessas linhas gerais para o conhecimento e o processo de conhecer. Em *Vislumbres de um processo de composição*, adentro no processo de concepção e apresento os caminhos percorridos e os motivos de ter escolhido trilhá-los. Vale lembrar que a escolha do método fenomenológico influenciou a metodologia desenvolvida, o meu modo de fazer. O conteúdo desse trabalho foi expresso ao longo dos outros capítulos, deixando a contextualização teórica, metodológica e as justificativas de processos para o último momento. A escolha por alocá-lo assim foi baseada na própria fundamentação fenomenológica que incentiva a experiência das coisas mesmas antes de qualquer formulação sobre elas. Aos leitores, é dada, porém, a liberdade da errância.

À guisa de conclusão, trago no poslúdio o escritor mineiro Roberto Drummond (2002) em sua exortação à adoração da praia. Em *O direito à praia*, recupero os sentidos e significados da paisagem praiana para proclamar nosso direito a esse espaço.

I

—

**DA COMPOSIÇÃO: DANÇAR NA
AREIA DA PRAIA**

1.1. O corpo à beira-mar

Bate o vento no corpo antes de qualquer vislumbre. Envolve a pele em um abraço a impregnando inteira com suas carícias salgadas. É brisa suave, mas pode causar a necessidade de um respirar profundo. O cheiro arranja seu caminho até o nariz, mas é a pele inteira que parece o inspirar. Adentra como gosto, ficando no meio caminho entre o nariz e a garganta.

Quando o vento se vai, fica o melado na pele. O melado na verdade é sal, que é cheiro e gosto e toque. Diferente do suor salgado, parece nos grudar ao mundo ou, antes, deixar que o mundo vá grudando na gente. Assim, é no tato que o cheiro salga e mela, nos fazendo coral. Ou, talvez, compreender nessa corrosão salgada do corpo o que é ser ferrugem.

Uma incongruência fantástica sentir no corpo a corrosão do sal e o melado que gruda, o que pode chegar às vias do incômodo. Fazer querer logo um banho. Entretanto, um banho de água alta, que limpa. Mas não seria essa limpeza apenas o nome que damos para a camada doce que fica na pele?

O mar vem primeiro pelo cheiro, tato e gosto. Depois vem o barulho. Quando o ouvimos percebemos que ele já estava lá. É um barulho incansável de água quebrando. Um som que vem chegando, aumentando e logo se quebra e se espuma. Barulho espumante são bolhas se atritando e acabando, explodindo, desfazendo. Para começar então de novo.

É só na praia que a água quebra. Em todo resto ela flui, redonda, com força ou não. Espécie de incongruência da forma que soa quebrando quando é redonda, ondular. Mas soa ondulante e fluída quando se quebra no entrechoque continental entre água e pedra forte, escavando rochas e se fazendo corredeira, cachoeira.

Se nos desfocarmos do corpo para atentar aos sons, o barulho é assustador. Bate a água salgada no pé e quebra com pouca força, já o barulho alcança dimensão de catástrofe. O barulho da água que quebra é desproporcional. O mar não parece razoável.

O mar precede a praia, mesmo que na disposição espaço-temporal do caminhante do interior ele pareça estar depois. Antes de pisar areia, o mar já lançou seus tentáculos salgados no ar, cheiro e sons característicos. O mar se lança aos sentidos, vence a distância, corta a areia que faz praia.

Os pés que pisam areia já começaram a provar o mar e o próprio corpo no caminhar descalço. Descalçar os pés chega a ser um prazer por si só. Os calçados, assim como as roupas, já não servem apenas para a proteção do corpo. Existem por si mesmos, quase sem lembrança de uma função. A nudez dos pés descalços nos liga ao chão, calcanhar encostado na areia, corpo estável e refulgente. É, muitas vezes, uma ligação difícil e não apenas por causa da ocasional areia quente, mas também pelo descostume dos pés livres. Descalçar os pés é o início da vulnerabilidade à praia e do poder de se conter inteiro, consciente e confortável no corpo próprio.

Os pés pisam a areia fofa. Grãos duros e cristalinos que se intrometem entre os dedos, mas que também se moldam aos pés. Um chão que se abre e nos aceita, nos agarra, logo nos exaure. Exaustão do corpo por ter que forçar nossos pés para cima a cada passo, esforço a mais para abandonar o casulo de areia revolvida das pegadas.

Perto da água, a areia é mais dura. Mais fácil de caminhar para o corpo acostumado com pisar o concreto, o asfalto, a terra batida. Os pés que tentam se fixar onde as ondas os lambem, vivenciam a instabilidade da água que move e remove seu apoio. Num instante, parados, parecemos chegar mais perto do mar, mas quem anda é a água. Mesmo se não nos movimentamos nessa ilusão, talvez fiquemos mais próximos do mar ao receber suas carícias.

Se na água logo à frente temos a fluidez líquida do contínuo e maleável, na areia vivemos o fragmentado. Pequenos grãozinhos duros e cristalinos que, quando vistos de perto, revelam-se de toda espécie de cor e formato. Eles se atritam com o corpo, retirando nossos próprios tecidos sobressalentes de carne, peles em fiapos indolores. Descamamos em seus fragmentos duros. Já a água, essa nos dilui. Amolece as camadas duras dos pés descalços, de modo que a limpeza (que aqui não é doce na pele, mas mais profunda) vem do atrito com os grãos, que removem nossas peles mortas.

A praia é mesmo vivenciada na areia. Dos seus fragmentos cristalinos vêm a possibilidade de um chão que se molda e aceita o corpo que se estende ou caminha, que se coloca a brincar de montar castelos ou de se enterrar. A areia é permissiva em sua maleabilidade cristalina. O corpo que se lança na areia tem a possibilidade de fazer abrigo próprio.

A areia é uma parte fundamental da praia. Ela apresenta uma continuidade com a água do mar que a segue, pois ambas envolvem o corpo e o aceitam. A estabilidade que a areia

permite, entretanto, dá mesmo as possibilidades para o desfrute da água. É preciso chão que comporta agradável o corpo em segurança à beira d'água para haver praia.

A beira-mar pode ser composta por sedimentos menores ou maiores. Dos menores, ainda há quem chame de areia com o acréscimo de outros qualificantes, como “fina”. Praias de fina areia branca ou escura, como a argila, são geralmente evocadas pela sua beleza. Já os sedimentos maiores, seixos ou rochas expostas pela água, dificultam o caminhar e suportam mal o corpo, que é castigado pelos ângulos incômodos e duros. Há locais onde a beira-mar é composta por seixos rolados de poucos centímetros, que formam pilhas gigantes e potencialmente abrasivas ao ponto da dor quando jogadas no corpo pela força da água. Mas mesmo nesses locais é nas faixas onde a areia aparece que a praia emerge. Onde o mar beija diretamente as falésias e a rocha, aí não há praia.

A praia é a beira-mar onde o corpo pode vivenciar a si vivenciando o espaço. O solo seguro para se abrigar ao passo que o corpo experimenta a areia e a água, o sol e o céu. Nesse sentido, a praia é antes solo, fértil na possibilidade de desfrute das gentes, que mero substrato. A abertura ao desfrute da paisagem e a exposição aos seus elementos constituem uma ruptura a vivência espacial rotineira.

O que se coloca comumente aos nossos pés tem resistência de pedra, ao nosso redor tem fluidez de ar e acima de nós sempre o teto, fechado, amparador da nossa alma quieta e confortável. Vivemos sempre que possível na sombra, dos prédios e dos veículos. Banho tomado, corpo fresco e doce. Mesmo o suor é combatido, perfumado, disfarçado.

Na praia, o habitual é perseguido. As condições que encontramos na vivência perceptiva desse espaço invertem o esquema comum. Inverte no chão que pisa areia fofa, conchas pontiagudas e pequenas pedras. No céu, imenso, abrasador, que é presença irrevogavelmente consultada. No mar, textura fluida de água que envolve onde o ar comumente está. No suor, que salga o corpo e, se se procura aliviá-lo na água do mar, é preciso procurar de novo. E, ainda, na própria dinâmica mutável da praia. A praia tem extensão variada de acordo com as marés.

Muita água parada não faz mar. A oscilação que cobre e recobre a areia é também condição de praia. O avanço e retrocesso da água na areia dá vida a essa faixa de beira no mundo. É preciso estar atento às marés. Ela que dá as permissões, de caminhada, desfrute, banho, pesca ou passagem.

A água do mar cobre o máximo de areia e recua e cobre e recua com os revezamentos dos astros no céu. Movimento de água que é cíclico, as marés podem ser contadas a partir da lua, astro irrevogável da noite, nas suas fases diárias e mensais. A praia tem suas marés cheias e baixas, duas a duas por dia. A praia tem suas marés vivas e mortas, duas a duas por mês. Com as marés vivas, a lua está cheia ou nova, e as águas atingem os máximos na diferença entre seu extravasamento e recuo. Com a lua crescente ou minguante, a maré morta tem os mínimos de diferenças entre as cheias e baixas do mar. Assim, na praia oscila água todo dia.

A vivência do ciclo das águas da praia já foi indicada pela medicina de outrora às jovens, constituindo outra dimensão em ser cíclico que agrada diretamente àquelas pessoas que compartilham das marés no corpo. Comumente se relaciona a lua aos ciclos menstruais. A menstruação é apenas uma parte do corpo que oscila derrames e recuos. Mesmo antes da permissão de desfrute da praia pelas elites europeias, as moças já eram conduzidas a esse espaço, pois, conforme demonstra Alain Corbin, historiador europeu que recupera a origem da prática do desfrute desse espaço, “alguns médicos confiam que a regularidade da maré restaure o fluxo menstrual” (CORBIN, 1989, p. 87). Quase como se esperasse que o corpo aprendesse com a oscilação das águas na praia a conduzir seus ciclos. Assim como o próprio ciclo uterino, as marés não significam uma repetição do mesmo. Mas sim um ritmo próprio, dado por alguma força incontida na substância e que extravasa movimento. Compreender esse movimento ritmado, saber onde e quando pisar e seguir, faz parte de uma devoção quase mística, uma espécie de amor que habita a cotidianidade do corpo. Aqui, já não sabemos a qual ciclo de extravasamento e contenção nos referimos. Talvez a ambos.

Entretanto, a praia não está apenas coberta quando sobe a maré, escondida debaixo da água. Não consideramos a existência de praias submersas no oceano, a não ser talvez nas fantasias (e mesmo assim, é mais fácil considerarmos cidades submersas que praias). A praia existe em um espaço que oscila água segundo a cadência do céu.

Éric Dardel, geógrafo francês, nos diz sobre a praia que ela é beira e ponte para o mundo líquido. “Uma praia? Esse lugar privilegiado de um diálogo, ou melhor, esse diálogo material sem o qual o mundo líquido não passa de um ‘mundo absurdo’, de um reconhecimento vão” (DARDEL, 2011, p. 22). O mundo líquido é o mar, extensão sem fim de águas salgadas e profundas que o olhar perde na curva do mundo. A praia é o espaço em que adentra o mar, em chão cristalino de areia e sal que segue submerso para

além das pernas que o pisam. A praia é solo seguro para as pernas que se inclinam para o mar.

Franja do mar na costa, as ondas acariciam a areia. “Marinha ou lacustre, a água mais calma responde ao sopro que a faz ondular” (DARDEL, 2011, p. 21). O vento bate na água que se crispa e relaxa, ondulante. Mas há ondas e ondas e sempre um detalhe a mais. Coisa que poderia nos informar Palomar (CALVINO, 1994), personagem de Ítalo Calvino, dono de livro próprio e hormônio. Em sua observância detalhista das ondas, Palomar deseja elaborar uma definição, uma compreensão total dessa materialidade líquida, entretanto não consegue nada além de nervos tensos e insegurança.

O senhor Palomar vê uma onda apontar na distância, crescer, aproximar-se, mudar de forma e de cor, revolver-se sobre si mesma, quebrar-se, desfazer-se. A essa altura poderia convencer-se de ter levado a cabo a operação a que se havia proposto e ir-se embora. [...] não se pode observar uma onda sem levar em conta os aspectos complexos que concorrem para formá-la e aqueles também complexos a que essa dá ensejo. Tais aspectos variam continuamente, decorrendo daí que cada onda é diferente de outra onda; mas da mesma maneira é verdade que cada onda é igual a outra onda, mesmo quando não imediatamente contígua ou sucessiva; enfim, são formas e sequências que se repetem, ainda que distribuídas de modo irregular no espaço e no tempo. (CALVINO, 1994, p. 5)

As ondas são essa alteração da superfície da água em formas arredondadas que se erguem e quebram, se debulhando em espumas brancas, embora entre uma e outra possam levantar água em um caminho longo. “Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação” (DARDEL, 2011, p. 21). As ondas parecem incutir aos olhos, aos ouvidos, ao corpo das gentes um ritmo hipnótico que deixa as sensações em suspenso, leves como a brisa que perpassa a pele arrepiada.

Contrastando com o movimento incansável do mar na praia está o corpo arrepiado das gentes que o adentram a se banhar. A água fria parece congelar o corpo, em choque e hesitação, até que a coragem retorne e conduza a um mergulho. Molhar a cabeça parece ser tarefa impossível quando mal as pernas conseguem parar na água gélida. Facas afiadas parecem se enfiar na pele quando na verdade só existe o frio e o arrepio. Já as águas quentes atraem as gentes em banhos relaxantes. Bem na beirada d’água, chegam a queimar os pés que precisam correr para se refrescar. Existem praias de água fria, mas também de água quente.

O corpo que adentra a água também sente a onda. Ela levanta o corpo quando passa redonda, assim como levanta a água. Quando ela dá o bote, se erguendo para logo cair quebrando com força, é mesmo possível mergulhar na parede que levanta. Furar onda é uma delícia a parte na tarefa prazerosa de se banhar no mar. A onda leva em direção à areia, mas o corpo resiste e a combinação das forças faz o mergulho achar logo a superfície. A onda passa para quebrar mais à frente e o corpo levanta e respira molhado e salgado.

Nem sempre são amigáveis os mergulhos. Quando a onda já se ergueu e quebra bem em cima do corpo, o mais certo é o caldo. O corpo descontrolado sendo jogado até a areia. Bate no fundo, no lado, no outro corpo... embola em rolo de carne salgada, se esfolia no atrito, é massa refém da vontade do mar. Pode sair um pouco desalinhado nos trajes, misturado com areia e algas e folhas e o que mais estiver por lá. As ondas parecem tentar fazer das gentes uma parte do mar, misturando com força a composição.

Ondas gigantes também chegam a costa, porém, não vêm com o vento. Os movimentos são mais internos, bramidos da terra que estrondam ao redor. São ondas que demoram hora para se espumar, quebrando na areia em um movimento forte de inundação da terra por longas distâncias. São monstros marinhos que assombram tantas praias, porém não todas. Dessa vivência do risco e da espreita, enormes, nada sei além do que me contam meus sonhos recorrentes de infância. Não cabem aqui.

O mar se lança na paisagem, a perder de vista. Insinua um mundo absurdo, no qual adentramos apenas na beirada. Adentrar ligeiro que nos apazigua ao ligar nossos corpos pela água, tecido fluído, com a distância do horizonte. O horizonte, difusão de céu e mar, não chegar a ser uma linha, mas antes sua ausência. Testemunha de continuidades e mistérios.

Pro corpo que treme na água recuada à espera de uma nova onda, a sombra das nuvens faz frio. Corta o sol, alento da pele arrepiada. O céu é abertura de exposição, mas também composição de praia. É, ainda, presença irrevogavelmente consultada acerca da possibilidade de desfrute da praia.

Complementando o espraiamento do mar, temos o céu. Mas não assim, em sequência. É a simultaneidade da presença que esmaga. O mar dança segundo a cadência do céu, seus humores compartilhados. O céu se alinha ao mar na desordem trovejante da tempestade. Para Dardel (2011), a tempestade revela brutalmente o desejo do mar de tragar as gentes.

“Contra o homem, acima do homem, força hostil e superior, o mar em fúria faz às vezes pensar que uma potência sem alma surge das entranhas do mundo” (DARDEL, 2011, p. 21). Não é disparatado ver essa mesma potência atirando raios e rimbombando trovões quando temos constantes alertas dos perigos da praia tempestuosa. Começa os raios a cair na areia, e as gentes correm em desocupar. A queimadura concentrada de descarga do céu é intensa e fulminante.

Temos largo céu azul e limpo que espraia um mar calmo e uma praia fresca. O sol despontando acima queima sem empecilho a carne exposta das gentes. Muitas vezes, as fofas nuvens brancas que correm o céu azul trazem o testemunho dos ventos e da sombra. O céu, abertura de luz e escuridão, traz um ritmo para as águas, mas também distribui suas cores.

As cores do mar e até mesma da praia são variáveis segundo o momento do dia e a profundidade das águas. Tons de azul, verde, marrom, preto e, nos momentos em que sol desce e a noite cai, uma espécie de brilho prateado de espelho reflete o céu azul e as nuvens brancas mesmo nas poças mais rasas. Como nos apresenta a romancista Rosamund Pilcher, em seu livro “Os catadores de conchas”, os vários tons do mar vistos da praia até o horizonte revelam parte da fome do olhar. Filha de pintor, a personagem se coloca no lugar onde o pai criou o quadro que dá o nome ao romance e observa.

Olhou para o mar, tentando decidir como, se fosse papai, se incumbiria de pintá-lo. Porque, embora ele fosse azul, era um azul composto de mil matizes diferentes. Cobrindo a areia era raso e translúcido, um verde-jade estriado de água-marinha. Sobre as rochas e algas, escurecia para índigo. Mas além, onde um pequeno barco pesqueiro abria caminho através das ondas, transformava-se em forte azul-da-prússia. Havia pouco vento, porém o oceano vivia e respirava; intumescia-se de profundidades distantes, formando ondas. O sol, brilhando com seus raios através delas quando se encurvavam para rebentar, transformava-nos em esculturas móveis de vidraçaria verde. E, finalmente, tudo era afogado em luz, aquele único e ofuscante brilho que atraía pintores à Cornualha, que instigava os impressionistas franceses à paixão pela criatividade (PILCHER, 1994, p. 508).

As cores pintam a água desde a areia até o horizonte. O céu a tonaliza em azuis fortes, brilhos amarelos de sol ou prata da lua. As gentes se entregam no olhar, deslumbrado ou contemplativo, que parece querer provar o sabor do que vê tanta é sua ânsia.

A fome do olhar é uma incapacidade de se contentar com um mero ver. Como nos apresenta a anedota do escritor uruguaio Eduardo Galeano sobre o menino e o mar. O garoto anda bastante pelas dunas para descobrir o mar com seu pai e finalmente ao chegar

“foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!” (GALEANO, 2002, p. 12). “Ajudar a olhar”, esse pedido revela a própria fome. Um querer abraçar cada pedaço, olhar com a profundidade da garganta. É também se perder em devaneios. Devaneios que soam como a mente a ondular pensamentos. Talvez a única resposta possível frente a imensidão desse mar.

Essa grandeza de visão, essa imensidão, não pertence só ao mar. A praia é antes o caminho de quem quer tocá-la. Mas em nossas mãos a imensidão escorre. Não se pode estar aqui e lá, na ilusão do horizonte. Às mãos humanas não parece pertencer grandezas. Estas são dos olhos.

Digamos que seja noite. Já se afastaram os banhistas, os tomadores de sol e os caminhantes diurnos. As luzes de eletricidade não se aprofundam muito na escuridão marinha. É mundo líquido e sombrio, exposto ao iluminar do céu. Se é noite de lua cheia, a areia é banhada por luz prateada, fria e amiga da penumbra. A lua deixa também seu rastro no mar, parecendo indicar que esse mundo ao qual a praia nos liga responde a forças além do alcance humano. A faixa que faz o luar na água parece, ainda, chamar em condução a esse mistério.

Na penumbra se escondem novas possibilidades de desfrute do lugar. O abrigo da areia à meia luz dá permissões até mesmo ao mais tímido. Algo incontido pode querer se expressar e só aí encontrar solo propício. Revelações, sonhos. Para o casal apaixonado que desfruta a praia a noite, a luz da lua cheia nas ondas pode adquirir o movimento e o brilho das algas fosforescentes que iluminam em magia o noturno no mar. Prata e preto. O barulho quebrante das ondas segue desproporcional para nós que esperamos sempre a previsibilidade da imensidão em coisas grandes.

Nas outras fases da lua, a praia é tragada pela escuridão. As estrelas aparecem e embora sejam tão claras que parecem emanar luz, na areia e para frente é tudo negro. Negro de vento, barulho de água quebrando e algo que pertence ao corpo que se põe para fora na escuridão. Michel Serres, filósofo das sensações, nos dá o gosto da escuridão no corpo desacostumado. “A escuridão acorda os membros, eles correm, por si, em socorros dos olhos, intensamente presentes quando a visão se vela” (SERRES, 2001, p. 64). A praia também é desfrutável no escuro. Ela continua lá, aberta, com o mar se movimentando molhado. O desfrute vem histérico, no medo que a escuridão proporciona. Ou possível, no abraço ao acordar dos membros.

Acostumados a ver para definir em detalhes a própria realidade, estar a céu aberto na escuridão nos revela um aspecto do mistério de existir que rapidamente se confunde com o medo do que é indefinido. Sintonia cósmica, mundo sonhado, situações primitivas: são todas impressões que chegam com o silêncio das areias, que não é propriamente sem som. Enquanto as ondas não param de rolar e quebrar molhadas, na areia o silêncio é antes uma vibração sonora inaudível, mas tateável, como a expectativa que antecede em segundos um estouro. Um silêncio de espreita. “Mas o mundo só oferece a noite ou a escuridão para enganar a habilidade do atento” (SERRES, 2001, p. 64). O atento se fixa aos mínimos detalhes do puro ver, esquadria como quem conquista o espaço com o olhar. Na escuridão, suas habilidades se confundem. Seria aquilo um animal? Uma pedra? Uma bolsa perdida? É preciso se entregar a escuridão. Chegar perto, tocar, cheirar. Mesmo os sons se embaralham sob o manto da noite, que cai silenciosa e ensurdece o quebrar das águas. Ensurdecer... O que tira a escuta não é a diminuição do som, mas seu exagero. “A noite não anestesia a pele, ela exalta sua finura” (SERRES, 2001, p. 64). Na finura da pele se dá a possibilidade de o mundo adentrar no corpo em compreensões novas.

A pele se afina no contato cego com o mar, permitindo outras escutas sensíveis, mais profundas em intimidade. É o que vivencia Derek Rabelo, surfista profissional brasileiro nascido no estado do Espírito Santo. “Eu não vejo o mar como você, mas talvez sinta o mar melhor do que você. Cada parte de uma onda possui um som diferente, e a partir deles eu decido para qual lado da onda vou surfar” (RABELO, 2016, p. 1). Cego, o surfista compreende o mar pelos sons. Embora tenha crescido ouvindo o barulho das ondas em casa, apenas quando se atreveu a surfar foi que começou a desvendar os sons e a imaginar o mar, as ondas (RABELO, 2015). Enquanto outros surfistas aprendem vendo o mar e seus semelhantes interagindo com ele, Rabelo aprendeu a partir do toque e dos sons (RABELO, 2015). Rabelo sente o mar e o escuta. As ondas vibram sons diferentes e é possível persegui-los concretamente como se persegue uma boa onda.

Sem o distanciamento da compreensão pelos olhos, o que resta é a imersão. O mesmo encanto que as ondas trazem ao olhar, sentimos no corpo que corta e ondula com as ondas. Talvez seja essa proximidade, que traz o encontro a pele, que seduziu o surfista a querer sempre uma nova onda.

Enfrentar a água forte, suas ondas e correntezas, traz um deslumbre e um prazer. Aqui, ver apenas não basta. Christopher McCandless, andarilho estadunidense cuja morte

prematura no Alasca foi contada em livro por Jon Krakauer (1998) e em filme dirigido por Sean Penn (2007), destaca do desfrute do mar não suas carícias, mas seus golpes.

Os únicos presentes do mar são golpes duros e, às vezes, a chance de sentir-se forte. Eu não compreendo muito o mar mas sei que as coisas são assim por aqui. E também sei como é importante na vida não necessariamente ser forte, mas sentir-se forte, confrontar-se ao menos uma vez, achar-se ao menos uma vez na mais antiga condição humana, enfrentar a pedra surda e cega a sós, sem outra ajuda além das próprias mãos e da cabeça. (PENN, 2007)

McCandless revela a necessidade de sentir a si mesmo forte, em domínio das próprias mãos e da cabeça, a enfrentar os golpes duros. Sensação que é possível alcançar na franja do mar, no desafio ao corpo e às ondas, mas que também é necessária no enfrentamento dos golpes da vida. A pedra surda e cega a que o andarilho se refere não está bem localizada na praia, mas na sua vida como um todo. É o próprio mundo, suas gentes e estradas. Assim, para McCandless, os únicos presentes do mar são seus golpes que fortalecem, em todos os sentidos, o corpo vulnerável que os enfrenta. Ao buscar os ensinamentos que a vivência ao ar livre proporciona, o andarilho retira algo específico da sua vivência da praia.

Colocar as mãos, a cabeça e os pés juntos em defesa de sua vida. Sentir nos músculos rijos e fortes a tensão que suporta a dor e a confusão. Sem o desmazelo do corpo sedentário, que já se esqueceu como se firmar em pé. Corpo e mente afinados em lucidez, e o respirar é tão forte que chega a doer. Dor pequena de estar vivo. Na praia, sentimos nosso corpo, forte ou fraco. Sentimos nas areias ou nas ondas, a caminhar ou nadar. A própria força da água ou da areia quente ou fofa, molhada ou dura, nos faz resistentes ou medrosos, mas conscientes da nossa própria carne. A praia fortalece o corpo nas suas exigências de desfrute. Nesse sentido, o mar é o mesmo para todos. A praia exige do corpo exposto.

Os olhos são incapazes de dimensionar a intensidade da onda, é preciso o corpo inteiro imerso. A força é comumente destacada como atributo das águas do mar que batem e quebram no corpo das gentes. “O prazer nasce da água que flagela. O banhista delicia-se ao experimentar as forças imensas do oceano”, explica Corbin (1989, p. 85) sobre os banhos prescritos pelos médicos a burguesia europeia no início do século XIX. E o que dizer dessa força? Imensa na possibilidade do ataque ao corpo das gentes, mas que chegam em doses passíveis de enfrentamento. O mar que flagela a carne humana, antes mesmo de a ameaçar, desperta.

Caminhar pela praia, lado a lado com o mar, em um esforço de cobrir toda sua extensão, é outra forma sutil de desfrute. A praia tem também seu próprio horizonte de areia. Ao caminhar pela praia colocamos o corpo em movimento, pés na areia, cabeça ao sol ou ao céu, em uma quase irmandade com o mar que também a percorre. Existe essa vontade de cobrir toda sua extensão que frustra os pés despreparados quando a praia é quilométrica. A extensão da praia engana, impulsiona o corpo sempre a frente, faz parecer possível caminhadas longas, que não faríamos de outra forma.

É uma conquista praiana ir de lado a lado, cobrir toda a praia com a intercalação dos pés, pegadas que são logo lambidas pela água. Se o horizonte do mar é para os olhos, o da praia é para os pés. É responder a impossibilidade de caminhar pelo mar cobrindo todas as pontas da praia, comendo suas beiradas.

Mas há aquelas que caminham a praia não instigados pela imensidão impossível do mar, mas pelo prazer das mãos que tocam e dos olhos que descobrem pequenos tesouros. Primeiro os olhos vasculham, famintos, a areia. Depois o corpo se joga, ombros e cabeça primeiro, coluna que curva depois. Os pés firmam, mas não desbravam aqui. As mãos chegam e pegam, a cabeça não se joga ao céu, mas ao chão. Descubrem algas singelas e variadas, emborrachadas, verdes, roxas, vermelhas, brilhantes, fosforescente. Ou conchas, grandes, pequenas, esféricas, gêmeas, habitadas ou não. Gaston Bachelard (1978), filósofo dos elementos, possui um capítulo inteiro para nos contar acerca dos devaneios de concha em sua procura por imagens da casa, do lar. Isso porque a concha insinua um devaneio de casa em meio a amplidão inabitável do mar.

A concha tanto se revela quanto se esconde e o prazer não é apenas de achá-las parcialmente enterradas na areia. Os olhos exploram cuidadosamente a concha que encontra, tanto quanto a areia onde a encontra. As cores das conchas variam por todo o espectro e suas formas são igualmente diversificadas. Das redondas, achamos até algumas decoradas com imagens vivas de estrelas mortas. Mas essas esfarelam logo. As conchas gêmeas, que se abrem para talvez conter um animal surreal meio água meio lesma, encontramos fechadas, abertas e até separadas. As espiraladas, pequenos castelos animados pelas garras de seus ocupantes, achamos soltas ou caminhando. Parte do caminhar que revela as conchas pode acontecer em meio as pausas para apreciação dos corais descobertos pela maré baixa na praia, onde vemos todas essas conchas dispostas e em viva dinâmica. Alguns desses pequenos bichos que as habitam podem inclusive entrar

em batalha: largam suas conchas na pequena poça que é ringue para a disputa pela nova carapaça-casa, mais bela, limpa ou nova.

A incongruência desse ser pedra, tão bonito e singelo nas suas cores, formas e proporções, nos surpreende. “De fato, o ser que sai de sua concha nos sugere devaneios de ser misto. Não é somente o ser ‘meio carne, meio peixe’. É o ser meio morto, meio vivo e, nos grandes excessos, meio pedra, meio homem” (BACHELARD, 1978, p. 268). Meio morto meio vivo na sua condição de ser meio pedra, meio carne, meio peixe. Já meio homem, que devaneio da condição humana não nos sugere Bachelard (1978) nessa provocação. Falaria ele das sereias e tritões? Seres meio humanos meio peixes que habitam os mares e rios fantásticos?

O filósofo dos elementos também nos diz: “O primeiro esforço da vida é fazer conchas” (BACHELARD, 1978, p. 271). O que são as conchas, então? São devaneios de casa. Fazer conchas pode ser entendido assim como um se abrigar, uma vez que Bachelard busca nas conchas imagens da casa. Entretanto, é sabido que o mar não tem canto, não para nós. Quando ele encosta, temos praia.

Um bicho meio pedra meio gente cuja casa é o mar. É na sua condição de quimera real que se dá a possibilidade de uma vida onde nem a mais resistente e forte das pessoas pode sobreviver por si só mais de alguns minutos. Submersa. “A concha é uma panela de bruxa em que se trama cuidadosamente a animalidade” (BACHELARD, 1978, p. 268). Um útero para a vida que o mar trama. Nas incongruências e impossibilidades desse espaço que é a beira-mar, nada mais certo do que sua animalidade ser cheia de meio termos, composições de água e areia e céu.

Ao encostar a conchas aos ouvidos, buscamos ouvir não apenas os sons das ondas, mas também a possibilidade de uma ligação concreta com suas profundidades, de concha ou de mar não importa. Ihimaera relata em seu romance *Whale rider* (2012), sobre uma comunidade maori, povo nativo neozelandês, o que um personagem escuta ao ouvir a concha. Isolado de casa, em viagem de descoberta do mundo e de si, recupera a concha encontrada na água. Diz: “Tinha-a trazido para praia e estava escutando o murmúrio do mar que vinha de dentro da espiral prateada da concha. [...] *hoki mai, hoki mai ki te wa kainga*, cochichou o mar. Volte para casa” (IHIMAERA, 2012, p. 77-8). Ao ouvir as conchas, buscamos intimidade. Buscamos estreitar nossa interação com esse espaço impossível para os nossos pés, cujo desfrute apenas conhecemos a partir da praia. O som da concha, destinado apenas ao ouvido que se aproxima dela, é uma espécie de

comunicação direta com a profundidade, da vida ou do mar tanto faz. A concha, com sua existência singela, liga o ser humano ao mar na possibilidade de um lugar. Assim, não é à toa que o mar sussurra ao homem que “volte para casa”. Sua casa era mesmo ali, à beira-mar, com as conchas.

Em samba nacional, música denominada "Lenda das sereias" (MATTOS *et. al* ,1976), ouvimos:

Mar, misterioso mar
Que vem do horizonte
É berço das sereias
Lendário e fascinante

O mar, distante, líquido e profundo, é mesmo misterioso. Mistério que vem da sua profundidade, que não nos é dada habitar. Ele esconde de nossas mãos e olhos vidas inúmeras. Trama suas animalidades características. Na praia, nos aproximamos dele. Sentimos sua textura, suas impossibilidades e suas carícias. O mar fascina e atrai, mas com promessas de sereia.

Sereias¹ pululam as mitologias de diversos cantos do mundo, inclusive nacional. Iara, “senhora das águas” no tupi, parte mulher parte peixe (por vezes, cobra) habita os rios caudalosos do norte amazônico. Como as águas, essas sereias são perigosas. Fascinantes, porém mortíferas para quem é seduzido. Esses bichos meio humano meio peixes, que vivem nas águas sem se afogar, seduzem quem as escutam em suas promessas de prazer, mas que só levam para a morte.

Assim como as conchas, com as quais devaneamos seres mistos, compartilhamos o abrigo das profundezas do mar com as sereias. Algo sobre a impossibilidade de habitar o mar, verdadeiramente, também nos estimula no desfrute e procura da praia. Nossa imaginação coloca olhos humanos a espreitá-lo onde não podemos ir, mas em quimeras.

Semelhante às próprias sereias, o mar seduz. “O ‘império das ondas’ é revelação de profundidade e, por vezes, do chamado do abismo, como mostra a lenda das sereias: encanto enganador que vem do reino das sombras” (DARDEL, 2011, p. 21). Dardel associa ao mar o chamado do abismo, que evoca mistério e morte. A sedução do mar, tal qual a do abismo, vem da curiosidade que desperta seus mistérios, vem da fascinação que atrai o corpo em deslumbre. Mas não só isso. A vida não é isenta do desejo de morte. Pelo

¹ Para mais informações sobre as sereias, ver: FERNANDES, 2017.

contrário. Já se deixar seduzir é uma pequena morte. Parte do que se é sucumbe em nome de outra coisa. A morte é sempre uma possibilidade no mar. A praia é boca de um mar com fome.

Na praia, o mar é uma escolha e sua sedução afeta o corpo apenas no limite que o permitimos. Sabemos que uma sedução completa é fatal, e por não sucumbir a ela também nos sentimos mais fortes. As próprias ondas nos ensinam isso quando nos atiramos ao mar: ondas envolventes em carícias líquidas e sedutoras, que de repente quebram sobre nosso corpo, jogam toda sua energia e nos faz perder o chão. Viramos uma bola de corpo e água e areia, incapazes de saber onde é para cima ou para baixo. Contudo, é quase certo que, mesmo nesse desespero descontrolado, acabaremos na praia, com um pouco mais de dores e água no corpo vivo.

Muitas pessoas têm medo do mar. Podem permanecer a vida inteira apenas na areia ao vivenciar a praia. Outras dizem que respeitam o mar, compreendem como ele é enorme e perigoso e forte, se dispendo a fazer apenas o que podem fazer. Um respeito que se diz em um reconhecimento de si, tanto quanto do mar. Existe, ainda, aquelas que transitam a praia como se ela fosse apenas uma porta para o que realmente importa. São aquelas para quem o mar é uma espécie de casa. Todas essas pessoas passam pela praia.

A praia é o último solo antes do mar. É o que nos liga a ele. É para ela que voltamos depois da imersão. A possibilidade de “fazer concha” na praia vem da contrapartida do mar, com suas promessas de sereia.

1.2. Das gentes que curtem ao sol da praia

Se antes vivenciamos a praia, agora deixemos que ela revele as gentes. Nesse espaço onde a água quebra em ondas, o contato com o mar que antecede a imersão desvela o corpo. Quando estamos na praia, defronte ao mar, sabemos quase como se nos víssemos do céu, que do polo apostado ao nosso que encara o mar, o mar se dobra e desdobra revelando tudo o que somos. Nós somos diversos em nossa corporeidade.

O corpo que se aproxima do mar, que a praia abriga, é um corpo desnudo. A nudez se afirma na ausência das roupas cotidianas, mas também nos pés descalços. A nudez não é um estado do corpo que vivencia a praia, mas antes o corpo em si, destituído de acessórios fabricados, dos panos sobre panos que o cotidiano exige. Serres, filósofo das sensações, nos fala sobre a pele do corpo. A pele aponta aqui como nosso limite existencial que está nessa ininterrupta interação com o mundo.

Nossa veste cutânea traz e expõe nossas lembranças, não as da espécie, como acontece com os tigres e jaguares, mas as da pessoa, a cada um sua máscara, sua memória exteriorizada. Nós nos cobrimos de capas ou mantas por pudor ou vergonha de mostrar nosso passado, nossa passividade, para esconder nossa pele historiada, mensagem privativa, mensagem caótica, linguagem indizível, demasiado desordenada para ser compreendida, e substituí-la pela impressão convencional ou cambiável das roupas, pela ordem simplificada do cosmético (SERRES, 2001, p. 32).

Engraçado é que tendemos a considerar que nossas roupas, acessórios e maquiagens é que expressam quem nós somos. Mas assim como o uso delas é efêmero, também é o que dela apreendemos. As marcas da nossa pele revelam muito mais que a figura que buscamos fazer de nós mesmos ao nos vestir. Revelam nossos machucados, angustias e prazeres. Noites mal dormidas, corpo exausto de esforço ou talvez doente. Tudo é visível na pele e disfarçável quando a cobrimos, em panos ou pinturas não importa.

O corpo guarda registros e o mundo os expõe no contato. A nudez praiana nos deixa mais expostos, seja em biquínis, maiôs, sungas ou bermudas, mas ela também não é total. Existe a necessidade de se esconder certas partes, nossas vergonhas. É essa mesma necessidade que exige a criação de uma categoria diferente, devidamente avisada e regradada, para praias naturistas reservadas para a vivência nua.

Peitos, vaginas, bundas, pênis são escondidos, mas não ao ponto de desaparecerem. Suas presenças são insinuadas, às vezes reveladas até o limite. Jean-Luc Nancy, filósofo do corpo, nos fala acerca da nudez. “A nudez deve aparecer. Ela não está simplesmente presente: ela pode aparecer ou ficar velada. Velada, afirma seu desvelamento. O tamanho, a natureza e a justificativa do véu são questões culturais” (NANCY, 2015, p. 21). A nudez dos corpos aparece na praia. Já as partes veladas, escondidas, essas se afirmam ainda mais. Querem sair, num revelar bravo que reafirma a necessidade de serem mantidas escondidas. Não pelo que revelam, mas pelo o limite que evidenciam.

No relato contemporâneo de uma viajante brasileira sobre a sua experiência em uma praia de nudismo, o limite aparece através da vergonha.

Chegou a hora. Para ficar ali teria que tirar a roupa. Ao contrário do que diziam as bandeirinhas, fazer isso não foi nada natural. Olhei para os lados, vi aquele grupo com senhoras e me senti um pouco melhor. Ali não havia nenhuma gostosona querendo se exhibir, como acontece em muitas praias. Ali ninguém parecia ligar para celulite. Não tinha por que ter vergonha do meu corpo. Li e reli a definição de naturismo no folder. Natureza, respeito, meio espaço... essa é a vibe. Sem caráter sexual, sem maldade. Ok. Aproveitei um momento em que ninguém estava olhando e tirei a blusa. Ninguém olhando. Foi-se o sutiã. Aí tirei as

sandálias e fui tirar o shorts. Quando abri o zíper queria me enterrar na areia de tanta vergonha. (MASSAOKA, 23 de jun. 2012)

Estar nu, como convém a praia, é um processo íntimo. Totalmente nu, pode ser uma vergonha. Não pela aceitabilidade ou pela convenção social, mas pelo o desacostume e o medo do que essa intimidade pode aparentar. A relação da nudez com um caráter sexual, a "maldade", pode assustar uma pessoa que se coloca nesses termos em público. Quase como uma sugestão de disponibilidade num país em que o machismo condiciona leituras do corpo que superam o que ele está dizendo de fato.

Assim, o desnudamento que a praia compartilhada aceita do corpo não é pouco relevante. Corpos manchados, marcados, se revelam na praia. Pés, pernas, barrigas, costas e braços expostos ao sal e ao sol. Expostos aos olhares, revelando ao mundo o que comumente escondemos, nossa carne marcada pela vida. Diversas campanhas sociais incentivam o respeito à diversidade dos corpos que esse espaço específico abraça. Recentemente, recebi notícias de uma criança de 13 anos que sempre sonhou em ir à praia de maiô, mas nunca tinha conseguido por medo das reações e da vergonha de se expor, do *bullying* que sofre constantemente por ser gorda. Uma criança "que superou seu maior medo", conforme conta a manchete (REDAÇÃO HYPENESS, 06/06/2017).

A repressão muda e violenta aos corpos diversos e inúmeros que não seguem um ideal de ilusória beleza, padrão de mercado, pode ser vista e ouvida nas areias. Tomemos o trecho de um relato da experiência de praia contemporânea:

Os pêlos. Ah, os pêlos. Tem que arrancar! Da perna. Da coxa. Do rosto. Da axila. Da genitália. E se se permitir um tufinho na genitália, não pode aparecer de forma alguma. Tem que patrulhar. Assim como tem que patrulhar os mamilos para jamais aparecerem. Isso quer dizer, a depender do modelo do biquini, movimentos concisos. Não se abrir 'demais', não pular 'demais', não correr 'demais'. (...) O corpo. Nada fica sem patrulha no corpo feminino nunca. Que o dirá seminuas à luz do Sol. A flacidez das barrigas que pariram. As celulites das coxas e bundas que engrossaram. As estrias das peles que cederam as transformações da forma. As varizes/vasos das pernas que correm contra o tempo. As rugas de todas as preocupações da vida. Tem que sempre buscar o melhor ângulo. Não pode sentar e se esparramar e abrir as pernas e relaxar e deixar a barriga despencar pra onde quiser. 'Pagar peitinho', 'pagar cofrinho', ficar livre. Não. (NOVAES, 24 fev. 2015)

A nudez do corpo solitário não se constrange com as normas sociais e não ditas. É no compartilhamento dessa vivência que os olhares se trocam, que o julgamento repreende e corta. Nancy nos diz que: "Um corpo expõe uma existência" (NANCY, 2015, p. 7). Ao ser exposto, contudo, ele pode ser lido. A leitura de um corpo, que logo se transforma na

leitura de uma existência, é tanto provocada pelo que é lido quanto por aquele que o lê. As oportunidades que a interpretação traz, inclusive de leituras divergentes, já são bem conhecidas de todos. A questão aqui é que o outro traz suas concepções que o permitem julgar a si mesmo, mas também a outros. Na praia, espaço do corpo desnudo, isso fica ainda mais exposto, porém menos violento: a nudez compartilhada também compartilha os olhares que julgam. A violência mais profunda vem da própria desigualdade. Daquele que julga sem nunca dar a chance de ser julgado, inferiorizando com sua mera presença.

O trabalho sobre o corpo, tipo de ação com materiais e técnicas próprias, cujo objetivo é adequá-lo a ser visto e sentido, é mais exigido de uns do que outros. A pretensa dualidade dos corpos, dicotomizados entre homens e mulheres, traz normas sociais latentes que atingem aos dois lados de maneiras diferentes. São os corpos identificados como mulheres cobrados de uma pele lisa, sem marcas, sem pelos, como no relato de Novaes (2015). Basicamente, para a sociedade, o corpo da mulher não está suficientemente preparado a partir da sua mera existência para se mostrar, se expor, ainda mais à praia. É preciso trabalhá-lo, adequá-lo.

É claro que sendo essas normas latentes, mas nem por isso menos perniciosas, é possível desrespeitá-las. Contudo, a possibilidade do olhar do outro que julga e inferioriza, constrange e corta. Um desrespeito às normas sociais, para ser efetivo, deve ser acompanhado de certo desprezo.

À praia, o olhar do outro pode exigir que o corpo seja coberto. De água do mar, de toalha de banho, de roupas. A possibilidade de desvelamento do corpo pode ser coagida e constrangida pelo outro. A nudez do corpo não é inofensiva em uma sociedade que se esconde em roupas, escondendo assim sua própria existência historiada.

A praia também comporta a sutilidade das regras sociais aplicadas as noções duais dos corpos. Da mesma maneira que a diversidade de formas corporais pode ser constrangida a desaparecer nesse espaço, divergências ao padrão dos corpos duais sofrem da mesma impossibilidade.

Pensando na pele curtida de trabalho ao sol e ao mar, ou no controle para que isso aconteça de maneira agradável, é possível questionar como é a vivência da praia, então. Um espaço estressante à mercê de uma estética opressora? O que significa o desvelamento (se expor e ser lido) que a nudez praiana propicia?

Presentifiquei nesse relato do corpo à beira-mar diversos arranjos do sentir que o permeiam. Mas para aprofundar nos laços que o sentir traça entre corpo e o mundo é preciso mais: uma dinâmica que entrelace as nuances, costure uma existência que nos permita cavar. De forma que passo agora a imersão fílmica que possibilitará o avanço no pensar a vivência da praia, com enfoque no corpo que a vive. Escolhido para tanto, o filme argentino *XXY* (2007), dirigido por Lucía Poenzo, pode ser considerado um fio condutor de todas essas reflexões acerca da vivência do corpo na praia. Por tratar de todos os aspectos descritos anteriormente como comuns àqueles que vivenciam a praia, torna-se de imensa relevância aqui. De forma que parto para a descrição do filme que faz emergir seus sentidos e significados, a partir de dois focos: 1) descrição dos personagens, dos acontecimentos relacionados a eles e da história, em geral; e 2) descrição de como a praia, fenômeno em questão aqui, aparece.

Alex é intersexo². No momento de nascimento, seu corpo apresentava as possibilidades binárias para homem ou mulher, ou para nenhum dos dois propriamente. Seus pais, mesmo com a preocupação médica em impor cirurgicamente uma adequação no sentido mais viável, resolvem deixar que Alex cresça como nasceu e escolha posteriormente. É criada, porém, como uma menina, inclusive tomando os hormônios necessários para o controle do corpo. Talvez pela imposição social de se ser um ou outro gênero.

Pai e mãe de Alex, ao descobrir sua “indefinição”, decidem se mudar de Buenos Aires, capital argentina, para uma localidade a beira-mar isolada no Uruguai, evitando assim os questionamentos incômodos e potencialmente prejudiciais acerca de Alex. Longe até mesmo do centro da pequena cidade de pescadores em que vivem, os três moram em uma casa à beira-mar em meio as dunas fixadas por um tapete de gramas e arbustos e árvores esparsas. Uma casa simples, na praia. Nenhum vizinho é visível a curta distância, embora o colega de trabalho do pai more com a filha por perto.

Com 15 anos, seu corpo está carregado de tensões, possibilidades, convites. A própria atmosfera fílmica nos traz esse carregamento erótico. Na cena inicial, Alex avança correndo pela floresta. Acelerada, livre, brincalhona. O tempo todo se revela um pouco selvagem, em uma ligação com a terra através de seus pés descalços. Do seu quarto é possível ver o mar pela janela.

²Para mais informações sobre a intersexualidade, ver: BERTHO E QUEIROZ, 2016.

Seu pai escreve um livro, “As origens do sexo”, cuja leitura Alex realiza durante o desenrolar da história. Ele trabalha com o salvamento e monitoramento de tartarugas, que são mutiladas pelas redes de pesca. Parece ter um acordo com os pescadores, de o chamar quando tartarugas são encontradas.

Sua mãe parece fazer às vezes comuns de dona de casa. São seus convidados, uma velha amiga e seu marido e filho, que chegam com o início do desenrolar da história da transição de Alex entre o que ela é socialmente considerada para o que é. Isso acontece pela presença desse marido da amiga, cirurgião plástico, que “conserta” as pessoas (palavras de seu filho, ao que Alex questiona: mutila as pessoas?). O convite parece ter sido feito pela mãe de Alex, que percebe a evolução de uma condição não dita para a necessidade de se dizer algo esse respeito. Aproxima-se a idade da escolha e esta pode implicar em uma adequação do corpo, daí o cirurgião “amigo”.

Os pais vislumbram a possibilidade da escolha de Alex em ser homem, o que os causa um sofrimento sem tamanho. Tudo é tensão na casa, a mãe sofre. Parecem ter se apegado a filha Alex, sem nunca pensar que talvez não fosse assim que as coisas continuariam.

A casa é permeada de retratos de Alex, garota, alegre, em sua infância. Em algumas das fotos, Alex criança está sem roupas, como marca de infância livre. Nenhuma, porém, permite ver sua genitália, como é comum nessas fotos para crianças binárias. Com a adolescência, as fotos rareiam e demonstram o típico embaraço e vergonha de quem está crescendo, se transformando, consciente pela primeira vez desse processo. O quarto de Alex, por outro lado, nos demonstra novas possibilidades. Suas bonecas têm falos, feitos de cigarros e acoplados despreocupadamente. Sua cama, encostada à janela, permite ver o mar que está alguns metros adiante na areia. Alex dorme sempre seminua. Não parece ter pudores em revelar seus peitos.

Em se tratando dos espaços de desenrolar da história, conhecemos a cidade; a casa na praia; e sua vizinhança isolada e inóspita.

Na cidade, chegam e se vão os convidados, respectivamente nas cenas inicial e final. É nela que há a exposição do conflito de Alex com seu melhor amigo, que fica sabendo da sua “indefinição” e parece reagir de maneira violenta, por causa da estranheza do caso ou da traição de uma revelação tardia não é possível saber. “Há demasiadas espécies em extinção aqui”, diz o pai de seu “amigo”, pescador, causando uma hostilidade entre todos, pais e filhos.

É na praia que ocorre a primeira conversa entre Alex e o jovem, Álvaro, que chega com os pais da capital argentina. Álvaro, também com a mesma idade de Alex, passa por suas próprias conscientizações existenciais confusas, sob o domínio arrogante de seu pai, o cirurgião. O relacionamento entre Alex e Álvaro se desenvolverá por meio das possibilidades de autoconhecimento para ambos que o desejo revelará. Ou talvez autoafirmação. Sentados a praia, a primeira conversa é sobre masturbação e transas. Os desejos se afloram, explodem, atingem quem está perto, sem nenhuma definição pré-concebida de para quem ele deveria se voltar.

Essa abertura do corpo que se sente e extravasa, sem confinamento ou segurança, é revelada logo na primeira conversa na praia. A praia se revela, então, como um lugar inicialmente de solidão e reflexão para Álvaro, que aparece sentado sozinho escutando música. Entretanto, em toda sua postura largada e confortável, aparece também uma possibilidade de abertura. Estar a praia, aqui, é não estar necessariamente esperando a solidão de um confinamento, é estar disponível para compartilhar o seu lugar na areia.

A pele historiada traz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes de feridas, placas endurecidas pelo trabalho, rugas e sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas, eczemas, psoríases, desejos, aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar; ou invisível: traços imprecisos de carícias, lembranças de seda, de lã, veludos, pelúcias, grãos de rocha, cascas rugosas, superfícies ásperas, cristais de gelo, chamas, timidez do tato sutil, audácias de contato pugnaz. (SERRES, 2001, p. 18)

As marcas do conflito são expostas no olho roxo ou no nariz quebrado. Do desejo, nas trocas e olhares, no toque que parece causar emoção além da esperada, no sexo despreparado e explosivo. A intimidade confusa, fruto do desejo posto em ação, porém, só acontece em um espaço protegido, entre quatro paredes. É no momento de consumação do sexo entre Alex e Álvaro que o conflito explode e as vontades se revelam.

Alex não esconde o corpo, deixando-o despido no banho com sua amiga, e até mesmo no desfrute solitário da água do rio. Seu corpo conta a história de quem é, mesmo quando faltam palavras. Ao se olhar no espelho, ver seu corpo nu, estaria lendo essa história, tentando entender o que poderia estar tão errado a ponto de causar toda essa comoção?

A nudez com que Alex se expõe, porém, nunca é na praia. É sempre em casa, seja sua ou de outro, ou solitária. Na praia, os corpos se expõem em sua vulnerabilidade. Parte de se autoafirmar é se deixar ver e ser fora das paredes protetoras. Se despir à beira-mar compartilhada.

Na descrição dos corpos desnudos, não nos atentamos apenas para sua forma, suas cicatrizes e desenhos. Nosso olhar se aprofunda, focaliza e o corpo reage em desejo ou aversão ou até mesmo indiferença a partir dessa dualidade pretensa dos corpos. Pretensa porque sobrevive apenas a um primeiro olhar despreocupado. O contexto que cabe a cada exemplar da dualidade, homem ou mulher, diverge, sendo esperada uma padronização dos corpos que afeta mais ou menos cada um dos dois modelos. Modelos, sim, de existência. Exemplares a serem perseguidos, limites cuja superação esbarra em dificuldades e, tantas vezes, ódio.

Narra a coloquialidade da vida moderna que nascemos corpo de um sexo, feminino ou masculino, com vagina ou pênis, vinculado ao seu gênero, mulher ou homem. O contexto que cerca o corpo da mulher, a vagina e a feminilidade, assenta-se em um padrão, limitante inclusive por associar obrigatoriamente esses três aspectos da expressão de uma existência. O mesmo acontece para sua dualidade, o corpo do homem, o pênis e a masculinidade. As expressões de uma existência simplificadas numa receita padrão improvável.

Receita padrão que a própria narrativa científica reforça, de maneira quase impensada. *“In the course of my research I realized that the picture of egg and sperm drawn in popular as well as scientific accounts of reproductive biology relies on stereotypes central to our cultural definitions of male and female”*³ (MARTIN, 1991, p. 485). Que corresponde a *“importation of cultural ideas about passive females and heroic males into the ‘personalities’ of gametes”*⁴ (MARTIN, 1991, p. 500).

Emily Martin (1991), antropóloga estadunidense, se preocupa em seus trabalhos em compreender como a cultura pode interferir na forma como cientistas biológicos descrevem suas descobertas sobre o mundo natural. A autora afirma que o atributo tipicamente feminino da passividade é reforçado, na narrativa científica, pela ideia errônea do óvulo que espera a fertilização, portanto ignorando que ele tem um papel ativo. E, por outro lado, reforça como atributo masculino o movimento, a determinação e obstinação. De novo, ignorando que o movimento da cauda do espermatozoide antes dificulta sua chegada ao óvulo, pois acontece em sentido lateral até dez vezes mais forte

³ Em uma tradução livre: “no decorrer da minha pesquisa, eu notei que a imagem do óvulo e do espermatozoide esboçada em esclarecimentos populares, mas também científicos, sobre a biologia da reprodução se sustenta em um estereótipo central a nossa definição cultural de homem e mulher”.

⁴ Em uma tradução livre: “a importação de ideias culturais sobre mulheres passivas e homens heroicos para a definição da ‘personalidade’ dos gametas”.

que para frente, em direção ao óvulo. Por fim, embora coloque entre os dois gametas uma completa oposição nas posições de interação (passivo versus ativo), ambos apresentam enzimas de aderência que os ligam um ao outro, entre outros aspectos discutidos pela autora. Nem mesmo a narrativa científica está sujeita aos equívocos da crença superficial.

Diz Margaret Mead (2000, p. 279-80), antropóloga estadunidense, que

se aquelas atitudes temperamentais tradicionalmente consideradas femininas – tais como passividade, sensibilidade e disposição para alimentar os filhos – podem facilmente ser colocadas como padrões masculinos numa tribo e em outra assimilados pela maioria das mulheres assim como pela maioria dos homens, não temos mais qualquer base para considerar os aspectos de tal comportamento como ligados ao sexo.

Ser e deixar ser o que se é se constringe perto das naturalizações que o esquema que liga corpo-sexo-gênero gera, implicando também comportamentos e permissões típicos. As naturalizações agem tornando um esquema normal aqui, cultural lá em outro lugar em que é diferente. Os que ficam fora desse esquema aqui margeiam o mundo da vida, pouco visíveis, isolados, constringidos e violentados. Lá, são completamente ignorados quando não apenas uma esquisitice cultural.

O que diverge do esquema dual, seja aqui ou lá, deve ser adequado, diz as normas sociais, que seguem em latência mas podem ser explícitas em ordens médicas. Se não quer ou pode, logo se torna uma anomalia sem espaço que é abafada. Por todo lado, nas atividades corriqueiras da vida, há a propagação dessa dicotomia, desse binarismo. Junto a ele, comportamento plausível para cada corpo-sexo-gênero, adequação de costume orientado pela vagina ou pelo pênis.

Se o corpo não é adequado ao solicitado, parece violentar aos outros em contato (ainda que quem comumente sofre a violência é o “inadequado”). Causa estranhamento que vem em risadas, em conselhos “amigos” para que reveja o posicionamento, em lágrimas e distanciamentos, em repressões, opressões e violências de todo tipo, em morte.

Dá todo o constringimento envolvendo Alex, envolvendo seu corpo inteiro, que não se adequa ao esquema, ao modelo. Constringimento evidenciado na mudança inicial da capital argentina para a beira-mar uruguaia, pelo posterior silêncio a respeito de sua existência, pelas tensões com as outras famílias, entre seus pais, com o cirurgião. Tensão e violência que faz com que outros rapazes da vila pesqueira, ao saber da condição de Alex, queiram “ver com os próprios olhos”.

Os jovens encontram Alex voltando para a casa pela praia e, em um grupo de quatro, jogam Alex na areia, imobilizando seu corpo e arrancando suas calças. Quem impede o que poderia acontecer a seguir é seu amigo, arrependido de ter sido tão estúpido quanto os jovens que agrediam, tão covarde por ter sido o primeiro no ranque das reações incompreensivas. É na praia, portanto, que ocorre a violência da exposição forçada. Os corpos alheios ao drama de um, que cobram a possibilidade da leitura completa, violenta. O fato da violência acontecer na areia da praia, entre a imensidão vazia de olhos do mar e a proteção das dunas, nos dá uma nova perspectiva desse espaço. Se no rio, onde Alex estava nua, sozinho, capaz de fugir mediante aproximação de Álvaro (que voltara para dizer que gostara do sexo interrompido, que gostara da surpresa do seu corpo) ao atravessar para a outra margem, na praia isso não seria possível. No mesmo local que acontecera a exposição inicial, agora acontece a exposição forçada. A praia se revela como espaço de vulnerabilidade, mais uma vez. Nesse sentido, a praia é tanto uma abertura quanto insegura, aspectos da exposição de si.

Se a praia admite a possibilidade da exposição do corpo, aos corpos constrangidos pelo esquema social/cultural dicotômico ela pode parecer uma exigência. Exigência dos olhares de reparo e dos gestos. Sentimento, então, que domina a experiência de desfrute da praia e é intensificado pela própria fragilidade e vulnerabilidade de quem se expõe. Embora seja um lugar propício a liberdade de si, ao desfrute da paisagem, a experiência de praia pode ser tomada pelo medo.

Para Alex, em processo de assumir a si como deseja viver seu corpo, sua existência, as tensões que a rodeiam são os contornos de qualquer lugar, desde a casa até a cidade. No desfrute da paisagem, seja do rio, da praia ou da floresta, é que se liberta dos questionamentos que todos parecem fazer. Entretanto, é na praia, próxima mesmo a sua casa, que a exigência de abertura do desfrute se transfigura na violência da exposição forçada perpetrada pelos outros. Com a nudez que traz aos olhos que a intimam o poder de subjugar uma vida, vem a violência da invasão forçada. Para os jovens, Alex é uma quimera, inusitada, possível animalidade marinha orquestrada mesma em outros mistérios. Alex não é de todo humano nem um semelhante.

Fabíola Rohden (2003), do Instituto de Medicina Social da UERJ, analisando obras médicas que partiam de um discurso biológico sobre gênero, observa que

O mais importante a ser destacado é o fato de que a imensa preocupação em descrever pormenorizadamente aquilo que distingue homens e

mulheres se constitui exatamente em função da percepção de que as fronteiras entre os sexos não eram estanques (ROHDEN, 2003, p. 210).

A necessidade de definição dos parâmetros desse modelo dual vem da própria percepção da variedade da existência humana, que por diversos fins, inclusive de controle e lucro, não pode ser aceita como é. Em todo o lugar, "(...) os homens são os focos do valor cultural. Alguma área de atividade sempre é encarada como exclusiva ou predominantemente masculina e então opressiva e provavelmente importante" (ROSALDO, 1979, p. 37). O valor cultural, aqui, é diretamente ligado a atividades, pensamentos, experiências que nos instigam e atraem, enquanto crescemos e vivemos, e que trazem consigo algum desenvolvimento pessoal.

Enquanto corpos dentro do esquema vinculado ao pênis existe um certo apelo a esse desenvolvimento, seja ele erudito, artístico, paternal, político, ligado a empreendimentos econômicos ou corporais pelos esportes. Já o esquema vinculado à vagina, nunca deixa de se vincular à vagina, e por isso é dito um valor natural.

Noções culturais sobre as mulheres, frequentemente giram em torno de características biológicas ou naturais: fertilidade, maternidade, sexo e menstruação. E as mulheres, como esposas, mães, bruxas, parteiras, freiras ou prostitutas, são definidas quase exclusivamente em termos de suas funções sexuais (ROSALDO, 1979, p. 48).

O esquema dual, portanto, contrapõe a passividade da mulher-vagina-feminina à proatividade do homem-pênis-másculo. Associando este com as conquistas sociais e culturais, como a própria ciência, e àquela com as conquistas naturais, de maturidade corporal, reprodução e, por fim, velhice. Como é, por sinal, possível de se ver no filme: ao passo que os pais de Alex e Álvaro têm profissões explícitas e importantes, as mães não são mencionadas como nada além de ser mães. Na primeira conversa à mesa entre as duas famílias, a mãe de Álvaro diz a Alex que sua mãe queria ter quatro filhas, sendo a própria "parideira". Ao que Alex responde: "Acho que ela ficou com medo". Medo de repetir o "erro" que fez Alex como ela é. Ao relatar a concepção de Alex, que aconteceu nas rochas a beira-mar que margeiam a estrada, sua mãe diz que sua maior preocupação era não ser vista. Como se o medo de que a flagrassem tivesse, de alguma forma, se transmutado na composição de uma vida. O lugar de concepção de Alex dá o tom de mistério e temor que frequentemente se atribui aos desígnios do mar. Já a rocha dura em que se deitaram no ato, nada como a areia, recupera o processo intenso e afiado por que passariam a partir de então.

Alex, que beira os dois esquemas, desaparece mesmo enquanto potencialidade. Se antes é criada como menina, chega a adolescência colocando os pais em dúvida quanto a querer ser mulher ou homem. Seu pai, após pegar Alex e Álvaro fazendo sexo, conta para a esposa que talvez Alex não queira ser mulher, pois estava ocupando a posição tradicionalmente reservada ao homem na cópula. Chega mesmo, em um momento de desespero, a procurar na cidade um intersexo, de quem tinha notícia, que decidiu pela masculinidade ao chegar a adolescência, sendo casado e com filhos, embora tenha passado a infância como menina.

É na calmaria pós-tempestade que acontece após a violência sofrida que a escolha acontece. Não há palavras para torná-la explícita, pois as próprias palavras sofrem o enfraquecimento imposto pelo esquema dual e binário não trazendo forma alguma de expressar o que o corpo de Alex expõe. Deitada na cama com sua mãe, no quarto a beira-mar, Alex retira da gaveta um frasco, entre vários, dos remédios que precisa tomar para controlar o corpo, abre e o despeja inteiro no chão.

Dispensar os remédios, deixar que o corpo siga sendo o que é. A dualidade não atinge Alex no sentido da escolha, mas num sentido maior, de quem quer saber o que pode ser para além do que se deve ser. Tendo expressado seu desejo maior, o mesmo que a afasta de Álvaro, que segue seu próprio drama de desejar seus semelhantes de uma maneira que apenas o sexo com Alex da forma como foi poderia deixar explícito, é possível deixar seu corpo ser visto pelo outro. É possível, finalmente, curtir praia.

Álvaro, outra fuga do esquema que se encaminha. Se antes do sexo não havia conseguido perceber o que Alex tinha que o deixava confuso em suas suspeitas quanto a sua sexualidade nascente, agora não há como fugir. Admite para o pai que gostava de Alex, não queria ir embora. Seu pai, o cirurgião, que não vê nada de diferente em Alex menina, a não ser a existência de um órgão sobressalente que precisa ser cortado, parabeniza o filho. Diz que tinha medo de que ele fosse gay.

É no momento final, quando a família convidada inicia a viagem de retorno a Buenos Aires, na despedida de Alex e Álvaro, novamente à beira-mar (mas dessa vez não à praia), protegida dos olhares da cidade por uma mureta de cimento, que Alex mostra sua genitália para o jovem. Na pressa da despedida, não há tempo de se afastar mais da cidade. Acontece, então, o revelar final de sua genitália, exposta na cidade e em frente ao mar, porém não na praia.

Alex leva o jovem até à beira-mar e se revela ao deixar que ele a/o veja. A exposição a que foi forçada anteriormente em nada se compara ao desejo de se mostrar, como é. Bachelard (1978), autor-poeta dos elementos, nos diz a propósito do *vasto*. “O espetáculo exterior vem ajudar a revelar uma grandeza íntima” (BACHELARD, 1978, p. 322). Vasto é o mar, e por isso sua frase cabe tão bem aqui. Mas não é só o mar, é também Alex. A intimidade é margem para se encontrar uma imensidão, do próprio ser. Mas imensidão, do mar, a que somos transportado ao final do filme, esse espetáculo exterior, ajuda a revelar uma grandeza íntima.

À beira-mar, o corpo é mais visível. Visibilidade é apenas uma das formas de o corpo ser fora, expressão. Também o tato, o cheiro e o gosto o desvelam, da mesma maneira que o mar é desvelado por todos os nossos sentidos. Na interação pertinente a vida, temos pontes que captam o mundo fora e dentro na pele, mas também no tecido do mundo. A praia é braço da terra em trânsito entre o que se expressa e o que se esconde. Nela nos revelamos para depois nos escondermos.

Para o caminhante do interior, ela é a novidade, o sopro que percorre o corpo que se desnuda. A recepção desse corpo nu, dessa vulnerabilidade exposta, pode ser velada, violenta ou alegre. “Um corpo não está somente fora: ele mesmo é um fora. Dessa vez não o fora-nada mas o fora-dentro” (NANCY, 2015, p. 7). O corpo é um fora porque se faz ver e sentir pelo outro. Expõe a existência, se projeta para fora. Mas também é dentro, pois é vivo, sensível. É dentro sem ser dentro somente, pois é exposto. A existência é dentro e fora, que é a mesma coisa, é corpo. O corpo é interação sensível com o mundo, é fora e dentro.

Já o fora-nada se revela como o próprio espaço. É o corpo de fora do corpo de dentro. Tudo que não é imediatamente sensação, mas é sensível, transitório e fluido. O fora-nada é o espaço, que se expande para além do fora-dentro que o habita. A praia e o mar são ambos foras-nada da existência do mundo, o corpo de fora dos fora-dentro que os vivenciam.

O corpo é exposição. Vulnerável às infinitudes da paisagem, desejoso desse contato, ele se estende na praia. O corpo se abre para o mar e na abertura ele se revela. Revela sua existência cotidianamente encoberta. Temos todos nossos desembolares de existência. As marcas do corpo e a pele historiada nos dizem isso. O que a praia abarca é a vulnerabilidade de se fazer visível e sensível através do corpo desnudo. Ela incita e às vezes, para quem não se adequa ou ainda não se aceita, a praia é uma violência.

Justamente por essa provocação é possível se fazer forte na praia. Não se trata apenas de enfrentar as ondas, força física do corpo que se mantém respirando em meio ao enrolar e a perdição das ondas que quebram e te jogam para dentro d'água. Mas a força de se mostrar enquanto corpo historiado que é, de se colocar exatamente no lugar que é seu, ser inteiro fora-dentro assumido. Nesse sentido, a água que esconde o corpo é também a que o revela. Aceitar o corpo próprio pode trazer a noção de liberdade que vislumbramos na praia.

A praia é violenta e íntima. “A intimidade é o lugar onde a heterogeneidade se exprime e explicita como tal. À intimidade sempre corresponde, de uma maneira ou de outra, a nudez. O corpo nu é o corpo íntimo” (NANCY, 2015, p. 15-6). É a possibilidade da nudez que faz a praia tão íntima. Ela revela os corpos, mas também o que nos corpos queremos deixar escondido. É na intimidade que os corpos se expõem, nas suas existências singulares e diversas, na heterogeneidade que os compõe. Para além das dicotomias, dos padrões, dos esquemas. Por si, em seus gostos e falhas, na pele historiada.

O espaço da intimidade, por essência, é o lugar. “A definição de lugar exigiria fronteiras, no entanto ele se organiza como um nó, aberto e fechado, como uma estrela, ou um corpo vivo” (SERRES, 2001, p. 252). Como um nó, o lugar nos liga ao corpo e ao mundo. Nos faz realidade de tecido conjunto, num pertencer. Quando o corpo se abre e se expõe em interação sensível com o mundo, pertencemos.

O geógrafo estadunidense, Yi-Fu Tuan (2013), busca a compreensão do lugar e do espaço, sob a luz das experiências que os compõem. Embora suas reflexões acerca do lugar se desenvolvam em outros termos (PÁDUA, 2013), é relevante o que o autor afirma acerca das experiências íntimas.

As experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo do nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mais frequentemente não estamos sequer conscientes delas. Quando, por alguma razão, assomam por um instante à superfície de nossa consciência, evidenciam uma emoção que os atos mais deliberados – as experiências ativamente procuradas – não podem igualar. As experiências íntimas são difíceis de expressar. Um simples sorriso ou um contato pode alertar nossa consciência sobre um momento importante. [...] Os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência (TUAN, 2013, p. 167-8).

A praia, apreciada nos termos de sua paisagem sensível, se coloca como lugar na possibilidade da abertura que expõe o corpo íntimo e o desvela. As experiências íntimas,

embora possam ser ativamente procuradas, geralmente nos conectam, em um nó quase certo, no seu acontecer espontâneo. Passivos e vulneráveis, expostos à carícia das gentes ou do mundo, estimulados pela devir da experiência: tudo isso pode configurar uma vivência de praia. Para além da vergonha e do medo do corpo exposto.

Para os olhos que observam, é difícil mesmo determinar qual é uma experiência íntima. No caso de Alex, pode ser se olhar no espelho ou mesmo nadar nua no rio. A violência da praia ou o momento em que joga seus remédios ao chão. Não há como dizer. As experiências íntimas não necessariamente ocorrem segundo o peso da vivência, em termos de significado social/cultural ou ritual. Elas podem passar despercebida até o momento em que o corpo relembra e articula seu desvelar.

A praia se coloca como possibilidade de abertura para a intimidade revelada. Nesse sentido, nos lembra o sentido do *vasto* para Bachelard (1978). A praia nos conecta ao mar, traz a possibilidade de abrigo frente a sua imensidão. No acontecer *vasto* dessa paisagem que se estende em águas salgadas até o horizonte, vem a ajuda para o desvelar íntimo. Nesse sentido, somos ecos da imensidão na intimidade.

A intimidade sempre expõe ou é exposta pela vulnerabilidade, pela abertura do corpo ao mundo ou ao outro. O nó do lugar é a possibilidade da abertura e a fragilidade com o que isso acontece, podendo ser vivido também na apreciação de uma paisagem. O lugar enquanto essência espacial não necessariamente corresponde ao lar, à casa. Pode ir além disso.

Alain de Botton (2012), escritor e filósofo do ordinário, afirma sobre a possibilidade de limitação das gentes em casa. “Não é necessariamente em casa que melhor encontramos nosso verdadeiro eu. A mobília insiste que não podemos mudar porque ela não muda; o espaço doméstico nos mantém amarrados à pessoa que somos na vida comum, mas que talvez não sejamos essencialmente” (BOTTON, 2012, p. 62-3). Ainda que a ideia de contrapor o que somos na vida comum a uma possível existência em essência me pareça confusa, já que a essência abarca tudo o que somos, a ideia central é interessante. Botton afirma que o espaço doméstico pode nos manter amarrados, num sentido de contenção. O lar pode *conter* as gentes, num sentido de abrigar mas também de limitação. A casa pode ser um lugar confuso e triste também por causa disso. Do nosso se revelar em intimidade e vulnerabilidade não ser bem recebido por aqueles com quem compartilhamos a casa, seja por que motivo for. Em geral, intolerância. Sorte Alex não sofrer essa parte, mas sua história demonstra a possibilidade.

Dessa forma, a intimidade que a praia traz é afim da imensidão, de se abrir e expandir. É também proporcionada pela possibilidade de abrigo. Nesse sentido, sentimos um lar nesses cantos do mundo onde podemos nos aconchegar por alguns instantes. A legitimidade da propriedade deles só define os desafios que teremos que enfrentar para nos acomodar, jamais a condição de lugar. Quem vive e sente o lugar é que pode dizer onde ele se encontra e em quais circunstâncias.

Contudo, a praia não é só íntima. Ela é abertura e ponto de partida para a imensidão. A praia é imensidão em si, nas suas formas de concha, de areia, de ondas ininterruptas. Ela é imensidão no compartilhamento das areias pelos corpos diversos. Ela é o adentrar na imensidão do mar. “A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso” (DARDEL, 2011, p. 31). A paisagem enquanto impulso afeta as gentes. Inspira movimentos que se revelam na pele nua que aprecia o contato.

Michel Collot (2013), escritor das ciências literárias, reflete sobre a paisagem. Ele nos diz: “a paisagem não é apenas vista, mas percebida por outros sentidos, cuja intervenção não faz senão confirmar e enriquecer a dimensão subjetiva desse espaço, sentido de muitas maneiras e, por conseguinte, também experimentado” (COLLOT, 2013, p. 26). A abertura do corpo que expõe a existência singular e íntima é também a que abarca o foranada pelos sentidos. A praia que se revela na interação das gentes, pelos sentidos.

Ainda sobre a paisagem, Collot (2013) afirma a existência de um sentimento que a faz sentido. “O ‘sentimento-paisagem’ (*qing-jing*), ao qual a poesia chinesa deu uma expressão surpreendente, não pertence ao sujeito nem ao objeto, mas nasce de seu encontro e de sua interação” (COLLOT, 2013, p. 28). Assim, se de um lado nasce nas gentes os nós que as ligam à paisagem, por outro a própria paisagem se desvela em sentimento. A abertura a exposição na paisagem possibilita o desvelamento do ser e a intimidade que faz concha, que se completa na segurança da areia em oposição a promessa de sereia do mar. Já essa promessa, é mesmo o chamamento da paisagem marítima, seu sentimento exposto.

2.1. O corpo em trabalho à beira-mar

Basta alguns momentos de desfrute da praia para que vejamos se aproximar homens, mulheres e crianças a vender ambulantes pequenos petiscos ou objetos complementares para o corpo exposto (óculos de sol, cangas, colares, brincos e bonés). Caminham pela areia, empurrando carrinhos, segurando isopores, mostradores de óculos, de roupas, carregando redes, baldes na cabeça, vendendo seus produtos. Alguns fazem os produtos eles mesmos, outros coletam e há ainda aqueles que compram industrializados e revendem. Cada um tem sua história, assim como cada um de seus produtos indicam práticas de trabalho distintas. Existe o trabalho em comum que é venda na areia, muitas vezes o único serviço disponível na praia, mas antes dele existe um outro, da própria produção ou revenda.

A praia e o mar também podem ser espaços cotidianos. Corpos que habitam tais espaços não estão indiferentes, como se faz crer o costume. Pelo contrário, estão ainda mais expostos a tais domínios. Exposição lenta e desatenta não é ausência de exposição, está mais para uma exposição mais descontrolada.

Passam uma vez e outra e mais algumas, cobrindo toda a extensão de areia, oferecendo, às vezes até mesmo cantando, seus produtos. “Venha sentir as emoções!! Isso não é um caldinho de camarão, é uma pescaria completa. Vem com lagostas se bronzeando ao redor do copo” (SANTOS *et al.*, 2015, p. 9) canta um vendedor de caldinho de camarão numa praia do Pernambuco. É uma forma de anunciar a venda, já atraindo os consumidores. Para quem está desfrutando a praia, é a oportunidade de experimentar os sabores do mar.

A experiência da praia se completa com a chegada dessas pessoas, seus alimentos que não só nutrem o corpo ao sol, mas o contaminam com a própria substância desse lugar. Praia tem gosto de camarão, ostra, peixe, queijo, milho, coco e tantos outros. Mas para além disso, tem o gosto da comida que chega a você através da pessoa que caminha a praia inteira, pisando areia e suando ao sol, pessoas de carne e osso e vontades e cor. O alimento não é só um produto, é curtido pela presença das mãos praianas que o manipulam, é rachado pelos percalços do caminho que se faz a pé.

Ambulantes são conhecedores da praia, pois a rastreiam inteira dia a dia. Percebem seus usos, seus frequentadores, seu ritmo próprio de gentes e de água. Aprendem quando ir e quando voltar, por onde passar. Conhecem uns aos outros e quando a competição pelos clientes não os repelem hostis, podem até mesmo se ajudarem. Faltou aqui, tem acolá.

Em muitas cidades grandes, os governantes municipais se atentam em cadastrar os ambulantes para ter um certo controle sobre o que se comercializa e como, padronizando as formas de armazenagem e manipulação de seus produtos. Mas para os interiores praieiros, não há como controlar ou organizar essas pessoas. Elas vêm e vão conhecedoras das presenças frequentadoras, das concentrações em quais dias. Vivem, porém, nas proximidades e são mesmo figuras conhecidas. Passamos por elas nas ruas, e para conhecer seus produtos é preciso só perguntar. Até o tempo para as conversas é dilatado. Alguns ambulantes podem até aceitar seu oferecimento de uma cadeira e uma conversa amiga, contar suas histórias enquanto recupera o fôlego que a caminhada tira.

As formas de trabalho na praia se diferenciam. São comercializados produtos artesanais e industrializados, tradicionais e mundiais. Muitos ambulantes trabalham no verão, nas férias de seus outros trabalhos ou escola. Garantem, aí, na alta temporada de turistas e frequentadores das praias, sua renda para alguns meses. Outros trabalham apenas com isso, o ano inteiro. Trabalham sob o sol e à vista do mar, fazendo seus próprios horários.

Que trabalho é esse que se esboça aqui? Garante uma renda, mesmo flutuante, apesar da exigência do esforço físico intenso, em contraponto às inúmeras dificuldades de se conseguir um trabalho fixo, carteira assinada, talvez pela falta de qualificação, de oferta, de boas condições ou até mesmo pela idade avançada, explicam eles a quem quiser saber.

Em algumas praias, é possível encontrar crianças, em férias escolares ou não, vendendo picolés e artesanatos. Em meio ao dia intenso de andanças para venda, brincadeiras. Inúmeras brincadeiras, banho na água, gritarias e risadas. E, claro, a cobrança ao fim do dia por parte de algum adulto responsável pelo número de vendas.

Para os pés e olhos dos que praticam a ambulância, o sentido da praia não é da areia ao mar, mas de uma ponta a outra. As mãos não rastreiam conchas, mas consumidores. Os humores maiores não são do céu e da água, mas dos frequentadores. O corpo nem é a praia que satisfaz, mas a sensação das boas vendas. Se as gentes desfrutam as praias, os ambulantes desfrutam as gentes e, por isso, são mais irmãos do mar.

A praia é, então, o lugar que atrai as gentes que compram os produtos. Os ambulantes passam em meio as pessoas, sempre em outro sentido, cortando as pequenas multidões. Caminham por elas como a própria água do mar que as envolvem. Trazem os vislumbres da cotidianidade, no sabor ou na caminhada. E nos momentos de desatenção das vendas, o corpo se revela ali, presente no desvelamento praiano, curtindo.

Os ambulantes são, mais do que os frequentadores, os habitantes do lugar. Porque não é apenas o corpo e sua pele historiada que a praia revela e desvela, mas as suas vidas, como um todo. No que suas mãos e pés trabalham, quais caminhos trilham. É na cotidianidade dos pés em movimentos que se sulcam suas bases. E a própria oscilação da água na praia não deixa nenhuma outra opção além do movimento.

Há na praia, ainda, os que comercializam fixos. Barracas e quiosques à beira-mar, onde são vendidos alimentos, bebidas, artesanatos e que podem variar em instalações de madeira até grandes restaurantes. Alguns, grandes como são, tiram os consumidores da própria praia. Esses já não interessam aqui. Os quiosques e barracas menores, por outro lado, colocam suas mesas na areia, fofa ou dura. São os centros da onde saem as comidas, as bebidas, os funcionários. Quase um pano de fundo da pessoa que senta virada para o mar, o continente mandando seus pedidos, enquanto o corpo desfruta o sol. O trabalhador do quiosque tem como pano de fundo o próprio mar.

Seu caminho é o vai vem na areia próxima ao quiosque, mas os sentidos que alcançam as águas são os mais distantes. Nada do toque ou da lambida, a não ser nos pés quando a água sobe. Escutam, muitas vezes, a música dos rádios e não das ondas. O que vivem não é a praia, pois esta vai logo a frente. Quase não se misturam a ela, são antes um apartado construído sob suas areias. Puxadinho para cima. Mas os pés seguem cheios de areia. Podem tentar se erguer acima, se desvincular do chão granuloso, mas para atender os que desfrutam a praia ainda é preciso se sujar, se envolver. A separação nunca é completa.

Os trabalhadores da praia que ofertam seus serviços muitas vezes o fazem para os turistas. O geógrafo Eduardo Marandola Jr. (2013, p. 1) fala nos seguintes termos acerca desse ser, o turista: “é um personagem da modernidade ocidental, que se desloca por um circuito constituído para abrigá-lo e orientá-lo na visitação a sítios pré-estabelecidos, preparados para este fim e atentos às suas necessidades, demandas e desejos”. Assim, a praia é adequada às necessidades crescentes do turismo, inaugurando uma nova forma de vivenciá-la, temporariamente. Forma que, de acordo com o historiador Alain Corbin (1989) tem origens europeias. “É no período (...) de 1750 a 1840, que [a Europa] conhecerá ao irresistível despertar do desejo coletivo das praias” (CORBIN, 1989, p. 65). Nesse sentido, Corbin observa que “a praia permanece, certamente, o lugar de trabalho dos pescadores, o prolongamento do espaço público da aldeia, mas passa a representar a culminação do ritual do passeio urbano”. E quem se punha a passear na praia, a contemplar o mar, eram os burgueses, cavaleiros garbosos em conversações galantes

(CORBIN, 1989). Desse modo de vida, parece não restar dúvidas do que perdura. O turismo é seu filho forte. Hoje, alcança mesmo as mercas de uma espiritualidade. Vidas se baseiam nas viagens, na apreciação dos lugares, paisagens, territórios, de maneira fugidia e prazerosa. A praia não foge a isso, atraindo uma população crescente para o seu desfrute. Em sol, sombra, água e sabores.

Os sabores da praia permanecem na água salgada. A não ser quando enruga os lábios de sede e sal, e o que suaviza é outra água, de coco. Água de coco é uma bebida que beira o surrealismo, propícia a devaneios do primitivo como é. Abrir um fruto da terra e da areia, retirar sua água, que é doce e suave. Parece nutrir o corpo antes mesmo de ser absorvida, apenas no contato de carícias. Que contraste frente à peripécia da água do mar, que acaricia o corpo com promessas enganosas de ingestão! Quase como uma água honesta, presa como está no seu mundo verde, sob paredes brancas de delicadeza carnuda. Água de coco é a nutrição líquida da praia.

Os quiosques podem funcionar em ritmo acelerado a depender do fluxo de frequentadores e clientes, ou não. Em praias mais isoladas, fora da época cheia, o que governa o trabalho é muitas vezes a própria vontade dos trabalhadores quando a clientela é pouca. Aqui, se revela uma outra forma de produção, que não cabe na própria carteira de trabalho. Em muitos subsiste a noção do desperdício de trabalho, de um trabalho que não compensa ou atende o corpo que prefere descansar ou festejar.

Frutos do mar e pescadas, os sabores do mar. Sabores que são, de certa forma, tradicionais. Alimentos que nutrem o corpo praiano há centenas de anos, mesmo antes da existência de um país. Tantas cidades interioranas do litoral cujos moradores se lançam ao mar a pescar. Tantas comunidades perdidas nas areias do tempo, seus membros expulsos pelo interesse alheio num espaço caro. Caro de capacidade para produzir lucro, dinheiro, poder, numa satisfação que passa longe da estima do coração do pescador afeito a praia.

Tantos pescadores, em comunidades, que na busca por melhores condições para praticar seu trabalho se modernizaram, desagregando o próprio sentido complexo que a pesca possuía, afastando seus próprios irmãos. Não por sua intenção, mas pela natureza das mudanças. Veja só, o mesmo barco a motor que permite mais facilidade inibe as jangadas, as canoas, os modos de fazer e ser. Afasta o companheiro, que antes compartilhava o trabalho e os dias, a vida. Superam os intermediários das vendas que sugavam o sangue em forma de pescado, melhorando a vida. Ponto bom, não há o que dizer. Mas perde-se

a festa que seguia o calendário dos peixes, que hoje soltos minguaram e são produzidos em outros currais, cercados no mar. Se antes era uma comunidade que pescava tainha, agora investe é no camarão, que ainda dá retorno. Transformações, tantas, que repercutem na vivência da praia.

À praia, percebemos logo a presença desse modo de vida por meio dos barcos que pululam as águas, mas também as areias, à beira-mar. Ali trabalham pescadores. Vivem? Recolhe a água com a maré baixa e os barcos estão na areia a espera. Vemos pescadores andando por perto, tralhando seus barcos. Com a subida da água, onde antes só tinha areia, agora tem a possibilidade de sair navegando o mar. Ganhar o sustento do dia em trabalho de pesca. Percorrer as águas como quem caminha pelo seu quintal, sabendo suas dobras e arestas na ponta da mão e do barco. Pescador de praia ou de mar é regulado pela própria maré. Sabe qual o sabor da profundidade do mar, em matéria de peixes.

Nos casos em que a praia é o espaço de trabalho, as interações se modificam. Não suporta o corpo no calor o prazer de se banhar e de caminhar pela praia enquanto se exercita, mas a necessidade de se viver sob a intermediação do dinheiro, para comida, casa e qualquer outro serviço. Até mesmo a pesca, que alimenta, pode não ser o suficiente. Quais fantasias as mãos afeitas a pesca hoje sonham?

A praia, vista da areia, nos revela algumas possibilidades de trabalho à beira-mar. São elas relacionadas a pesca e coleta de animais marinhos, aos serviços de alimentação e outras vendas que atendem as gentes que desfrutam praia. Essas experiências de praia comportam infinidades, condições e/ou contextos distintos. Não é possível adentrar em todos eles. Desse modo, apresento em um primeiro momento alguns relatos de trabalho à beira-mar, para depois passar à imersão fílmica, buscando vislumbrar os sentidos e significados da praia na descrição dessas vivências.

A praia enquanto lugar de desvelamento dos corpos não reforça um conteúdo de gênero específico. O mar é igual para todos. Os trabalhadores do mar, que pensamos sempre em relação a um conteúdo masculino, são diversos. Talvez associemos um e outro, pescadores e homens, porque algumas das características atribuídas ao esquema masculino se reforçam no mar, quando na verdade é presença em qualquer pessoa que viva esse espaço. A força e a solidão, o corpo à prova, o risco, o esforço físico. Nada disso, porém, é naturalmente ligado ao pênis ou ao masculino. É antes uma referência estereotipada dos corpos, como a própria dicotomia a que o sujeitamos. Deixar o corpo

agir e apreender a partir dos seus movimentos as possibilidades e limites do mar é tarefa muito mais prazerosa. O desfrute da praia nos diz isso.

Em Shirahama, no Japão, sobrevive em seus últimos suspiros uma comunidade de mulheres trabalhadoras do mar, mergulhadoras que pescam nos corais os abalones, molusco valorizado no mundo asiático. São hoje mulheres quase idosas, porque a disposição e a saúde seguram a decaída do corpo, estendendo mesmo a vida. São mulheres independentes, fortes. Mergulham na água fria, gritando e dando risadas alegres. São chamadas *Ama*.

Registros da sua cultura voltam em quase 2000 anos. Essas pescadoras mergulhadoras eram presentes em diversas vilas japonesas, embora hoje resistam em poucas. Configurando comunidades isoladas, cada uma possuía técnicas e tradições diferentes e específicas. Mergulhavam sem ajuda de nenhum aparelho, segurando o folego enquanto buscavam no fundo do mar ou em corais as ostras, abalones, plantas etc. Usavam um instrumento de metal, chamado “*kaigane*” para pescar, sendo diferenciado o tipo segundo o que buscavam encontrar. *"In ancient times 'kaigane' was very precious and was given to the Ama by the Emperor or by the rich people in returns for her services. It was also carried to protect her from evil"*⁵ (NUKADA, 1965, p. 29). Eram mulheres ornadas apenas com um instrumento de metal, protetor, e com a sabedoria do corpo que mergulha em uma prática tradicional, conforme demonstram no documentário *Amasan*, de Amie Willians (2009). Afirma uma das Ama entrevistadas:

*Sometimes we get nothing. Women take only what they can. Women take only those shellfish that they can see. Men will move the rock, and maybe under the rock there are more shellfish and they take them. And then there will be no more birth of shellfish there. They are damaging the ocean. If only women were taking abalone, we could've been able to keep the balance.*⁶ (WILLIANS, 2009)

Embora os conteúdos de gênero específico não sejam reforçados no trabalho ao mar, são as próprias Ama que denunciam essa capacidade masculina em modificar o que encontram em nome do benefício próprio. Crítica que ganha contornos pela resistência dessas mulheres em se encaixarem no esquema do feminino, ao passo que os homens

⁵ Em tradução livre: “Nos tempos antigos, ‘kaigane’ era muito precioso e era dado à Ama pelo Imperador ou pelas pessoas ricas em retribuição ao seu serviço. Eram também carregados para protegê-las do mal”.

⁶ Em tradução livre: “Às vezes, nós não pegamos nada. Mulheres somente pegam o que podem. Mulheres pegam somente os mariscos que podem ver. Homens movem as rochas, e talvez debaixo da rocha tenha mais mariscos e eles pegam-nas. E então não haverá mais nascimento de mariscos aqui. Se apenas mulheres estivessem pegando o abalone, talvez pudéssemos manter o equilíbrio”.

seguem sendo e vivendo como o estereótipo, exercendo sua força à revelia de todos os outros. E, ainda, pela intrusão industrial numa forma de trabalho que foi, por muito tempo, tipicamente realizada por mulheres.

As pescadoras de Shirahama têm casa na praia, onde se preparam para o trabalho. Valorizam a praia de rochas entremeadas à areia e água, onde mergulham e conversam e gritam e riem, em uma prática milenar. De fato, Amie Willians (2009), cineasta e jornalista que documentou a vida dessas pescadoras, nos diz que por centenas de anos mulheres mergulham atrás de abalones nessa praia.

Diz uma das *Ama* sobre a experiência de trabalho à praia: “*The conversations you can have out in the water are different. You can be loud, free. Did you hear us talking in the water? We can talk on the water much more and louder than on land*”⁷ (WILLIANS, 2009, 4m52s). Longe da casa, das famílias, das pressões da sociedade que exigem se não o silêncio, pelo menos a voz baixa. Na água, no mar, essas mulheres são livres. Obviamente, há o perigo. O perigo de permanecer imersa por mais tempo do que corpo sem ar suporta. Mas esse é um trabalho que se apoia na experiência e no cuidado entre as mulheres e isso supera quase sempre o risco. A vivência de trabalho na praia aqui é apreciada como uma superação e um saber próprio. A persistência em se jogar nas águas e segurar o folego é, sem dúvida, necessária ao aprendizado. Mas em se tratando de águas que obedecem a um movimento próprio, não é só pela força de vontade que se age. Certa disponibilidade à renúncia, do corpo e de si, e também do controle, é necessário. Deixar que os músculos sigam o movimento, adaptem-se as investidas.

A liberdade é conquistada na praia. Que liberdade é essa que se delineia não no corpo livre de tensões, mas na renúncia a elas e na introjeção ao sabor das vagas? A possibilidade de se tirar o sustento do mar para garantir as forças do corpo e o acesso aos serviços de manutenção da vida. O poder de sustentar, quando o esquema de gênero exige da mulher que seja doce pois sustentada. Se as leis das águas do mar podem ser aprendidas e conquistadas pelo corpo que renuncia ao controle se libertando na introjeção, as leis da sociedade não são assim tão honestas. Exigências de submissão, de silêncio, de dedicação aos outros ao ponto da abdicação de si são características do esperado para quem se encaixa no esquema feminino.

⁷ Em tradução livre: “As conversas que você pode ter lá fora na água são diferentes. Você pode ser barulhenta, livre. Você nos ouviu falando na água? Você pode falar muito mais na água, e mais alto, que na terra”.

A praia, como lugar de trabalho, se mostra aqui também como possibilidade de liberdade. Liberdade que antes exibiam nos próprios corpos nus. Até a metade do século passado, antes da entrada massiva de estrangeiros do ocidente no Japão (e da sexualização desses corpos nus em trabalho pelo olhar forasteiro), as *Ama* trabalhavam na água fria vestidas apenas com pequenos shorts. Não tendo acesso às roupas de tecido propício ao mergulho, o faziam sem.

Um registro fotográfico dessa forma de interação com o mar foi feito por Iwase Yoshiyuki⁸. Fotografias que revelam e expõem corpos femininos em trabalho nas águas. O que se liga ao corpo aqui? O saber dos pulmões, do nariz e boca que seguram ar. Os braços e mãos que pegam os moluscos e conchas e plantas, os olhos que os localizam. A capacidade de submergir, mergulhar o corpo inteiro desbravando água. Sobre o nado, Michel Serres nos diz: “O nado distribui pela superfície da pele a sustentação que o andamento usual exige somente da planta dos pés” (SERRES, 2001, p. 331). É preciso saber controlar a pressão que atinge o corpo debaixo d’água. Saber submeter os corpos às leis do espaço líquido sem consequências trágicas. Existe força, resistência, sabedoria do mar. Se a praia é sustento nos pés, o mar distribui para o corpo essa exigência e a faz gritar nos pulmões.

É na praia que as pescadoras se despem e se paramentam, é lá onde as crianças assistiam às mergulhadoras e aprendiam mesmo o que fazer. A praia é solo antes do mergulho. É a ruptura entre dois espaços, do mar e da casa. Tem em si a abertura para um e outro. A praia é necessária ao trabalho no mar, pois o principia. Por isso, não está ainda sujeita às leis da casa, da vila, da comunidade.

Largando as exigências da casa e da comunidade, de roupas, comportamentos, atividades, é na praia que essas mulheres vislumbravam a possibilidade de uma vida diferente. Mais livre. É no mar que a realizavam. Assim como elas, diversas comunidades de pescadoras e marisqueiras são afetadas pelas mesmas questões.

O mundo adentra outra marca temporal, com novas formas culturais e conteúdos. Os mistérios da vida nascem e se manifestam de formas diferentes. Algumas coisas se perdem, se transformam e são vividas de outras maneiras. O saber das *Ama*, mulheres do mar, submerge no corpo feminino com o fim de um modo de ser. Em Shirahama, como em outras cidades, já não existe outra geração após essa.

⁸Para mais informações, ver: REDAÇÃO HYPENESS, 2014.

Em uma praia da Bahia, uma menina e sua avó, vendedoras de mariscos, cantam. Música que as duas compartilhavam desde a coleta até a venda do alimento. Cantavam para chamar os mariscos e cantavam para chamar os clientes. Eram dessas marisqueiras baianas, que cruzam rio até o mangue, mas voltam logo para praia. Mariscos são crustáceos e moluscos (caranguejos, guaiamuns, siris, lambretas, sururu, ostras), sobreviventes dos mangues, essas lamas ricas de vida que vingam nos encontros dos rios com mar. Marisqueiras são ainda pouco reconhecidas em seus trabalhos, que muitas vezes garante a renda da família inteira. A praia aqui é composição de espaços, entre o mangue, o rio e o mar. Para os pés acostumados a vasculhar todo esse chão, o mundo inteiro se expressa ali, materialidades profundas com seus cheiros próprios. O canto que permanece no ar, de um trabalho de corpo presente e de sol, indica vida que explode do corpo exposto. O canto é exposição de existência, que sustenta mesmo com o cansaço.

Acorda de manhã com o sol, segue para as areias e lamas próximas ao mangue. Leva os filhos que não podem ficar para trás, sozinhos. Tem que conhecer a maré, saber quando ir, quando passar e voltar. Com os pés e mãos vasculham as croas, os bancos de areia. Os moluscos e crustáceos maiores são coletados, colocados em sacos e baldes. Os menores retornam para a areia. Deixar os menores é garantia de ter mariscos no futuro. A cata segue a manhã toda, depois é voltar para a casa onde o trabalho continua na fervura dos mariscos em fogão a lenha para retirar as cascas. É só depois que são vendidos. Monteiro *et al.* (2016) descrevem, assim, o trabalho em uma comunidade de marisqueiras em Canto Grande, Ceará. Trabalho diário, pode ser. Mas compreende também outros ritmos: o das marés e do crescimento e aparecimento dos mariscos.

O trabalho é retirar da praia, depois de fuxicar suas areias e lamas, animais que servem de nutrição para os corpos em sabor de água e lama. O trabalho é ferver, quebrar, cozinhar esses animais nos fogões a lenha das casas. O trabalho é vender esses animais, esses alimentos preparados, nas praias, feiras, praças, bares e restaurantes. As mulheres trabalham em proximidade da praia atendendo ao esquema social do feminino, encarregadas de vigiar e cuidar da prole. A solidão do mar é possível apenas àqueles que têm a vantagem de poderem ficar sozinhos, no esquema das coisas. A liberdade do mergulho no mar, a beleza dessa pesca das mulheres japonesas, é, assim, tão grandiosa, pois é feita na solidão do corpo que aguenta.

A experiência de trabalho à beira-mar estende a praia, inclui nela os outros alagados de rio e mar; mas também estende a água salgada, colocando barrancos e beiras onde o mar

se aprofunda para dimensões oceânicas. Muitas vezes, a própria casa e/ou comunidade é trazida para areia. O pertencimento que estende a praia, inclui ela em toda uma dimensão de lugar. O lugar, para Tuan (2013), envolve a realidade associada às rotinas e hábitos, à afeição pelo espaço que se densifica numa experiência cotidiana.

A continuidade que se evidencia do mar para praia para o mangue para o rio para casa é demonstrada também na pele das gentes. As pescadoras japonesas podiam mesmo ser chamadas de monstros, pois, como afirma Willians (2009), seus corpos se desenvolviam de maneira diferente do padrão social de feminilidade, com mais músculos, peles mais escuras e mãos mais secas e calosas. Assim também essa experiência de praia deixa suas marcas na pele exposta, seja do sol, do canto ou das risadas.

Para essas pescadoras, a experiência da praia é cotidiana no trabalho. Obedece aos ritmos da necessidade, mas também do corpo, da água e dos animais. As marés, o crescimento dos pescados. Tudo isso é saber adquirido pela vivência diária desse lugar. A maneira de se mover, nadar, por onde passar... Nesse sentido, as experiências tornam a praia densa e o corpo marcado em história.

Cristiano Ramalho (2015) descreve o trabalho dos pescadores de mar-de-fora, isto é, mar profundo, da praia do Suape, Pernambuco. Segundo o sociólogo (RAMALHO, 2015), juntam-se os homens, pais e filhos, ou compadres, para dar o quinhão do barco, que segue segundo as marés e as vontades quando o pescador é livre, ou seja, não é empregado por algum patrão. Pescam depois da arrebentação do mar utilizando barcos a motor, diferenciando dos pescadores de mar-de-dentro, que pescam em rios, estuários e praias. Vai no barco a motor para o mar-de-fora o mestre, pescador conhecedor do mar, das rotas e áreas piscosas, e comandante. Pescando três homens, dividem o quinhão dos peixes em cinco, sendo os outros dois os donos da rede e do barco. Quando o mestre não é dono do barco, quem fica com a parte do quinhão da rede é ele, já que é quem se encarrega. Vendem os peixes nas feiras ou a um parente, intermediário de outras vendas. Mesmo quem não tem barco pode ser livre, por causa desse quinhão que compartilham os homens que pescam juntos no mar. Homens que votam uns pelos outros, se conhecem de longa data ou mesmo compartilham sangue e família. Diferente de trabalhar para empresas, onde as dinâmicas mudam e também as cobranças. Para esses pescadores, ser cativo é ter a obrigação da pesca, trabalhar para outra pessoa ou empresa.

Ramalho (2015, p. 209) explica o ritmo de trabalho do pescador livre a partir de trecho de entrevista feita por ele para tese de doutoramento. “O pescador só quer ir pra maré

quando acabou aquele dinheiro que ele ganhou, aí chamam ele de preguiçoso. Mas não é. Só que ele vai quando termina o dinheiro. Ele também não quer gastar o corpo. Aí chamam o cabra de preguiçoso” (trecho de entrevista com seu Gidinha, pescador mestre, 70 anos). Gastar o corpo é questão séria para quem trabalha na exposição da existência em um espaço arriscado, onde a densificação do lugar em experiências deixa suas marcas na pele e no corpo.

Parte da sabedoria do mar vêm de saber quando não ir. Já os preguiçosos, para esses mesmos pescadores, são aqueles que faltam com a comida e a renda para a família. Pois, o mar está lá, com peixes. E mesmo quando não está oportuno, ainda tem o mangue e a praia. Ramalho (2015, p. 210) apresenta essa ideia em outro trecho de entrevista: “Veja só, se ele nada tiver em casa, ele pode ir ainda no mangue e pro mar pegar uns aratus, uns peixinhos e colocar com um pouco de farinha. Já arrumou o que comer. O pescador pode não ser rico, mas fome não passa, não. Só se for preguiçoso” (trecho de entrevista com seu Luiz Augusto, pescador mestre). O trabalho que retira do mar o sustento é praticado segundo ritmos do mar e do corpo que pesca, para suportar a vida de si e da família. É o mar, o rio, a praia que matam a fome.

Como afirmou um dos pescadores mestres, Seu Neneu, é “o trabalho quem guarda minha liberdade. Não sou obrigado a ninguém” (RAMALHO, 2015, p. 205). Assim, não é o corpo em trabalho de pesca, ou a vivência do mar, que garante a liberdade do pescador, mas o fato de não estar empregado em nenhuma empresa ou ter nenhum patrão. O mar não é o espaço da liberdade, nem tampouco a praia. É onde se cansa o corpo para retirar o sustento, regulado pelas marés e necessidades. O próprio desbravamento ocorre pelo barco, que deve ser bem controlado e disposto no mar. Os corpos desses homens precisam apenas suportar a linha, as redes, os arpões. A liberdade que se conquista no mar está no trabalho autônomo, ou associado com companheiros.

A praia aqui aparece, antes, como complemento para o sustento que o mar propicia, extensão produtiva. Andrade (1964, p. 139-140) afirma que, se o regime de trabalho da pesca tem um ritmo próprio é “porque depende muito do tempo e porque, na praia, a alimentação é facilmente encontrada nos mangues que ficam por trás das restingas. Aí são encontrados, em grande medida, os caranguejos, crustáceos que dão excelentes pratos”. É a riqueza da praia que permite a dinâmica de trabalho dos pescadores, pois sustenta quando o mar não está propício, ao corpo ou ao barco. Mas a praia não é só isso.

Ela é lugar, extensão de casa, para quem vive na beira-mar. Nesse sentido, as gentes pertencem também a ela.

O historiador Luiz Geraldo da Silva (1993) descreve e caracteriza a prática da pesca da tainha por uma comunidade caiçara do litoral norte de São Paulo, buscando identificar as mudanças advindas com a modernização. Segundo ele, a pesca da tainha acontecia a partir do cerco dos cardumes pelas pessoas e através do uso da rede. Ela acontecia, portanto, na veia d'água, na praia. Não adentrava o mar. Era na areia que sentava o vigia, a observar quando a água se movimentava com a passagem dos peixes. Avistados, lançava mão de um aviso para chamar os pescadores. A prática combinava a necessidade de se vigiar as águas, o cerco do cardume por todas as pessoas que pudessem participar e, por fim, a pesca com rede. A vivência da praia indicava os cardumes que furavam a rotina, reuniam as gentes. O trabalho à praia era complementar, contudo. A comunidade detinha-se no cultivo da terra e na floresta. Eram pescadores agricultores, cuja atividade de pesca da tainha, entre outros peixes, era ancilar, subordinada à agricultura. Possuíam, ainda, uma relação muito íntima com a floresta, a Mata Atlântica, retirando dela alimentos, madeira e produtos vegetais em geral para construção de casas e barcos, utensílios domésticos, produção de medicamentos e equipamentos para pesca. Eram, em grande medida, regulados pelo tempo natural do cultivo, em um calendário que intercalava o plantio, a pesca e a coleta. A pesca da tainha

... para a felicidade do caiçara, coincidia com o período de menores disponibilidades da produção agrícola. Em agosto, quando as tainhas vinham desovar nos rios de água doce e enseadas de Ubatuba, os campos estavam sendo preparados, ou queimados para as novas sementeiras ou plantações das ramas de mandioca. (DA SILVA, 1993, p. 23 – trecho de entrevista com Marcílio de Ubatuba)

É na época da chegada dos grandes cardumes que acontecia a maior festa religiosa dos caiçaras, do Divino Espírito Santo. Festa que era marcada amplamente pela noção de agradecimento. Eram intensamente musicais e dançadas, com destaque para o uso de violinos e rabecas, bem como de toadas, maneira de cantar que se aproxima dos moldes eruditos, europeus.

Para os caiçaras, o mar adentrava as festas e a própria comunidade a partir da pesca na praia. "Terra e mar constituíam um referencial único para o caiçara, a base sobre a qual se assentava todo o seu modo de vida. Assim, não só a terra, mas também o mar era referenciado em cerimônias, canções e festas propriamente ditas" (DA SILVA, 1993, p. 65). Assim, a praia trazia a abundância, para além da complementaridade. A floresta e o

cultivo do solo eram as noções corriqueiras, os alimentos diários. Com a pesca no mar-de-dentro, os recursos se excediam em festas e agradecimentos.

Da Silva (1993, p. 21) afirma, sobre os pescadores, "... que se contentam com a pesca de um só dia quanto baste para a carne, a farinha do dia seguinte, gastando o resto da semana em jogar, tocar violas pelas praias, etc...". Essa relação com o trabalho indica um modo de vida em que outros aspectos são tão ou mais importantes, como o desfrute, o descanso ou as festas.

A praia é lugar de trabalho, mas também de festa e desfrute. Por isso, é todo um modo de vida, uma fonte de identificação para uma comunidade. Um pertencimento que adentra o sangue e, por isso, vira música e fé. No vislumbre das experiências de trabalho na beiramar, começamos a adentrar uma noção da praia como lugar denso, para além do que nos indica a vivência perceptiva dessa paisagem. A praia como lugar suporta a vida das gentes, em seus alimentos e trabalhos, que não só permanecem nela como pertencem, num sentido identitário.

Da Silva (1993) também descreve a interação dos jangadeiros com a pesca e, indiretamente, com a praia, reforçando essa noção da praia como lugar de vida e pertencimento das gentes. Os jangadeiros são pescadores que habitam os litorais do nordeste brasileiro. Viviam na praia, valorizando essa proximidade com o mar. Por causa do chão arenoso, não plantavam nada além de uma pequena horta de temperos. Os jangadeiros pescavam no mar aberto, muitas vezes próximo às "paredes", no mar de fora, bordas das plataformas continentais, onde o mar se encaminha para profundezas maiores de oceano. Pescavam de linha, corso ou corrida e com covos. O calendário de pesca varia em função das condições do mar. Da Silva (1993, p. 72) afirma que "os pescadores nordestinos pescam de setembro a março, evitando, desse modo, o tempo de chuvas, que vai de abril a agosto. Neste período, as lufadas de vento, os rebojos e as tempestades impediam o regresso à terra, viravam jangadas, etc.". Com suas festas religiosas, de influência católica, mas dedicadas aos Santos, acontecendo nesse intervalo, adquiriam um caráter de ritos de fertilidade que consagravam uma época de dificuldade para uma de bonança. Os jangadeiros possuíam, ainda, uma identidade claramente praiana. Eram chamados "gente da praia", em oposição à "gente da rua", nas festividades de carnaval e nas disputas de futebol. Dançavam o coco de praia, que soava em tambores e improvisações próximas aos ritmos africanos.

É claro que as exigências do mercado atingem e mudam também essas relações. O que antes era um modo de vida, hoje é outra coisa. A praia se desgasta no abuso do trabalho em massa, se engessa na venda superficial de sua paisagem.

O caso mais marcante talvez seja o dos pescadores. Quando os pescados diminuem, perde a qualidade, a competição se acirra com quem produz em largas quantidades, tudo isso diminui a capacidade de alimentar uma família a partir do trabalho no mar. Praticar um trabalho que é um modo tradicional de vida se torna um fardo perto das dificuldades impostas. A praia, que antes era casa e trabalho, era meio de sobrevivência e festa, passa a ser um sonho perdido. Diversas comunidades tradicionais que vivem em uma interação singular e própria com esses espaços estão se dissolvendo e modificando, muitas vezes impossibilitadas de viver da forma como tem vivido há anos. As mudanças em si são tão drásticas quanto a impossibilidade de permanecerem nesses lugares em que construíram toda as suas histórias e vidas. Sobre a praia perdida, há de se fazer maiores pesquisas.

O que se vislumbra a partir da areia da praia são duas possibilidades de trabalho: o primeiro, sempre presente, se revela nas mãos sulcadas do trabalho da pesca, das marisqueiras, das vendas, da produção de alimentos. Essa possibilidade de trabalho praiano se relaciona com todo um modo de vida, com a praia vivida enquanto lugar. Muitas vezes possuem como público os turistas, mas não são os fins que envolvem a praia aqui. A praia é o meio, pois é nela ou próximo a ela que ocorre a coleta e a pesca de elementos marítimos, ou a venda do serviço que permite a sobrevivência. A vivência pelas gentes do trabalho na praia, que é lugar, tem muitas vezes raízes nos povos tradicionais, indígenas, de origem africana, entre os inúmeros que os constituem.

Contudo, mesmo o trabalho da pesca é cooptado pelo sentido industrial, produção forçada de animais em tanque, captura em grandes grupos por redes, intensivo, desgastante e incapaz de sobreviver por muito tempo. “Cativo”, o pescador responde a um tempo que não é da maré nem do corpo, labuta em um esforço que o impele ao desgaste e a morte. Aqui a praia não é o sonho perdido de quem foi obrigado a se afastar, subir serras, adentrar sertão. É recuperada na presença em trabalho, mas não mais no mesmo sentido anterior. O que se vende não é o peixe, nem se recebe seu quinhão. Os pescadores vendem a sua própria capacidade de trabalhar, e num ritmo que não permite o descanso do corpo, antes o desgasta.

A praia é o espaço do batente, os barcos são solos de homens que trabalham na pesca de grandes quantidades, entretanto desse peixe não se vê sabor. O que ganham é salário,

tabelado, não pescaria (MALDONADO, 1986). O mar passa a ser o local do trabalho, mas não do sustento e vida. Assim como o corpo labuta nesse espaço, poderia fazer em outro. A imaginação e a fantasia que rodeia e interpela as inconstâncias e forças próprias do mar, que antes virava dança e fé, agora sobrevive fracamente nos trocadilhos e avisos do pescador mais velho. A praia e o mar como locais de um trabalho que desgasta não só o corpo mas também a paisagem, até o ponto de quase morte, se revela como a segunda possibilidade. A praia como produto, onde ela é usada até a quase exaustão, seja na produção de alimentos ou na venda imobiliária, que gera lucro na sua comercialização.

O turismo praiano corresponde a uma comercialização e venda da praia e do mar, da venda da possibilidade do prazer do seu desfrute. Mas é sempre uma venda temporária e fugaz àqueles que compram. O que significa vender uma paisagem, mesmo que temporariamente? Aos turistas, pode significar o desfrute, a possibilidade de exposição e desvelamento. Mas há aqueles que voam mais alto, cujas vendas e compras não cabem em qualquer bolso ordinário. Esses poucos operam em outros níveis: na venda da propriedade da praia (exclusiva), na especulação imobiliária que encarece os preços de tudo e gera lucro sem nem um produto trocar de mãos, nas mansões à beira-mar, na invasão (tão velha e constante) de europeus que adquirem grandes extensões litorâneas para construir hotéis gigantescos que mal sobrevivem, nas indústrias de petróleo e na produção em massa dos pescados.

A antropóloga Simone Maldonado (1986) atesta a influência desarticuladora das cadeias hoteleiras e empresas imobiliárias.

As áreas de praia onde geralmente estão situadas as comunidades de pesca artesanal tem sido ocupadas por empresas imobiliárias, turísticas e hoteleiras, o que afasta o pescador do contato sistemático e frequentemente com o mar, elemento imprescindível à formação individual e à reprodução do grupo. Esse tipo de intervenção no espaço também contribui grandemente para a desarticulação dos grupos e marginalização do pescador. (MALDONADO, 1986, p. 44)

O que permanece nessa segunda possibilidade de trabalho é a valorização da praia enquanto produto principal, às vezes sugado até o descarte final. Transformar a praia em produto pode trazer inúmeras medidas para incrementar sua vivência, sem que esta passe pela própria essência praiana. É fazer do lugar de intimidade, que é a praia por si só, uma quimera, algo entre o que é e o que se quer vender. Tentar pintar uma paisagem outra por cima do tecido do espaço real. Escondem-se os moradores, os usos cotidianos da praia, em função de um desfrute irreal. Ocorre, inclusive, uma aniquilação dos riscos, dos

perigos e da vulnerabilidade que é inerente à configuração praiana de um lugar à beira-mar, muitas vezes com o próprio isolamento da praia, agora exclusiva. Existem praias privadas, reservadas apenas a um ou poucos que podem pagar. As praias de desfrute exclusivo não são curtidas em vulnerabilidade, mas em propriedade. Mas quem curte propriedade não curte a praia em si. Porque a praia, que é íntima e lugar, existe para além da apreciação sensível da paisagem.

Nesse sentido, as praias mais bonitas e isoladas encham olhos e bolsos. Exclusividade de desfrute é em si uma moeda. Como afirma o geógrafo Élisée Reclus: “À beira-mar, as falésias mais pitorescas, as praias mais encantadoras também são em muitos lugares açambarcadas por proprietários invejosos ou por especuladores que apreciam as belezas da natureza à maneira dos cambistas avaliando um lingote de ouro” (RECLUS, 2010, p. 86). A paisagem é apreciada na medida do lucro que pode gerar a sua venda. Venda temporária ou exclusiva.

A praia como mercadoria ou produto também é experiência do trabalho à beira-mar. Em alguns casos, ela é drenada até a exaustão, na produção de pescado em massa ou na instalação de indústrias de extração de insumos, como petróleo, areia, minerais etc. Sobre isso, Santana *et al.* (2015) atestam as consequências para comunidades marisqueiras do litoral de Sergipe dos usos e abusos da beira-mar.

o estudo identificou que os ambientes de trabalho das marisqueiras vêm sendo palco de inúmeras alterações ocasionadas tanto por atividades produtivas (indústria do petróleo, carcinicultura, turismo, especulação imobiliária, dentre outros) quanto pelos produtos derivados destas atividades. Segundo as marisqueiras entrevistadas, tais mutações têm ocasionado dentre outras variáveis: a redução de suas áreas de trabalho, conseqüentemente o sufocamento da atividade – acarretando a progressiva retirada das mulheres da atividade de captura em algumas comunidades – ou mesmo a inserção em áreas circunvizinhas – sobrecarregando o ambiente marinho destas –; a diminuição do quantitativo de mariscos; poluição e a instauração de conflitos de terra (espaço). (SANTANA *et al.*, 2015, p. 5-6).

Santana *et al.* (2015) demonstram como a praia como mercadoria leva a uma exaustão que expulsa as gentes, afetando comunidades de marisqueiras cuja interação com a beira-mar garante não apenas a sobrevivência, mas o sustento em muitos sentidos, tais como do trabalho, da festa, da fé, da identidade. Os conflitos de terra se instauram, então, em função da divergência entre as essências espaciais que conectam as gentes à beira-mar. A praia como lugar não admite as mesmas interações que a praia como mercadoria. Para os

olhos que aspiram lucro, nenhuma paisagem é verdadeiramente sentida, nenhum lugar é íntimo. Sobre esse espaço que é mercadoria, Mariana Albuquerque (2011) afirma:

a utilização do espaço já surge, além da função de uso, com o intuito de obtenção de lucro, possuindo um valor de troca, realizando-se pela mediação do mercado, com a compra e a venda da terra. Até então o espaço era apenas o meio de produção, onde as mercadorias eram produzidas, e não como um objeto de troca com valor agregado. No entanto, o espaço passa a não só conter mercadorias, como ser a própria mercadoria (ALBUQUERQUE, 2011, p. 3)

A praia tem valor em si, a partir das empresas imobiliárias. Mas também na exploração dos recursos que reúne na sua materialidade. O olhar da mercadoria não atenta para seus arranjos sensíveis, suas assimilações carnavais, mas antes para como é possível usá-la em ordem de gerar o lucro.

A praia enquanto mercadoria e/ou produto evidencia uma essência espacial pouco discutida pela geografia humanista⁹, embora amplamente difundida em outros contextos. Nesse sentido, temos, por exemplo, a dissertação de mestrado de Daniel Ramos (2009), na qual o arquiteto explora as origens da praia enquanto mercadoria na região metropolitana de Vitória, Espírito Santo. Adentrando, porém, uma outra nuance dessa essência espacial, podemos nos perguntar acerca do que ela presentifica. Seus sentidos e significados incluem uma degradação e exaustão do espaço, que mesmo com sua resiliência intrínseca pode chegar a uma situação de crise; a expulsão das gentes que vivem aí, evidenciando uma situação de risco ou até de exílio, quando da impossibilidade de habitá-lo.

Por fim, o trabalho turístico na beira-mar não é apenas algo de pernicioso, embora a lógica capitalista sob a qual opera o seja. Existem inúmeras maneiras de se comprar um trabalho turístico, assim como existem milhares de pessoas que sobrevivem a partir dele. Essa dimensão envolve todos aqueles que estão esperando no litoral pelos turistas que os pagam, seja lá qual for a função. Pescadores sobrevivem próximos ao mar, muitas vezes, ao diversificar suas atividades de trabalho e vida, adicionando a possibilidade de vender passeios turísticos pelo mar, tão conhecido, ou pela venda de seus pescados na praia aos bares e turistas. São diversas as formas de sobrevivência no lugar. Assim, nos deteremos mais um pouco aqui, articulando novas profundidades.

⁹ A geografia humanista, na qual se inclui o presente trabalho, tem se consolidado nos últimos anos enquanto área da geografia brasileira caracterizada por uma abordagem fenomenológica (MARANDOLA JR., 2013).

2.2. Das gentes que vivem a praia como lugar

Para as gentes do mar, a praia é o lugar de morada. Essa morada pode ter sentidos de comunidade, família, identidade etc., sendo sempre o primeiro solo de existência depois do mar. Sendo assim, as relações de trabalho na praia raramente permanecem na praia, adentrando as águas que banham rotineiramente as areias para além destas. As relações de trabalho que chegam a praia vão até depois das “paredes”, dos “barrancos”, do mar de dentro. Essa divisão do mar é presente, variando os termos, entre as comunidades litorâneas, demonstrando duas maneiras de se trabalhar nas águas salgadas, que cumprem rotinas diferentes, com suas dinâmicas, instrumentos e sentimentos específicos.

O corpo que pesca na croa arrasta os pés e curva as costas. O corpo que pesca na veia d'água cerca o peixe, braços abertos, olhos vivos e águas no joelho. O corpo que pesca mergulhando na água segura o fôlego e se lança para baixo, vasculha o chão habitado do mar em busca de suas presas. O corpo que pesca em alto mar vai sentado no barco, testa as águas como quem quer conhecer suas profundezas, segura linha e rede e quem se lança é as costas para trás enquanto o braço vai para frente.

Para aprofundar na própria relação do trabalhador que se alimenta e vive a partir dos frutos do mar, analiso a história fílmica de Jorge e seu filho Natan (GONZÁLEZ-RUBIO, 2009). “Alamar” é um filme mexicano que retrata a vida nos corais de Banco Chinchorro.

As primeiras cenas do filme são em Roma, na Itália: o carro que avança na noite, a conversa entabulada sobre dois idiomas distintos, italiano e espanhol. Jorge, escalando árvores. Roberta, visitando outra cidade, o deserto. Juntos, na praia. Ficaram juntos por três anos, tempo em que tiveram Natan. Tiveram o filho antes que se dessem conta de que os sentimentos mudaram, de que existia mesmo uma impossibilidade de serem felizes juntos, pois pertenciam a diferentes lugares, diferentes realidades. Ocorre a separação do casal. Jorge vive no meio do mar, no meio do nada, diz Roberta. E essa história é sobre os dias que seu filho passa por lá.

Despreza a bandeira do quarto e embala na mala. Natan, com seus talvez quatro anos, é um menino esperto, alegre, falador. Seu pai chega para buscá-lo na casa da mãe. “Vamos sair por um tempo. E quando voltar, você vai ficar com sua mãe”. Conversa com ele em intimidade, os dois juntos, reunidos para aquela conversa. É o início de sua viagem, que perdura e parecem se afastar cada vez mais de qualquer lugar conhecido. Pegam carro, ônibus, barco... Seguindo, cortando chão e terra, até que parecem acabar na costa.

Um caminho de areia fina, sobreposto a um campo de árvores baixas, desfolhadas, galhos retorcidos, que se estendem até o horizonte em monotonia e o céu, anunciando nuvens pesadas. Passam rápido, levando mala. A paisagem auspiciosa revela talvez mais semelhança a fala de Roberta (“meio do nada”) do que qualquer outra já vivida. Mas é, antes, o meio de lugar nenhum, pois não há gentes por ali, não à primeira vista. O homem caminha com olhos postos a frente, filho preso ao lado, carregado, como dono de um destino e de uma vontade que só pertencem a ele. Pelo menos, até então.

A praia aparece como ponto de partida para o mar e nada mais revela, no seu abandono e desolação. É passagem, portal talvez, para o mundo aquático, absurdo. Que tipo fazem, um menino e seu pai, parados na praia encarando o mar como quem espera. Ali ainda não se aproximaram, os corpos dizem. Estão cheios de receio pelo que virá. Chega o barco que os leva para dentro do mar, fora da terra.

No barco, Jorge se detém olhando o movimento rápido que deixa um rastro d’água para trás. Equilibra na grade o corpo, expondo o torço nu em contornos de músculo e osso. Jorge anda, mesmo na cidade, apenas de calção. Mostra de um corpo acostumado com a intimidade da água, que dispensa as vestes. Natan não demora a se sentir mal, enjoado do movimento. Corpo de menino que nunca curtiu marulho. Primeiro passo é se despir, deixar o corpo curtir sol e vento. O menino mareado se apoia nos braços do pai, que segura o movimento. A estranheza dos novos ares amenizada pelas mãos que apertam o peito. O enjoo do filho se sente na testa enrugada, na boca semiaberta contraída. Já o desconforto do pai vem da preocupação ao observar o filho.

Quem recebe o barco maior que traz os dois da costa é o pai de Jorge, num barco a motor, veículo próprio. Sinaliza o convite para entrar. Os bonés escondem os olhos, mas os dentes revelam o sorriso. Que sorriso, de felicidade, de embaralho, de diversão por ver os dois. Os olhos vivos, porém vermelhos e cansados só vemos depois. O avô tem a vivacidade na fala, mais do que no olhar.

O mar, dispersão luminosa, logo rouba a vista de quem nele passa o dia a dia. “Todo pescador vai ficando curto da vista e a finalidade dele antes de deixar de ser pescador é ficar cego. Não é cego de não ver nada, mas não enxerga mais, não podia mais ver marca” (DA SILVA, 1993, p. 139). Ver marca significa mesmo ver cardume, ver peixe. Processo que não é isento de dor, de olho e velhice.

O mar come os olhos que se alimentam dele. O velho pescador, personagem do escritor estadunidense Ernest Hemingway, testemunha esse processo: “‘O sol matinal tem feito doer os meus olhos durante toda a minha vida’, pensou ele. ‘Mas ainda estão bons. À tardinha posso olhar de frente para o sol sem sentir muita dor. É a tarde que o sol fica mais intenso. Mas ele de manhã é mais doloroso’” (HEMINGWAY, 2002, p. 35-6). O sol é presença no azul do céu e no azul do mar. Alcança o corpo, em batida. Bate nos olhos comidos, arde e dói, bate na pele até pinicar. O sol revela o mundo aos que veem, preenche seus corpos em uma envoltura de calor e sutileza crispante e, por fim, devora o mundo com a mesma luz que o ilumina.

Assim, é com os olhos escondidos em sombras projetadas que o pai de Jorge enruga o corpo em outras expressões. As marcas que o cortam são semelhantes às do outro velho pescador, de Hemingway (2002). Ainda que mais robusto e jovem, em idade e força, a pesca deixa sua história na pele do pescador, aproximando os dois nas manchas, rugas e cortes.

O velho pescador era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas rugas. As manchas escuras que os raios de sol produzem sempre, nos mares tropicais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma dessas cicatrizes era recente. Tudo o que nele existia era velho, com exceção dos olhos que eram da cor do mar, alegres e indomáveis (HEMINGWAY, 2002, p. 13-4).

A pele revela a história da pesca no corpo. Revela nos sulcos das feridas, recentes quando a pesca é boa, na cor da pele exposta ao sol e ao sal, nos olhos nublado. A vivacidade que anima os corpos se mostra de forma distintas, porém. Se para uns é nos olhos, para outros é na boca, a falar ou sorrir.

O barco a motor segue revolvendo água salgada. Até os limites redondos de mundo, vemos o mar. O céu se joga até a água, no sol e no ar. Os três seguem sozinhos na imensidão azul. Aqui, o mar é azul e verde, em tonalidades distintas e complementares. Cristalino e translúcido, só assim se diferencia do céu, detentor distante de um azul opaco. Avô, pai e filho seguem em meio ao mar até uma vila, de casas de madeiras simples e suspensas na água. Os primeiros sinais da chegada são a brancura da areia no fundo azul, verde de água e as estacas de madeira que se lançam para fora do mar. Da família que se une nesse novo habitat, vemos rearranjos, pinturas, janelas abertas na madeira, novos pregos, cortes e redes penduradas. A bandeira do filho, retirada do seu quarto anterior, é

pregada do lado fora. Testemunha da conquista daquele lugar. A casa, que se sustenta na linha fugidia entre mar e ar, se anima com os sons e as músicas dos homens, os gritos da criança e os risos do velho.

A casa de madeira se abre em duas varandas, uma de cada lado, chão exposto aos ventos à beira d'água. Cômodos geminados e divididos entre as gerações mais novas e mais velha, cozinha. O lado de fora é o mar, infinito, pincelado aqui e ali por outras presenças. Outras casas, poucas e dispersas, pousadas nas estacas de madeiras podem ser vista ao redor. O céu se deslumbra em cores, amarelas, vermelhas, azuis, rosas, cinzas de sombras de sol se pondo. Já o barco, ancorado à beira da casa, faz às vezes de ponte, móvel, entre os dois solos que se firmam nessa existência. Uma vegetação seca e forte se vê por perto, junto a areia branca da ilha, mas ainda não a pisa pés nenhum.

Dentro da casinha amarela, Jorge e Natan se reconhecem em olhares e carinhos atentos, desconfiados, preocupados. Parecem sondar o instante quanto ao que virá. Mar. Mar conhecido do barco, da pesca e do corpo em mergulho. A casinha amarela permanece o lugar de contato íntimo, brincadeiras de corpo misturado. O cuidado do pai com o menino é constante, em companhia, ensinamentos, necessidades. Com a noite que cai, adormecem os homens à espera do que virá com a manhã.

Vão os três no barco navegando o mar azul-claro. Quem mergulha primeiro é o mais velho. Já o menino fica no barco, brincando com suas coisas e com outras que encontra. Pede o pai que menino permaneça ali, quieto, enquanto pescam. Tem medo de que a criança tente pular no mar. A pesca com arpão exige do corpo que se exponha nas profundezas, pulmões segurando ar, a procura dos peixes que nadam em meio ao coral, das lagostas. “O nado dá toda a pele, em lugares ínfimos e de repente” (SERRES, 2001, p. 331). Assim como o sol pinica a pele, revelando-a no incomodo, o nado envolve a pele em carícias de água. “Foi uma boa nadada”, repetem no retorno ao barco. O menino se assusta com os animais marinhos que agora compartilham com ele o barco. Se inquieta da espera, das constantes ordens para não mexer em nada.

O desacostume de Natan está na agitação dos braços e pernas, na respiração entrecortada, na necessidade das mãos presentes. É um primeiro momento de contato, em que o medo sobrepuja a história do movimento dos membros. O menino é deixado de lado pelo tempo do trabalho de pesca, antes pelo seu desacostume do que pela própria vontade. Vai se familiarizar no toque, vai exigir a paciência da mão que se segura antes de fazer por ele.

“Não se seque. Vamos mergulhar outra vez. Tem lugar para lá”, indica com as mãos o velho. Reconhece os lugares em meio ao vasto mar. Qual a referência em meio ao azul disparatado da água que segue até o horizonte, reflexo de um céu ainda mais claro? Como saber para onde seguir, onde virar, como retornar? Michel Serres (2001), filósofo da vida, nos fala do saber se localizar em alto-mar.

Assim íamos a Saint-Pierre: siga em direção ao sol poente enquanto determinada algazinha flutua, vire um pouco à esquerda, quanto tudo fica muito azul, não tem como errar, há paragens preferidas pelas belugas, aquelas onde uma forte e constante corrente sempre leva para o norte, aquelas onde o vento dominante sopra abaixo, em pequenas lufadas, onde a onda passa, sempre curta, depois, o imenso quadrado azul, em seguida o local onde cruzamos com a rota dos grandes cargueiros, quando os vimos, o primeiro banco de peixes está lá, ao vento. Sulcado, às vezes, pelas lontras. (SERRES, 2001, p. 256)

O saber vem das andanças de corpo e barco, cotidianas. O barco sulca a água com o casco, o corpo a penetra em silêncio. Suas formas se gravam, as cores mais escuras das águas, as presenças dos animais e plantas, os corais, as fossas, os movimentos das correntes. Para que lado corre o sol, para qual deve correr as gentes. O céu logo diz para onde fica a casa.

O trabalho da pesca é pegar os peixes e lagostas submersos, com arpão, linha e anzol, rede. O corpo mergulha ou o corpo permanece na aridez do barco. O trabalho é limpar os peixes, tirar suas entranhas, suas escamas; é cortar as lagostas de suas cascas. O trabalho é seguir até onde se possa vendê-los, em pesos, unidades. O trabalho é deixar os menores, que são medidos, dentro d'água. É saber onde pegá-los. É cuidar da maré, do corpo e do barco.

Na pesca com linha, o corpo permanece no barco, mas se movimenta com água, em superfície e profundidade. Pois é na profundidade que a linha se move, revela os peixes (cada um num nível), é puxada e puxa. É a ela que responde o pescador no barco. “Pescar é uma questão de sorte. E paciência. Se você não tem paciência, não é pescador” diz o pescador mais velho. Paciência, pois quem regula os movimentos não é o corpo, nem o barco. O mar tem sua cadência própria. Tem seus humores, suas vontades. Um dia se pesca muito, em outro nada. Num dia se faz sol, no outro tempestade. A chuva confina os homens a casa. Ameaça de mal tempo é risco sério para quem manobra barco em alto-mar.

A paciência cresce com suas doses de sabedoria. Para alguns, o mar é até força maior, entidade característica: “o velho pescador pensava sempre no mar no feminino e como se

fosse uma coisa que concedesse ou negasse grandes favores; mas se o mar praticasse selvagerias ou crueldades era só porque não podia evitá-lo” (HEMINGWAY, 2002, p. 32). Conviver com o mar é um tipo de experiência própria e arriscada. Vasto e imenso, ele também é selvagem, cruel aos olhos das gentes que sofrem seus humores. Mas não só isso.

A possibilidade de se aventurar no mar sozinho proporciona ao tipo que busca a solidão um prazer específico. Sozinho, mas envolvido por sensações e refém de um movimento que não é o seu próprio. O mar se coloca então como uma companhia inescapável. O pescador mais velho, avô e pai, diz: “É bonito aqui no mar. Por isso estou aqui sentado, contemplando a noite. Simples assim. Sento-me aqui e bebo meu café, sozinho. Observo um pouco e vou dormir. De manhã, tomo meu café da manhã... e estou pronto”. O trabalho como parte da sabedoria do corpo que vive no mar, refém de outras cadências, se completa na chegada da noite, que traz consigo o descanso e a possibilidade de um se aninhar a salvo. Mesmo na solidão do café coado a presença do mar é certa e nunca silenciosa. Já o corpo pronto é vivacidade e completude, é testemunho de sabedoria de mar e simplicidade das gentes.

O silêncio no mar é uma nuvem límpida em que os sons atravessam cristalinos. O barulho da água, dos bichos, do trabalho de limpar e descamar os peixes são claros e ricos. A fritura espoca saborosa. Tudo é som, audível e claro, compondo juntos uma paisagem sonora. Às vozes dos homens tem suas marcas próprias, a do menino se eleva em alegrias incontidas. De seu pai, Jorge, é macia como a água em marolas. Já o pescador mais velho, se movimenta entre elas, fala rápido, em jorros. O barulho do motor do barco traz a maior agitação em sons que desarmonizam, de perto. De alguma distância já carrega suas mensagens próprias.

No jantar, os três se alimentam do peixe pescado, a barracuda. O menino diz: “O peixe não é assim. Eles não pescam lá. O peixe já está comprado na Itália”. Acontece o revelar de outra vida, no mar, tão singular em suas materialidades e movimentos que ainda não é possível sequer pensar que a pesca aconteça em outro lugar. Já o pescado evidencia que o trabalho no mar tem sabor próprio. Conhecer os diferentes sabores do mar e da praia é desenvolver parte da compreensão de corpo e mar do pescador.

Frente a imensidão e as forças do mar, o barco, a canoa, a jangada etc. podem se tornar um canto abrigado. “Pois o recanto do barco não é um canto do ser?” (BACHELARD, 1978, p. 288). O barco segue como uma extensão do corpo, da casa, destacável,

vulnerável e exposto, como a pele das gentes que carrega. Ele se lança ao mar, atesta riscos e coragem. Tem, também, seus limites. “Embora o mais belo dos objetos saídos das mãos humanas e também um pouco sagrado, um barco nunca constitui mais que uma casca de lata que o sol incandesce no exterior e abrasa no interior” (SERRES, 2001, p. 321). Exposto em sua existência de corpo-fora, o barco é vulnerável, perna dobrada, corpo em movimento propagado. Quase sagrado, pois comporta gente a se perder no mar, mundo absurdo e misterioso. Esquenta e esturrica, faz pouco no aperto da sede. Desidratação é um mal forte e irônico desse mar, todo improvável. Faz algum sentido o contentamento em sair dele. “Eu canto o contentamento que um barco dá ao atingir o porto depois de ter aplainado o oceano como a uma prancha áspera, o prazer delicioso do estrangeiro em cuja vizinhança adormecemos no familiar” (SERRES, 2001, p. 284). O familiar é o chão firme. A praia é ponto de partida para o mar, mas também é chegada. O barco que se lança da praia a cruzar mar é carne vulnerável. É mais corpo do que praia. É canto do ser, corpo aninhado em si, mas faz abrigo precário frente os humores do mar, sua selvageria e crueldade. O barco pode comportar sentimentos de afeto, afinidade, companheirismo. Mas na vulnerabilidade que o faz solo dinâmico, pode provocar a raiva e o desespero em caso de falha e fratura. Por isso, também é preciso cuidado.

No aprendizado das técnicas do corpo em pesca, Jorge aprende com seu pai, mas também ao ensinar a criança. Presentifica os saberes tradicionais do corpo no processo de passar ao filho, assim como seu pai o faz ao ensinar a Jorge. Não é a repetição que faz pesca, mas a presentificação, a tomada de consciência do próprio corpo que aprende. Nesse sentido, as ações são frugais, contidas. O corpo contém as ações, no sentindo também de que não há alarde dos músculos. É preciso saber quando e como gastar o corpo.

O lugar de Natan na casinha, entre céu e mar, já está garantido. Ele também se revela cada dia mais, na contenção dos seus lugares próprios. O que revela, sabor da infância, é a curiosidade com que observa as águas e os céus, a capacidade de criar laços de amizade improváveis com o mar e seus animais, aquáticos ou voadores, a própria comunidade fraterna. Registro dos inúmeros animais que fazem companhia aos homens que vivem nesse recife de corais: peixes, lagostas, aves, mas também crocodilos assomam a janela da cozinha, vivem nas areias aquosas da ilha que desponta logo a frente. Natan se aproxima de todos, sente os peixes na mão, textura escorregadia de vida que pula. De amizade, logo tem nas mãos carícias de penas da ave *Blanquita*, como a nomeia. Na

paciência da interação com a ave, Natan e Jorge conquistam juntos uma companhia, que os seguem em barco, praia e casa.

O olhar que aproxima com o tato inaugura uma nova imensidão, que não é a do mar. É a imensidão íntima, sobre a qual nos diz Bachelard (1978).

Descobrimos aqui que a imensidão íntima é uma intensidade, uma intensidade do ser, a intensidade de um ser que se revela numa vasta perspectiva de imensidão íntima. Em seu princípio, as "correspondências" acolhem a imensidão do mundo e a transformam em uma intimidade de nosso ser íntimo. Elas instituem transações entre dois tipos de grandeza (BACHELARD, 1978, p. 198).

O olhar do menino Natan sonda em primeiro contato, para logo amar no deslumbre. Expõe a partir dessa intensidade do ser, da imensidão íntima, a possibilidade de um envolvimento visceral com a paisagem. Nesse sentido, a paisagem de mar é inescapável. É no corpo sensível a ela, suas formas, vidas, texturas, sabores e cheiros, que o visceral adentra os poros e a casa, aquela casa, com seus caminhos de barco, e a água, aquela água, seus lugares, são redescobertos em uma nova ligação sensível. O cotidiano do lugar já adormece, em práticas e atividades, os olhos e o corpo dos mais velhos. Acostumados, só recuperam sua beleza na noite que caí, na solidão. O trabalho da pesca ocupa todas as frestas. Natan, com seu olhar de criança, se deslumbra com tudo, ao que o acompanham seu pai e avó. A intensidade de ser, gente e paisagem, tem suas correspondências na pele, que é exposição e vulnerabilidade. A casa que logo se torna um lar tem suas expressões sensíveis na essência de lugar. Já o lugar, esse tem seus entranhamentos no corpo. Assim como a paisagem. Duas grandezas em troca intensa, corpo e paisagem, densificadas no cotidiano que afeta e faz abrigo, confiança.

A praia aparece novamente depois, mas é praia de ilha, princípio de solo envolvido pelo mar. O barco vai em sua direção, extensão da areia branca com suas árvores de galho retorcido. É nela que retiram a água acumulada no barco, que lavam seu casco com areia limpando da exposição constante ao mar que deixa ali também suas marcas, suas cracas. Os mais velhos trabalham na lavagem, pés em terra firme por algum tempo. Enquanto o menino brinca na água, se banhando e molhando o casco para ajudar. O menino divide as águas da praia com os crocodilos, que logo apontam as cabeças à distância. Não necessita mais que um aviso de cuidado. Não há interdições ao espaço, apenas o convívio com suas características próprias. Do medo com que chegou ao mar, enjoo e impaciência, Natan já é alegre de uma nova vivacidade. O corpo não só se acostumou, mas começou a confiar no lugar, seus habitantes e movimento.

O menino pula e corre. As pernas que estiveram por tanto tempo contidas são colocadas na estreiteza do chão firme da praia. Outros homens espiam o processo, esses que vivem ali. Ou talvez se encontrem ali, para forçar os pés e pernas a caminhar, para reforçar o casco que sulca mar. A praia é lar das pernas, da firmeza. O mar é lar da pele do corpo todo, do envolvimento.

A vida que se cadencia ali, pesca, brincadeiras, cuidados, comidas, companhias, é intrínseca àquela paisagem. Continuam nas suas trocas e descobertas próprias, se afeiçoando cada vez mais. Vislumbre de uma possibilidade de família, diferente de qualquer outra que Jorge já experimentou antes. Uma que agrada aos corpos, que os torna mais vivos. Mas, ainda assim, temporária.

Voltam à praia, Natan e Jorge, procuram a ave *blanquita*, a quem o menino se afeiçoou. Exploram as areias, correm. Natan conhece seus vizinhos, mas corre mesmo em busca do reencontro com a ave. Não lhe interessa o convite desses homens reunidos, a sorrir, conversar e dissimular vergonhas. Juntos, pai e filho, escalam os ferros de uma torre e gritam aos ares por *blanquita*. A praia é novamente o lugar dos pés em solo firme, que andam juntos e se descontrolam, ralam sangue e areia. O chão de areia não é envolvente como água, firma corpo e daí traz a possibilidade do descanso. Deixa o peso do corpo na areia, no chão, na madeira firme. O corpo que relaxa envolto nas águas salgadas se prende nos pulmões, controlam ar e mundo que adentra, é implosivo de tensões. Na praia, os pés correm porque não precisam andar com medo de onde pisam.

É na praia que Jorge e Natan conversam sobre a despedida eminente. Não mais da ave amiga, mas entre os dois, a despedida de Natan desse lugar. Sai da praia carregado em transbordamento de choro, só o pai é solo passível de contê-lo e acalmar em sua tristeza. Natan já não se desespera na água. Controla corpo em mergulho, respiração, sozinho. O mar já deixou sua impressão sobre esse corpo, ensinou suas necessidades e possibilidades de movimento.

Serres (2001) nos diz: “A alta antiguidade da paisagem, cem vezes modelada por forças inertes, cultivada milenarmente por seus paisanos, pagã, olha-nos vê-la num formidável silêncio” (SERRES, 2001, p. 253). Assim o mar nos eclipsa em seus movimentos. Seus sons revelam um silêncio distinto. Os pescadores nos barcos se lançam em meio a essa paisagem, degustam-na no corpo e retiram dela seus pequenos petiscos em sustento. A exposição do corpo a paisagem, porém, o desgasta, pois exige suas percepções, seus sentidos. Modelada por forças inertes, a paisagem tem seus mistérios de criação

constante; tem também resiliência própria. Suas transformações podem matar as gentes, suas formas de vida própria, mas testemunham apenas outra nuance da sua existência. As paisagens continuam.

O silêncio do mar traz suas mensagens próprias. O mar é intragável. O corpo entra em fobia na sua vivência demasiada. Entretanto, como seria de se pensar, as gentes não são indiferentes a ele. Muito pelo contrário, habitam em fantasia e imaginação, faz dele o cemitério de seus mortos, o lugar de onde retiram seu sustento, a carne que nutre. A fobia do espaço vem da impossibilidade do corpo, mas inaugura uma conexão. O lugar é o corpo que experimenta mar, é o barco que suporta a pesca, é casa de palafita em que as intimidades acontecem e revelam os homens. O mar é paisagem, sensível e sensual. O fora-nada dos fora-dentro que o habitam.

Serres (2001) nos traz novamente numa apreciação da paisagem. Diz: “A paisagem, ao levitar, nossos corpos, ao nascerem, descobrem-se no lugar: obra comum de quem vê e do vinhadeiro que, há dois mil anos aqui, prepara o visto, paraíso entre dois rios” (SERRES, 2001, p. 254). A conexão entre os dois lados de fora do corpo transitam paisagens e lugares. Os corpos nascem, a paisagem... levita? Levitação é o “ato de levantar o corpo pelo simples poder da vontade” (LEVITAÇÃO, 2017). A paisagem que levita os corpos, segundo suas vontades, sustento e interação é descoberta no lugar que habita as gentes, corpos nascidos. Essa conexão é o paraíso entre os dois rios, sensação e sensível, que fluem conjuntamente.

Nesse sentido, é possível concordar com o filósofo: “A paisagem reúne os lugares” (SERRES, 2001, p. 246). Mas as formas como essa reunião acontecem, como o tecido de fora se torna tecido de fora-dentro, pois estende sua exposição em desvelamento, são variadas. Podem acontecer na liberdade que se conquista na beira-mar por mulheres em trabalho, senhoras de seus pulmões e de suas vidas, que se libertam justamente no experimento do mar em trabalho que dá permissões aos corpos para serem o que são, barulhentos em seus sons próprios. A vivência de uma paisagem que canaliza a potencialidade de um lugar, na intimidade. Ou, talvez, como revela no documentário *Tales by light* (2015), à maneira do fotógrafo marinho Darren Jew: “Quando eu entro no mar e minha cabeça vai abaixo da superfície, tudo fica em silêncio e fico diante da tela infinita do oceano. Eu sempre senti que este é o meu lugar” (JEW, 2015). Um pertencimento.

O corpo conhece o mar em seus ritmos cotidianos, que sabe o sabor de suas diferentes profundidades e colorações, se faz íntimo de uma imensidão em desfrute. A imensidão da paisagem marítima reage frente a outra imensidão, da intimidade. “Nada tão profundo como a paisagem, o rosto e a pele” (SERRES, 2001, p. 280). É do rosto e da pele que adentram as potencialidades da intimidade com a paisagem. É daí também que vem seus nós, seus lugares.

A imensidão da intimidade faz do lugar, rosto e pele expostos, praia que é solo para o corpo em pernas, visceral. Se no mar de fora os nós são mais ralos, estes pululam no mar de dentro, na veia d'água e nas croas, na praia. A praia desvela os corpos em exposição, nós de intimidade que se abrem e fecham. Têm também seus sabores próprios, suas possibilidades de apreensão. Para os pescadores que se aventuram no mar, a praia é sempre o solo para o qual retornam. Praia, barco, corpo: lugares que a paisagem absurda e imensa do mar reúne; expostos e vulneráveis na paisagem marinha. Todos se degastam no contato, exigência de troca.

3. Ecos do corpo à beira-mar

O que sofre o corpo ecoa nos tempos, é recuperado nos movimentos das pernas, dos braços, na pele viva. Os registros que guardam o corpo são expostos na interação com o mundo. Os ecos se alastram em todas as direções, de tempo e espaço. São ecos de modos de vida, de crenças, de velhos movimentos. O marulho das águas deixa marcas no corpo, marcas na forma de enjoos, costumes, ousadias.

O prazer de curtir praia deixa registros junto a pele morena ou vermelha de sol. Na permissão da exposição, na aceitação do corpo nu. Deixa registros no conhecimento que se compartilha, nos modos de fazer. Nos sabores que atendem ao paladar, ao corpo bem nutrido, no cozinhar seus frutos e animais, nos seus temperos salgados. Se tudo acontece sempre no presente, também seus ecos passados estão aí, em inúmeras continuidades não rastreadas. Assim, mergulhemos agora nos ecos, nas suas presentificações atuais. A beira-mar tem passado vivo, tem continuidade presente e resistente nas lutas por permanecer, em todos os seus sentidos.

Se antes nos detivemos na perspectiva do trabalho praiano, que pode superar essa configuração e adentrar o terreno do modo de viver, foi porque essa é uma vivência de praia bastante específica. Entretanto, a praia e o mar não permanecem apenas nas certezas da carne em labuta, na delícia do estômago cheio. Ela cresce e arpeja e atinge outras dimensões. Adentra o terreno do invisível, do incerto e da crença com fé. Doma o corpo e o liberta em ações de labuta e prazer.

É inegável que história europeia se dissemina em todos os cantos do mundo, especialmente naqueles que começaram a sofrer suas imposições e trocas características, seus domínios que perduram em detrimento de uma composição articulada e duradoura das vidas ali reunidas antes desse contato. É, inclusive, notadamente difundido o estudo dessa história, das suas continuidades presentes, ao passo que outras, mais pertinentes, se desvanecem nas entrelinhas. Os corpos, porém, sabem e sentem.

A apreciação gratuita do mar, e a vivência da praia em desfrute, que configura e estimula o turismo praiano, tem suas origens identificadas, nas letras de pensadores e relatos, na Europa. O que falha a essa descrição, entretanto, é própria história daqueles que já então viviam a praia enquanto um lugar. Que já mergulhavam nas águas mesmo quando a burguesia ainda não o fazia. Há alguns trabalhos em sociologia ou história acerca da “construção” da praia que situam a “descoberta” desse espaço pelo desejo coletivo em

algum momento do século XVIII para o XIX (CORBIN, 1989). Alguns, mais ousados, atribuem até mesmo a uma duquesa inglesa a “inauguração” dessa vivência:

a praia e o mar são ‘inaugurados’, ou seja, perdem o seu carácter intocável e inacessível a partir do momento em que são desejados e tocados por uma personagem de elevado poder social, reconhecida como sendo capaz de enunciar as vantagens e qualidades a reter da natureza marítima e da estadia na praia. (MACHADO, 2000, p. 205).

Essa narrativa de inauguração do desfrute da praia por uma personagem europeia de elevado poder social se repete em inúmeros trabalhos sobre a praia. Ramos (2009, p 14) afirma que, por toda a América do Sul e especialmente no Brasil, “a moda das praias também ganhou adeptos desde o século XIX. A elite portuguesa reproduziu em sua colônia, tão bem servida de praias e climas favoráveis, o modelo europeu de consumo desses espaços”. Entretanto, o que parece faltar em muitos trabalhos acerca da praia “inaugurada” é a menção aos povos que já a desfrutavam antes mesmo de qualquer elaboração da elite. O próprio Corbin (1989), historiador francês que busca retrair o “surgimento” da praia, reconhece a falha. Diz ele, sobre os cuidados para não mostrar o corpo das mulheres burguesas que desfrutam a praia no início do século XIX, que “a maioria das mulheres do povo desconhece esse insistente pudor, e a prolixa literatura dedicada ao ‘banho de onda’ tende a perder de vista os comportamentos vulgares, bastante enraizados” (CORBIN, 1989, p. 94). O pudor sobrevive em novas roupagens, a que trabalha o corpo para se mostrar como manda o figurino. Já os “comportamentos vulgares”, esses são sempre combativos das opressões mudas, valorizando a liberdade de se expor como o que se é, única maneira de se “fazer concha”. As raízes do comportamento das “mulheres do povo” são profundas em suas continuidades presentes, mas pouco evidentes nas letras. Como ouvir seus ecos? Na memória do corpo, bastante enraizada. Nas crenças que sobrevivem no místico, essa nuance do saber e do viver que as letras dominadoras demoram a subjugar.

O que é possível reconhecer a partir desses trabalhos é que, antes da burguesia europeia se interessar pelas praias, elas já existiam enquanto lugar de desfrute, trabalho, vida. Enquanto detentores do poder da escrita e povo dominante, suas letras, porém, falam mais alto. “Cabe dizer, para o tema que nos concerne, que o banho de mar ou de rio até então era considerando uma distração imoral, própria do povo sem educação; na época de Burton [1620], torna-se uma prática autorizada” (CORBIN, 1989, p. 71), embora ainda não difundida. É autorizada sob prescrição médica. Difundida posteriormente com os balneários. Enquanto paisagem de desfrute, quem se banha e se esturrica ao sol e ao sal

era, até então, o povo sem educação, desprovido do conhecimento das letras europeias dominantes.

Assim, não é à toa que Jean de Lery (1994), viajante europeu que vem ao Brasil entorno de 1587, fica surpreso pelo próprio desfrute da praia e do mar pelos povos que aqui encontrou. Eles “*savent tous nager: mais qu'aussi les petits enfants dès qu'ils commencent à cheminer, se mettans dans les rivières et sur le bord de la mer, grenouillent desjà dedans comme petits canards*¹⁰” (apud DANTAS, 2011, p. 4), escreve. Jean de Lery descreve, ainda, como esse povo, que vivia no litoral do Rio de Janeiro, pescava com arco e flecha e em alto-mar utilizando embarcações construídas por eles mesmos, as jangadas.

Cette aisance à la mer, semblable à celle des poissons, impressionne Jean de Léry (1994). Typiquement européen, il était certainement marqué par les images répulsives de la mer qui en font un synonyme de peur et ont longtemps éloigné les Occidentaux de la mer et des littoraux.¹¹ (DANTAS, 2011, p. 5)

Alain Corbin descreve esse período na vivência dos litorais pelos europeus. A distância e impossibilidade de se viver o mar fizeram desse espaço um berço para as fantasias hostis por muito tempo.

A figura do oceano terrível, vestígio caótico das catástrofes mergulhadas no passado dos homens, a cólera imprevisível de sua imensidão movente e lúgubre, conjugam-se aos perigos e à pestilência da praia enigmática, linha indecisa, submissa a todo tipo de incursões, onde vêm depositar-se os excrementos do abismo (CORBIN, 1989, p. 64).

Ao caracterizar o “surgimento” da prática de desfrute da praia na Europa, os autores revelam mais sobre a continuidade de um domínio das letras pela elite, exclusão de uma consideração dos “comportamentos vulgares” das gentes “sem educação” (expressão que de pejorativo só encontramos seu uso primeiro), do que sobre a praia. Se para se apropriar desse espaço específico foi necessária toda uma estruturação segundo as modas da época acredito que isso caracterize muito pouco a prática em si. A praia sempre esteve nas bordas da terra por todo o mundo e as gentes já então se aventuravam no desfrute. Mais do que isso: na vivência da praia enquanto lugar de morada, de trabalho para sobrevivência, de fé e festa; no adentrar suas formas sensíveis, chegando mesmo a uma

¹⁰ Em tradução livre: “sabem todos nadar: mas também, as crianças, desde que começam a caminhar, se metem nos rios e na borda do mar, sapejando lá dentro como pequenos patos”.

¹¹ Em tradução livre: “essa familiaridade com o mar, semelhante à dos peixes, impressiona Jean de Léry (1994). Tipicamente europeu, ele era certamente marcado pelas imagens repulsivas do mar que era um sinônimo de medo e que afastaram por muito tempo os ocidentais do mar e dos litorais”.

conexão com seu sentimento-paisagem (COLLOT, 2013), compreensão sobrenatural de suas mensagens sutis.

A familiaridade com o mar e a vivência cotidiana da praia colocaram, inclusive, entraves à dominação europeia.

Une telle agilité dans l'eau et un tel attachement à l'élément aquatique rend très difficile la tâche des jésuites qui essaient de les « civiliser », notamment quand il s'agit d'introduire les vêtements occidentaux. Les Indiens avaient l'habitude de se baigner à volonté pour se rafraîchir et considéraient les vêtements comme une entrave aux baignades agréables auxquelles ils se livraient durant toute la journée¹²
(DANTAS, 2011, p. 7)

O corpo persiste. As práticas ecoam. O banho de rio ou de mar que deixava o corpo fresco era também rebeldia, que hoje recuperamos nas nossas práticas de limpeza constante. Banho de chuveiro. A maneira de se viver a praia é na exposição da pele nua que desvela o ser em sua singularidade heterogênea e íntima. Retraçar certos movimentos originários pinta algumas maneiras de vivenciar as praias que sobrevivem parcamente nas letras, mais ainda nos nossos corpos. Hábitos, intimidades em matéria de movimento corporal que nos fazem casa.

As comunidades de pescadores tradicionais possuem mesmo um traço histórico, eco de outras pessoas e maneiras de ser e viver. A comunidade caiçara, que se esbanjava na pesca conjunta da tainha, no litoral de São Paulo, tem seus rastros históricos que indicam como antepassados indígenas do litoral brasileiro, especialmente tupinambás e tupiniquins, e colonizadores portugueses (SILVA, 1993). São reconhecidos atualmente como comunidade tradicional, e embora sofram tensões em todos os âmbitos, inclusive territorial, e seguem lutando pela oportunidade de se manterem coesos. As transformações no modo de vida caiçara foram, e ainda são, constantes, implicando hoje em uma interação com a praia bastante distinta (SILVA, 1993).

Os rastros históricos dos jangadeiros nordestinos são mais difíceis de estabelecer. Embora exista a marcada influência dos negros trazidos a força para a escravidão no Pernambuco, esta também foi a capitania que mais escravizou indígenas, sobretudo tupinambás (SILVA, 1993). Não existe um inventário dos escravos, suas origens ou história pessoal.

¹² Em tradução livre: “Uma tal agilidade dentro d’água e um apego ao elemento aquático tornou muito difícil a tarefa dos jesuítas que tentavam os ‘civilizar’, notadamente quando se tratou de introduzir as vestes europeias. Os índios tinham o habito de se banharem à vontade para se refrescarem e consideravam as vestes um empecilho aos banhos agradáveis aos quais eles se entregavam durante todo o dia”.

O certo é que o número de escravos pescadores cresceu até o século XIX e daí vem um rastro da origem jangadeira (SILVA, 1993). Daí vem também a preocupação do pescador nordestino em ser livre, a valorização dessa liberdade.

As maneiras próprias de interagirem com o mar e a praia ecoam suas origens, que não são necessariamente europeias. Testemunham ecos ainda mais longos, por isso também mais difíceis de escutar.

Raul Bopp (1976) nos instiga sons e cheiros que ecoam nesse passado de quem atravessou mar de uma beira a outra.

Pesa em teu sangue a voz de ignoradas origens
As florestas guardaram na sombra o segredo da tua história
A tua primeira inscrição em baixo-relevo
foi uma chicotada no lombo

Um dia
atiraram-te no bojo de um navio negreiro
E durante longas noites e noites
vieste escutando o rugido do mar
como um soluço no porão soturno

O mar era um irmão da tua raça

Uma madrugada
baixaram as velas do convés
Havia uma nesga de terra e um porto
Armazéns com depósitos de escravos
e a queixa dos teus irmãos amarrados em coleiras de ferro

(Negro - Raul Bopp, 1976, p. 127)

Os sons do rugido de mar, da chicotada no lombo; o cheiro do sangue, do porão soturno, da tempestade e do sal. Os ecos que se origem num sem número de mistério, vozes silenciadas, testemunhos perdidos. Gilberto Freyre (1937, *apud* DA SILVA, 1993, p. 30) diz: “A barçaça, a canoa e até a jangada estiveram por muito tempo ligadas à cana, ao açúcar e ao negro do engenho”. Dos africanos que vieram, caçados e vendidos, desumanizados mas apesar disso humanos, temos alguma noção de história, embora incerta. Desses povos que já possuíam relação com o mar, vieram suas crenças que logo se misturaram com outras. Seus deuses, reis e rainhas, seus santos. Dentre eles, aquela que perdura, em suas referências sincréticas, testemunha dos sons do rugido do trovão e do chicote e do cheiro do sangue, mãe, abrigo e concha: Iemanjá.

O mesmo samba (MATTOS *et al.*, 1976) que falava do mar, misterioso, lendário e fascinante, agora canta:

Oguntê, Marabô
Caiala e Sobá
Oloxum, Ynaê
Janaina e Yemanjá
São rainhas do mar

Referências de difícil rastreio para quem não bate pé nos seus terreiros. Simas (2012), porém, demonstra como as expressões no samba se referem a qualidades da rainha do mar, adaptações do seu nome ou entidade e a cantos de proteção. Se não há nas letras e documentos o registro das maneiras como as gentes viviam a praia, o sentido de adoração e respeito que ela principia, enquanto ligação com o mar, sobrevivem em ecos na própria figura de Iemanjá. Ela que é rainha do mar, mãe, guerreira e protetora. Que sustenta e ensina, cobra, exige. Se quando deixou a África, especialmente a região da Nigéria, Iemanjá era rainha dos rios, das crianças e da fartura, chegando aqui já havia disputado mar com Olokun, divindade iorubá masculina do mar, e ganhado (POR DENTRO..., 2017). Associada com Nossa Senhora dos Navegantes ou outras manifestações da entidade cristã feminina, juntamente as noções de mãe terra e natureza indígenas, Iemanjá, nos seus ensinamentos e alimentos traz essencialmente as mensagens do mar e sobrevive em adoração ainda forte hoje. Ela é sentimento-paisagem de praia e mar exposto em sua complexidade característica.

Se procuramos ecos ainda mais longínquos da vivência da praia e interação com o mar por aqui, facilmente os encontramos. O litoral já foi habitado por diversas etnias indígenas, das quais sobrevivem em luta ainda hoje algumas poucas. Em se tratando de antepassados na região do litoral sul, afirma Silva (1993) que “as comunidades indígenas da costa meridional do Brasil exploravam as lagunas vizinhas da Serra do Mar há 6000 ou 9000 anos” (SILVA, 1993, p. 22), como indicam os sambaquis na área. Os sambaquis são, hoje, artefatos arqueológicos que indicam a presença de populações coletoras e pesqueiras em intensa relação com o mar há mais de 6000 anos no litoral. Segundo DeBlasis e Gaspar (2008-2009, p. 109), sambaquis podem ser entendidos como um “tipo de estrutura ou vestígio antrópico litorâneo que contenha quantidades significativas de conchas em sua composição”, sendo definidos a partir de três aspectos, que são: “a proximidade de grandes corpos d’água, a presença conspícua de sepultamentos e a construção intencional (envolvendo frequentemente materiais conchíferos) de estruturas monticulares (mounds)”. São montes de conchas e ossadas, mas neles também se colocavam os mortos. A partir de calcinações em camadas, é possível rastrear o uso de

fogueiras nesses locais. Quantos mortos foram enterrados aí? Quantas fogueiras foram feitas, reunindo em volta as gentes? Sobre essa vivência praiana, infelizmente, nada sabemos além das inúmeras teorias para interpretação de seus vestígios. O que sabemos, porém, é que a praia já se constituía como um lugar habitado desde então.

Evidências de que a praia sempre foi, ou é há muito tempo, um lugar, são inúmeras. Se de um lado estudiosos europeus rastreiam o desfrute de praia até sua “inauguração” pela sua elite, do outro temos amplos indícios de que a praia é casa, trabalho, fé e festa para muitas gentes antes mesmo disso. Do outro lado da América, no Peru, comunidades indígenas já praticavam uma atividade semelhante ao *surf* havaiano há 5000 anos. Atividade com ligações espirituais, a prancha por lá é chamada de cavalo de totora devido ao movimento das ondas que aludem a um cavalgar animal (ACERO, 2015). Na história dessas terras, a praia é apreciada muito antes da possibilidade europeia do turismo, em muitos outros sentidos.

Os ecos da paisagem no corpo que a experimenta diz em mil murmúrios. Chora o pranto seco dos corpos negros arrastados em navios, que fechados nos porões, presos em coleiras de ferro, do mar só ouviram os sons e sentiram seu marulhar. Ou da voz a desconfiança dos povos diversos que avistaram da praia o desembarque branco, de povos que encarnavam corpos não identificados, desolados, persistentes. Desse contato, domínio colonizador, temos hoje fala indígena em letras. “Em 1532, na Tekoa Paranapuã, chegaram homens vindos de ilhas distantes, eles estavam interessados em nossa floresta, nós os chamamos de Tupi, que na língua dos Nhande’iva’ e significa destruidor”, afirma Verá Tupã da Silva (2017, p. 3). Destruidor. Qual crueldade é maior, dos homens que chegam em exploração ou do mar que os deixou chegar? Logo essa questão nos lembra o velho pescador de Hemingway (2002), para quem o mar, sempre pensado no feminino, era capaz de conceder, mas também negar grandes favores. Sinal de força maior.

Nos ecos das vivências dessas gentes, suas dores, angústias, prazeres e descobertas, se lançam hoje suas mensagens. Elas podem ser experimentadas mesmo nas paisagens. Rituais, crenças, tradições... São ecos de vivências passadas, mas nunca menos reais por isso. Não possuem sempre suas raízes no catolicismo, já que este nunca deu mostras de adorar espaços específicos, mas também não se esquecem dele. Corbin (1989) demonstra mesmo como no cristianismo, anterior ao desbravamento do oceano que conduziu à América, propagava um horror ao mar, instrumento de punição divina, inexistente no paraíso.

Algumas crenças, fé e até religiões, por outro lado, trazem consigo certa intimidade com o mundo. Um sentir-se confortável em meio ao mato ou ao mar, aspirante de um grande mistério. Em vez de subjugar, aprender. Essas ecoam o desfrute, intimidade e respeito que outrora as gentes devotavam ao mundo, as suas paisagens. Verá Tupã (2017, p. 2) diz:

Vendo os rios, as nascentes, sentindo os ventos e as florestas, percebemos que todos eles são seres com vida completa, entidades que respiram, pensam, comunicam-se, tal como a terra em seu princípio e como nós próprios. E é por isso que o modo de ser e de viver Guarani está intimamente ligado ao respeito à natureza.

Nesse sentido, as crenças dessas gentes se assemelham muito mais aos ecos africanos, já que “sua cosmologia é baseada nas forças da natureza, representada por orixás, contada a partir de lendas africanas¹³” (MANTELLI, 2016, p. 1). A vivência das paisagens, das matas, rios e praias traz a dimensão do espiritual e do sagrado. Para diversas dessas gentes, as manifestações sagradas acontecem por meio da música, da dança, da cura espiritual. Para o povo Xucuru, que habita as serras do Pernambuco, a “cura traz no seu cerne o estabelecimento do ser humano com o sagrado” (LIMA *et al.*, 2017, p. 10). Afirmam os autores ainda que: “Nos rituais de cura os indígenas usam instrumentos musicais, danças, orações e plantas medicinais para fazer remédios, que também podem ser feitos com animais ou até do barro ou do pó da terra” (LIMA *et al.*, 2017, p. 10). Dessa forma, a terra que é solo para o ritual, mas também instrumento sagrado, testemunha uma forma própria de interação das gentes com a paisagem em nó de lugar. Quando pensamos as experiências de praia, e tendo em vista as diversas manifestações espirituais que se ligam ao mar, fica claro que essa nuance, da praia sagrada, não poderia ficar de fora.

Assim, a praia que é lugar de desfrute, de sustento e trabalho, é também lugar de comunhão com o sagrado através de crenças na imaterialidade, que é força e forma, da vida. O sagrado aqui se desvela na vivência que aprende com, e apreende no processo, as paisagens habitadas. De maneira a adentrar em rasgo vertical nessa dinâmica e vivência, recuperamos a interação sensível em exibição fílmica.

Para compreender a questão do sagrado na vivência do mar, passamos a história fílmica de Pai (CARO, 2004). O filme neozelandês é baseado no livro, de mesmo nome, “*Whale*

¹³ Para mais informações, ver: PRANDI, 2001.

lider”, traduzido em português como “A Encantadora de Baleias”, do escritor de ascendência maori Witi Ihimaera (2012).

O filme se inicia com a ondulação da água e os sons permanentes dos cantos das baleias. Chamados próprios que parecem falar ao útero, esses cantos se propagam pelo interior marinho, compondo sua sonoridade maior. Quantos sons não se lançam no mar adentro, em suas vibrações próprias, afeitos aos ouvidos animais que os compreendem?

Logo em seguida vem a voz de uma menina, forte, que anuncia a história: a crença no líder, cavaleiro marinho, que veio montado em uma baleia, animal que é sagrado, e descobriu mesmo onde se fazer casa, comunidade. Cenas de um parto que se mostra difícil, na dor da mulher que desfalece. Na tristeza da morte onde antes havia tanta vida. Morre a mãe e um dos filhos, gêmeos, menino e menina. O primogênito que se esperava ser o novo líder, perdido. E a insensibilidade do ancião que só quer a certeza da continuidade na vida de um menino.

“Paikea”, o nome dado a criança sobrevivente recupera o ancestral de todos, aquele que liderou as baleias até a terra, onde fincou sua semente em forma das gentes. Por tão grande o prestígio do nome, o ancião se revolta. Esse nome não deveria ser honra dada a uma primogênita, incapaz de herdar a grandeza que ele envolve. Mas sussurrado pela mãe em agonia de parto, é o nome que perdura. A dor e a morte inauguram a primeira ligação com a tradição.

Já então o avô, o velho Paka, demonstra a que veio. Rígido, em suas falas e corpo, que esbravejam juntos, atreve exigências, com o filho que sofre e todos os outros. Apenas sua esposa o enfrenta, colocando a menina em seus braços para que a reconheça sua neta. Paka parece enfrentar a todos, seus filhos e neta, sempre insatisfeito.

Paikea, chamada por todos de Pai, porém, cresce e já anuncia. Embora o avô tenha desejado que ela nunca tivesse nascido, ele vai mudar de ideia. Parece auspicioso o começo, com o avô levando a garota na bicicleta, brincando mesmo com ela. Pai, então, já criança grande, carrega certa profundidade na frente, mesmo quando entra em casa resmungando repreensões a avó e suas amigas por fumarem e dizendo que não se atrasem para uma apresentação mais tarde. Talvez tenha puxado um pouco a avó, que desfia críticas a todos em uma rabugice bem-humorada, no que contraria seu marido, grosseiro e ríspido.

A cidade onde vivem é pequena, em meio aos montes ondulantes verdes e à beira-mar. O mar se estende sempre perto, companhia irrevogável. Tem algumas casas ao longo de uma única rua, um centro comunitário cultural. Postado no teto do centro, de frente para o mar, o Paikea das histórias de origem desse povo montado em sua baleia sagrada. As crianças andam descalças, pés no chão de areia, de grama ou até de asfalto. Para chegar a escola, é preciso pegar a estrada para além da comunidade, de ônibus ou de bicicleta.

Pai parece à vontade em seus cânticos tradicionais, na rua ou na escola. Seu avô assiste rígido e mediante a brincadeira de um dos meninos da escola se impacienta e bate a bengala pedindo seriedade. Na apresentação é quando chega também o pai de Paikea, garota, chamado Porourangi. Tendo passado os últimos anos morando na França e Alemanha, expõe suas peças artísticas e é apreciado nesses outros países. Desde a morte de sua esposa e filho, constrói outra vida, distante de sua cidade natal. Seu pai, o velho Paka, exige seu retorno e que assuma a liderança a que está destinado por ser o primogênito, mas isso não parece ser de interesse para o homem, afastado como está das tradições; talvez até mesmo carregando as magoas pelas mortes prematuras que enfrentou. Isso fica evidente na canoa, antigo artefato que trabalhava com suas mãos de escultor, que deixou de arrumar desde que nasceu Pai. Mas, em certo sentido, sua tradição permanece no corpo, nas mãos que criam arte.

As decepções de Paka e Pai, um com o outro, começam logo depois e vão apenas se aprofundar mais até o final, momento derradeiro. Paka conserta o motor do barco quando chega a garota questionando sobre as crenças maori de surgimento de seu povo. Seu avô explica utilizando a corda que usa para fazer funcionar o motor, demonstrando com os fios entrelaçados fazem a corda forte. Enrola então e puxa, quando a corda arrebenta. Pai consegue consertá-la e dar corda ao motor, o fazendo funcionar. Isso enfurece o avô. Mãos de menina que se atentam em consertar barco não pode ser certo, parece dizer.

Porourangi volta à cidade dos pais para anunciar que está esperando filho com sua nova namorada, Anna, da Alemanha. Revelar que acontece de maneira forçada após fotos do casal aparecer no projetor no qual mostrava imagens de suas obras. Ao que se segue uma briga com seu pai, um dizendo a outro o que esperava e nenhum dos dois acertando os passos com o que consegue. A raiva de Paka parece se elevar com o que entende ser a desfeita do filho em voltar para a casa, para um modo de vida que parece se perder em decadências. Ele incita o filho a levar Paikea embora, o que ele parece feliz em fazer.

Paikea se refugia na canoa inacabada do pai, que fica na praia. É lá que seu pai e ela estreitam uma relação em intimidades que parecem já estar lá, mesmo em desuso. Porourangi e Paikea compartilham a decepção que causa no velho ancião, que sempre quis ser líder, mas nunca conseguiu promover as transformações que almejava na comunidade e, por isso, procura quem o substitua tão fervorosamente. Embora pai e filha, suas afinidades são mais fraternas, coisa de irmãos.

Aqui, a praia compõe a própria comunidade. A exata importância desse lugar na ordem das coisas vai ficando claro à medida que as próprias concepções maoris e atuais formas de vida se descortinam, com a atenção obstinada da menina Paikea. O mar, por outro lado, parece compor laço mais estreito com as palavras do que com os corpos dessas gentes. Ele fala diretamente a alguns, como veremos. Àqueles que conseguem o escutar. A água fria do mar não convida muitos mergulhos. Embora as crianças, mais vivas em suas correrias, ainda consigam nadar e mergulhar mesmo em alto-mar, os mais velhos, sedentários, pouco conseguem. Ou tentam.

Já na estrada em direção ao aeroporto que o mar se descortina e faz sua aparição. Parece chamar a menina que o observa. A música alta no carro fechado já coloca um afastamento do lugar, que se torna impossível de ouvir, de sentir na pele. Por isso, Pai observa. E de repente, o mar parecia falar a seu âmago. Se antes parecia feliz por estar indo embora, agora sua fronte fica séria. Começa a escutar e a música some em desatenção. Então, os sons imemoriais, profundos e ao mesmo tempo simples em suas emoções expressas, tomam o primeiro plano. Não pode ir embora, parecem dizer. É ouvindo os sons tensos dos cantos da baleia que Pai resolve permanecer na cidade, certa de que seu lugar era ali. Pede ao pai simplesmente que a leve para casa, porque tem que ir.

Enquanto isso, seu avô decide começar, no centro cultural, aulas para os meninos sobre as concepções maoris. Seu objetivo, porém, é promover uma série de ensinamentos que culminam em testes que revelariam o próximo líder.

Afora o primeiro olhar de Paikea, menina, o mar não é destacado na paisagem em que são imersos. Mesmo os meninos em aula permanecem de costas para ele, desatentos aos seus sons. Seria a vontade da garota e o amor que sente, apesar de tudo, pelo avô que a fazem se voltar constantemente para essa abertura, esse espaço de mistérios? Estreitar um laço tradicional que parece se perder à medida que essas gentes se afastam dos valores antigos?

Já na primeira aula, embora sua avó atrase o início das cerimônias para esperar pela neta que foi, pela primeira vez, negligenciada na carona de bicicleta pelo avô, a participação da menina não é garantida. Por se sentar no banco dos garotos, aprendizes, tomando o lugar da frente, seu avô se rebela. Mulheres se sentam atrás e ficam quietas. Se ela não fosse se submeter, que saísse. O que ela faz, sem olhar para trás, demonstrando assim que não ocuparia nenhum lugar que não fosse o que ela sentia ser capaz de ocupar.

O canto das mulheres que ecoa nas boas-vindas é lamentoso. Lembra um choro em sua beleza, por coisas mais profundas que mundanas. “Essa vai ser a escola sagrada de aprendizado”, onde se aprenderão os costumes maori, diz o velho. São as histórias antigas, mas também as posturas dos corpos, os cânticos, os sentimentos canalizados às maneiras rituais, a força e a capacidade de se provar no mar. Para os meninos, é uma forma de fazer algo que dá orgulho mesmo aos pais ausentes. Que os fazem mais fortes. São, porém, constantemente perturbados pela severidade do líder.

Paikea não desiste hora alguma, mesmo proibida de tocar o solo sagrado da escola. Vê pelas frestas as aulas, aprende o que é ensinado por seus meios próprios. Acompanha, assim, os ensinamentos. Mobiliza àqueles que podem para ajudar no processo, como seu tio Rawiri, que parece se beneficiar dessa oportunidade de possuir um sentido para agir. Agrada ao homem desagradar ao velho, que parece querer mandar em tudo e todos, sem nunca ser reconhecido em sabedoria na sua rabugice. Nesse sentido, sua esposa parece saber muito mais. Suas lições de como lidar com os filhos, o marido e a neta transparecem certas, em cuidado.

A facilidade com que o corpo de Paikea aceita as tarefas e as domina, o chamado e os avisos que escuta do mar, faz a menina se perguntar o que tem de errado com ela. Não parece justo que ela, sem querer, tenha que sofrer com as permissões da vida e com a negação de seu líder. Ao contrário de todos os seus amigos, que sofrem com o contrário. “Não é culpa de ninguém que eu tenha nascido menina”, diz ela. O próprio chamado do mar ecoa em seu corpo e ela o escuta. Ela não é o problema, então. A falta de visão de seu avô, preso a tradição como se esta fosse qualquer lei inquebrável, impede que as novas formas de ser *maori* se manifestem. A vida na comunidade se estagna assim.

Paikea menina, por outro lado, segue sempre firme nas suas decisões de aprender e ser. Valoriza seus antepassados, escuta seus ensinamentos. Vence um teste após o outro, mas sempre de maneira discreta, apartada do centro das atenções que são os meninos na escola. Várias vezes, se pega atenta ao mar. Escutando esses sons, lamentosos, que a

ligam em um sentido de sagrado, dando a ela a permissão que o avô lhe nega. Fábio Pessanha, na leitura da poesia do mar, nos diz: “Então, quando experienciamos o sagrado irrompemos em realidade, apropriando-nos do que sempre nos pertenceu, já que isto que nos era próprio permanecia vedado na aparência do que se dá à luz” (PESSANHA, 2011, p. 54). Pai irrompe em realidade através dos cantos dos seus antepassados no mar, através da escuta atenta ao que é dito para além do que é dito. Ela vislumbra a possibilidade de renascimento de sua cultura, nas posturas e corações das suas gentes. A praia sagrada é lugar de transformação, é lugar de união, de conexões misteriosas e cura.

A luta com o *taiaha*, o bastão de madeira, tem seus modos de mexer o corpo, pés e braços. Até as expressões do rosto compõem os movimentos. É feita para assustar, olhos e boca bem abertos. É feita para derrotar. “Quando vocês esticam suas línguas estão dizendo aos seus inimigos eu vou comê-los! Seus olhos vão rolar. Sua cabeça vai ficar fincada na ponta da minha vara” diz Paka, o velho líder, aos seus alunos meninos. É um corpo que se prepara para a batalha, que aceita as forças que tem e que pode ter que exercer sobre o outro, devorando-o.

Aqui, a praia é lugar de luta. Os inimigos são os próprios membros da comunidade, que se afastam cada vez mais dos saberes tradicionais. Não é possível derrotar o inimigo sem derrotar a si próprio, em certo nível. Paka vai ter que se derrotado em suas ideias que o cegam para as afinidades da neta. Rawiri vai ser derrotado em sua preguiça, que consome o corpo em cerveja e maconha. Porourangi vai ter que ser derrotado em suas mágoas que o afastam do seu lugar de origem.

A decadência de um modo de vida frente aos confortos e facilidades contemporâneas é o que está em jogo aqui. Como sobreviver nos tempos que estão aí. É no livro de Ihimaera (2012) que a luta que a comunidade tradicional enfrenta vai ser descrita em palavras.

Um dia, nosso mundo era uma coisa só, na qual os deuses se comunicavam com nossos ancestrais, e o ser humano se comunicava com os deuses. Em alguns casos, os deuses concediam poderes especiais para alguns de nossos antepassados. Por exemplo, para nosso antepassado Paikea (...) foi atribuído o poder de falar com as baleias e de liderá-las. Dessa forma, o ser humano, os bichos e os Deuses viviam em total comunhão. [...] Mas, aconteceu que o ser humano vestiu o manto da arrogância e quis se colocar acima dos deuses. Ele tentou até vencer a Morte, mas falhou. Enquanto ficava cada vez mais arrogante, ele foi abrindo a fenda na unicidade primordial do mundo. No decorrer do Tempo, ele acabou dividindo o mundo na metade na qual era capaz de acreditar e numa outra metade na qual ele não acreditava mais. O real e o irreal. O natural e sobrenatural. O presente e o passado. O científico e o imaginário. Colocou uma barreira entre esses dois

mundos, e tudo o que estava do seu próprio lado era chamado de racional, e tudo o que estava do outro lado era definido irracional. Até a crença em nossos deuses maori passou a ser considerada irracional (IHIMAERA, 2012, p. 127-8)

Na luta contra tudo o que não é racional, diminuíram-se os sentimentos, as sensações e sentidos do corpo, o próprio corpo sensível, qualquer afinidade e intimidade com a terra. A unicidade primordial se rompe. Suas partes fraturadas se desenvolvem cada uma por si, em novos radicalismo da mente. As gentes fantasiam ou vivem a realidade dura das explicações estéreis, as coisas são isso ou aquilo. A praia, lugar de morada e paisagem primordial, não revela mais conexões profundas, mensagens de sentimento exposto, o sublime. Antes, é curtida na materialidade (e venda) pela racionalidade do uso e descarte.

Alain de Botton (2012) diz sobre o sublime no espaço que: “Uma paisagem somente pode se elevar ao sublime quando sugere um poder maior que o humano e ameaçador a ele. Lugares sublimes desafiam nossa vontade” (BOTTON, 2012, p. 164). Ao humano arrogante que rasgou a unicidade das coisas, que paisagem pode se elevar? A força própria que move a água, sempre, que regula as marés, o céu e a praia, precisa ser sentida. No cotidiano ou na pele que se aventura em viagem, em desfrute. Somente a partir do sentido, unicidade restaurada na carne exposta na paisagem, no lugar próprio onde ela se expõe, que o sublime transparece.

Quando todos os meninos falham no último teste, o velho Paka, em seu sofrimento, se larga na cama para não mais sair. Tudo indica que não há esperança. Pede ajuda aos seus companheiros sagrados, as baleias, para que guiem seu povo para um novo caminho de existência. Pai, vendo que seu avô cantava em desespero pedindo ajuda, resolve ela mesma ajudar e canta junto. Embora seu avô não escute, ela consegue sentir a resposta do meio do mar. Acredita que tudo vai ficar bem.

Mas é então que aparecem as baleias, elas se jogam na praia, encalhadas, buscando a morte. Assim com a comunidade, se lançam a esmo esperando o fim. Lutar para salvar as baleias é lutar para salvar a si. A comunidade se junta para tentar, mas as baleias querem morrer. Levam a comunidade a fadiga.

Não há mais quem entenda suas línguas. Mesmo com o esforço nascente do velho Paka em ensinar os meninos seus cânticos e costumes, não é o suficiente. O velho líder quer buscar quem culpar. Seria ele ou os outros? Seria a profanação de sua neta aos lugares e atividades sagradas?

A tradição sobrevive nas histórias, que presentificam sentimentos e vivências que perpassam as vidas de povos que compartilham origem e cotidiano. O corpo se lembra dos movimentos, e do que é valorizado desde os tempos imemoriais. A capacidade de lutar, o respeito e a afinidade com o mar, a atenção aos seus sons.

É preciso a disposição ao sacrifício de uma garota, sua renúncia ao seu lugar, para unir as gentes em admiração e crença no que é sagrado. O sagrado é vida, mas também a morte. Quando a esperança morreu e todos se voltam para desistir, Paikea garota ousa. Sobe na baleia, pisando e provando suas cracas, monta mesmo como uma cavaleira. Se lança ao mar, cantando em sua linguagem ancestral, atraindo as baleias encalhadas para morte. Quando finalmente percebem que a garota sumiu, já está longe, no mar, observando as gentes, se despedindo. Sabe que está se oferecendo como algum sacrifício. Sua avó, em desespero, chora e grita. Tarde demais.

Os mergulhos da baleia que Pai monta vão ficando mais profundos e demorados. Logo, Pai não consegue mais se segurar e, solta, é lançada nas profundezas. Sente, porém, que cumpriu seu dever. Salvou a comunidade ao salvar seus guardiões do mar.

Até o fim seu avô duvida. Somente depois que acham Pai e ligam para família do hospital para avisar é que o homem aceita seu erro de duvidar, supera. Já então tudo está mudado. A menina, na sua disposição ao sacrifício, seguindo o rastro da tradição e da magia que recupera, desperta as gentes. A comunidade se descobre de novo nos prazeres compartilhados. Vidas, histórias. Espécie de cura para a preguiça e a indisposição que os afastavam nesses novos tempos.

Se a ancestralidade tem casa no mar, em meio as baleias, é na praia que o sagrado se revela. É nela que a vida comum acontece, onde é possível recuperar os sentidos de viver junto. Pai, que estivera tantas vezes na praia a ouvir os sons do mar, se mostra como a detentora dessa escuta profunda, que fala através do sublime. Pai transcende na disposição em fazer a viagem, força e vontade, até o mundo absurdo e impossível. Disposição que rasga as gentes, expõe suas fraquezas e medos na praia. Ir além, ousar mudanças em um se jogar arriscado e fecundo que em muito se assemelha a atitude de quem deseja aprender a nadar. Se no mar as coisas acontecem em seus silêncios próprios, solitários, na praia é possível compartilhar, atingir mesmo as gentes que necessitam dessa abertura, exposição.

O sagrado aqui vai além de uma crença no sobrenatural. Tem suas raízes no pé que pisa a água de mar na praia. Vem da empatia extrema, da valorização comum de algo além de

si. A vivência do sagrado na praia parece injetar um fôlego novo a comunidade. A permanência de suas maneiras do corpo, seus paramentos e atividades conjuntas, não impede novos desenvolvimentos e aberturas. É ter um sentido de lar mais complexo, para além das turbulências da vida. Uma completude. Uma disposição à renúncia que renova. Somos carnes de tradição. Valorizamos os ecos. Fugimos do que praticam nossos pais só para nos encontrarmos reféns dos mesmos movimentos. O corpo que curte a praia pode ser mais livre, em prazer de exposição, em facilidade de trabalho, em seus vínculos. Pode ser mais preso, impossibilitado pela figura de papel dos pagamentos, pela rotina urbana do trabalho, pelos desvínculos dos pés com o chão. Mas os corpos transcendem. Fazem praia onde não havia, pintam sereias nos bares e nos muros, são acolhidos em esperança onde outros só enxergam a perdição crua. “A experiência do sagrado é a mais viva experiência do que é o mais real, e é a mais vivificante experiência de Realidade” (TORRANO, 1992, p. 30). O sagrado aqui é visto como uma transcendência do corpo. Não tem necessariamente relação com as regras religiosas que antes cegam para as manifestações dessa vivacidade íntima com o mundo, como cegou ao velho Paka. A vivacidade do corpo se sente depois de uma pesca gratificante, no caminhar a praia de lado a lado, nas conchas e na exposição forte e vulnerável. No escutar o mar, no mergulho, nos sabores. Quando as experiências se pintam dessa tonalidade mais cristalina que a realidade cotidiana, vislumbramos mensagens como quem escuta as baleias em sua profundidade de mar e na disposição a renúncia nos tornamos ainda mais vivos.

Transcender é adentrar na imensidão íntima, de si ou do mundo, subvertendo profundidades em canais escondidos de exposição. “O transcendental apresenta-se como nosso mundo: o mais abstrato e ao mesmo tempo o mais imediato. O real, tocado, degustado, visto, ouvido, chega a ser confundido com um gêmeo, com o ápex da abstração” (SERRES, 2001, p. 317). Porém, não chega a ser abstração fugidia e vaporosa. É concreta em sensações, em vivências e em capacidade de transformação. Nesse sentido, o abstrato por si só não faz casa aqui.

O corpo que transcende praia ou mar o faz por mil canais que tangenciam a pátina da pele exposta. Quando essa transcendência compõe tentáculos entre o corpo e o mundo, aí alcançamos algo sagrado. A pátina da carne do corpo tem seus ecos, e para compreender as possibilidades de abertura para suas imensidões é preciso ir além da substância, da matéria descrita com ganas sensíveis e sensuais. Além ou aquém, o que melhor convir. Compreender a unicidade das coisas, não acreditando em tudo o que se diz ao pé da letra.

Mesmo Paka nos mostrou essa impossibilidade. Pensar nos sentimentos que os ecos do corpo valorizam, suas afinidades e proximidades. Resistir na permanência dos corpos.

Nesse sentido, alcançar o sublime da paisagem é ir além até mesmo da sua apreciação sensível ou rotineira. Mas a paisagem sublime, que resguarda a transcendência de si e do sagrado, essa precisa nos desafiar em suas provocações com forças próprias. Por isso, o mar, mundo absurdo, nos incita tanto. A praia, enquanto abrigo e abertura, nos libera.

Ouvir as baleias e entender suas mensagens próprias canaliza uma compreensão da paisagem, enquanto abertura e exposição, e do lugar, da comunidade, que convergem e se alimentam. Nesse sentido, é compreender o sentimento-paisagem (COLLOT, 2012), que para as gentes em contemplação é apenas confusão, mistério, atração leve que conquista. Para Pai, garota, os mistérios do mar que vislumbramos na praia já transcenderam respostas, na sua imersão e atenção ao revelar do invisível no visível. O sagrado, então, caracteriza uma forma própria de adentrar a imensidão em intimidade, um eco característico das forças maiores que moldam as paisagens há milênios e nos transparece o sublime. Uma intimidade que cura e renova e, por isso, também se liga a morte. Que orienta, em seus termos próprios.

Rose Ponce (2015, p. 8) escreve:

Quero virar mar,
Desaguar as más águas
Sair do leito
Abrir o peito
Quero virar mar,
Já sei o que é ser rio,
Já levei folhas e galhos
Já arrastei corpos inertes..
Quero virar mar
E ser alma profunda
E em marés me guiar
Quero virar mar
E na liberdade das águas
Cavalgar sobre as ondas
E descobrir o sabor salgado
Do sagrado fluir...
Quero virar mar.

Nem toda experiência do sagrado vêm da religião. Cada dia mais existem buscas do sagrado desvinculadas de qualquer religião específica. São espiritualidades que valorizam as cadências do corpo e da natureza. Valorizam, portanto, as vivências da praia e das montanhas e cachoeiras, e as vivências do corpo: suas mensagens próprias. Recuperam o sagrado na valorização do corpo visceral. Que se atenta aos sabores, das ervas e dos alimentos. Na passividade atenta que traz a vivacidade em si. Aos ciclos, da lua, dos seres, do útero. O sagrado se aninha na intimidade, que pode ser da imensidão e da paisagem, mas corta. Flui mesmo ao cortar, desaguar as más águas.

A praia sagrada é abrigo e ponte para imensidão do mar, da vida e da morte. O mar é alma profunda, liberdade nas águas, orientação da maré. É sustento, mas também exige. Da praia, adentramos suas mensagens sublimes, canalizamos ousadias e renúncias. Cortes compartilhados.

II

—

**TRANSGRESSÕES DE MAR E
PRAIAS INTERIORES**

4. O caminho das águas ou do rio de lama do progresso

As águas se reúnem. Vêm deslizando ar desde as nuvens, negras de prenúncio fértil e tempestade, até as terras, topo de árvores, rochas expostas em canga dura e vermelha. As águas batem no solo e deslizam detritos, mas também mergulham em absorção, infiltram.

Das que infiltram, temos vestígios nas raízes que adentram terra e sugam criando mesmo carne dura de tronco de árvore e mole de folhas. Temos vestígios nas rochas quebradas, rachadas, fragmentadas com um início de dissolução aquosa. Das que infiltram, temos ainda vestígios nessas grandes porosidades rochosas que as reúnem nos subterrâneos do mundo.

As águas brotam. Brotam em muitas formas distintas. A beleza de cada um desses partos de terra é singular. Eclode terra em jorro pequeno, em poço alagado, em água que sai da fenda rochosa. Escorre. Desce um fio aqui, outro acolá. Sobre o morro de terra e em seus abraços, ravinados, temos água que se arrasta e cai. Explode as cores de verde, as frutas de madura. É doçura, é vida.

Das águas que se arrastam, vemos os sulcos que deixam na terra. Varam pequenas linhas em movimento descendente, se interceptam e se reúnem. Os sulcos marcam a terra, testemunhas de sua passagem. As águas se reúnem e descem. Regatos, córregos, fios d'água, água que corre junta. Michel Serres, filósofo das sensações e da vida, nos lembra a estabilidade das águas que correm. Seguem um caminho próprio, móvel e estável ao mesmo tempo:

O exemplo do rio nos alegra: partindo de uma fonte ou de várias, desce o talvegue para o mar ou o lago, à primeira vista, diríamos que corre, turbulento ou tranquilo, para seu equilíbrio; verdadeira para cada gota d'água, esta afirmação pode ser sustentada para o rio? Ele se mexe, é claro, mas repousa, estável, em seu leito admiravelmente denominado. Parece correr, mas de certa maneira dorme. (...) O rio cava uma estabilidade global, do princípio a foz. Homeorréia. Seguimos seu curso de um ribeirão assim na formação embrionária, da fecundação ao nascimento, e o leito de um rio semelhante, até a hora da morte? (SERRES, 2001, p. 296)

Quantas dessas águas não são cooptadas, desviadas, canalizadas para chegar até as bocas secas e corpos sujos que as utilizam diariamente nos grandes centros urbanos. Centros de asfalto e concreto, onde as moradas crescem como árvores. Lá, a água também sobe. Os cidadãos encontram as águas em espaço reservado, fechado a chave. O corpo nu que a água lava e adoça necessita privacidade. Às vezes, vergonha.

As águas passam pelas cidades, encontram as gentes em movimento fugaz e se reúnem nos canos que circulam os subterrâneos, não mais como chegaram. Trazem em si seus restos, de pele, cabelo e excrementos. Já se engorduram nas comidas e óleos combustivos dos veículos disseminados, nos restos da cidade lavada. Lixo. Tudo as águas levam. As águas reúnem.

As águas que correm para as cidades se adiantam desviadas. Outras seguem caminhando no seu próprio ritmo, molham os pés das gentes e as roças nos campos interiores. Da estabilidade de ser próprio, rio, comentada por Serres (2001), resta apenas a certeza da força. Em seu percalço tem cava, barragem, cidade, indústria, desvio, cano, plantações a perder de vista e com sede. Ainda assim, as águas chegam a praia.

Os rios nascem no entrelaçamento dos fios d'água que cortam sulco ao descer as serras e montanhas. Dão caldo, fazem grossura. De fiapo, minhoca, vira lagarto, cobra e dragão. Os rios correm água violenta, rasgam a terra e levam suas rochas, pedras, seixos. Fazem vales, afunilam em seu entorno alto de terra, areia, pedras. Sedimentos diversos que as águas deixam em sua pressa de correr. Testemunhas de suas passagens.

Os sons das águas que correm são composições de alento à mente. Aquietam. O tilintar das águas agradam os ouvidos. Confortam. A água ruidosa fala da cólera, da raiva. Há uma continuidade entre os sons da água e os sons humanos (BACHELARD, 1989). O filósofo dos elementos intenta demonstrar em sua obra dedicada à água que

as vozes da água quase não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam os pássaros e os homens a cantar, a falar, a repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra humana. (BACHELARD, 1989, p. 17)

Enquanto realidade poética direta, a água fala em mensagens essenciais, compreensíveis no instante em que se lançam. Não se trata de uma metáfora. Assim, para o autor, a água é um ser total, dotado de corpo, voz e alma (BACHELARD, 1989). A água se desdobra em corpo de rio e de mar, permitindo com a sua totalidade de ser interagir com as gentes.

O rio pode ser considerado uma entidade viva, que nasce e morre, em seu leito. Na Nova Zelândia e na Índia alguns têm até mesmo reconhecimento legal, em ordens humanas.

En un hecho sin precedentes, el 15 de marzo, en Nueva Zelanda, el río Whanganui fue declarado una entidad viva y adquirió los mismos derechos legales que un humano. El río fue reconocido como te awa tupua, que significa: ser viviente integral. Algo que hasta hace poco a nadie se le hubiera ocurrido posible. Esto fue gracias a los esfuerzos

de la comunidad indígena Whanganui iwi, quienes tienen una estrecha relación con el río y lo consideran una extensión de su persona (SOPISTA, 2017, p. 1).

Tentativa humana de legalizar um rio nas suas leis de gente. Desesperada tentativa de barrar os abusos frequentes as suas vozes, ao seu corpo e vida? Das gentes que as águas reúnem em adoração, fica a tentativa de preservar essa possibilidade. Modo novo de enfrentar uma ameaça velha ao ser próprio e continuado na paisagem em que flutua.

Os rios vão cobrindo terra, reunindo água, deslizando longas e longas jornadas. Correm e se acalmam, barrados, espriados. Fazem curvas onde não cavam terra, rios que se fazem cobra. Reúnem tanta água que não se vê fim. Deixam areia, fazem bancos. Lar de tantos animais, que oscilam habitar entre terra e água.

Se em um primeiro momento pensamos as praias como lugares à beira-mar, agora a surpresa. Rios tão longos que suas faixas na areia fazem praia. Praias de água doce, onde não se vê o fim dos lugares, mas uma intersecção muito longa. Talvez a essência desse lugar, praia, esteja contida já nas águas que brotam morro acima. A praia é um canto à beira d'água, afinal. Oscila espaço terrestre e aquático, como define Dardel (2011). A praia é possibilidade de abrigo em uma paisagem que desvela mistérios inacessíveis ao nosso corpo que respira ar. Nesse sentido, os rios são partes essenciais do mar, assim como o ar e água das gentes.

As praias de rio dominam o interior molhado de água doce e curva. Nas areias, despontam mesmo as possibilidades do desfrute. De praia doce de rio em meio a imensidão verde da floresta amazônica, o desfrute das gentes aparece com o recuo d'água que expõe a areia. Se o rio sobe, nas cheias de chuva e neve, a areia some e o rio, o mesmo rio, que antes era degustado nos seus movimentos próprios, sedutores e potencialmente perigosos, vira material para os olhos, a distância. As apreciações da corredeira doce em meio as pedras fazem mais cachoeira que praia. Já a areia, essa dá solo e possibilidade de abrigo.

A capacidade de fazer praia em beira de rio grande, infinito, é potencialidade do corpo que se atira no desfrute da paisagem sem desejos transcendentais de renúncia ao sublime. O abrigo é necessário as gentes ousadas. Já para os habitantes do cotidiano do rio, a praia não é tanto solo de espera e inter água, mas nutre em si mesma. Nutre os corpos, os pés, o nariz, a boca e os sonhos. A possibilidade de fazer praia está contida na água, que envolve mas tem também seus limites, que abarca sedimentos e detritos mas também os expulsa. Que desvela as gentes, mas também exige e nutre.

D. Otília Nogueira (2009, *apud* CHIAPETTI, 2014, p. 89), escritora baiana de cordel, canta:

Que seria do homem sem o rio
De que ele ia viver
O feitiço do rio fascinou o homem
Lhe dando segurança e prazer
O rio lhe ofereceu seus encantos
Nas suas águas veio lhe acolher

Conviver com um rio, vivendo em suas margens, chega a ser um processo de desvendamento de um ser, semelhante ao perpetrado entre as gentes, amigos, parentes e amantes. Desvendar seus humores e saber seus riscos é maneira única de se atrever nas águas. Corpos que conhecem as águas chegam nos orifícios de morte e redemoinho que come gente sabendo sair. Um dia conheci um homem que resgatava corpos que perdiam a vida no rio forte. Hoje nem tem força o rio, amansado de barragem, nem tem água, petrificada de lama. O homem guarda as memórias do corpo que não se arrisca mais, antes anda.

Lar de inúmeras gentes, o rio encanta e seduz. Nas suas águas que correm e andam, derivam terra, guardam sabores e conhecimentos inúmeros das gentes que convivem com seus movimentos. As águas são a vida líquida. O corpo em que a vida falha aperta na garganta. É sede. A sede também as plantas e a terra esfarelada sentem. Os animais que nadam precisam menos de ar que de água.

Das águas desviadas, temos hoje grandes exemplos. Não matam apenas a sede da cidade, mas do progresso. Faz energia que move e ilumina, lava rocha e mineral, irriga mato e plantação. Muitas são as águas desviadas. Outras mais compõem mecanismos de transporte para os restos pouco queridos das atividades humanas. A água leva, mas também se perde. Perde na possibilidade de abrigar vidas.

Parte do progresso humano consiste em decompor as substâncias terrestres e recompô-las em novos arranjos concretos que facilitem e propiciem novos usos. Assim, o ferro é extraído das rochas e processado em caminhos próprios para que vire uma infinidade de produtos. Nesse processo, porém, o que antes tinha sua forma própria e estável de ser, carne de montanha, agora adentra outros locais. Perigoso, nas suas decomposições e restos expostos, combinações que agridem vidas, envenenam, engolem. Incapacitam o funcionamento do corpo que expõe a existência, humana ou não.

Difícil é viver sem as novidades que o progresso traz. Progresso aqui é tanto irônico, pois implica desenvolvimento, quanto real, em incentivo e procura. O desenvolvimento que gera tem sua linha própria, afim das tecnologias, facilidades e riquezas que chegam primeiro e mais intensamente a poucos e depois se alastra em seus restos carcomidos para as muitas gentes que sobram.

Os rios, em suas jornadas, podem se perder, voltar a adentrar água, evaporar no ar quente. Restam suas marcas secas no solo. Podem seguir viagem até outro rio, maior, se integrar a ele, misturar suas águas de cores distintas. Podem chegar até o mar, suas águas sulcando areia, pululando de vida e solos férteis. Mangues, misturas ricas de suas águas e sedimentos, rios e mar, areias e terras.

Os rios empreendem suas jornadas, de vida. Encantam as gentes e as alimentam. Matam a sede. Chegam ao mar, deixando explosão de riqueza em matéria de últimos suspiros. Pelas águas que chegam ao mar, sabemos sua história. A história de quem vive em suas margens, de seus vales.

Mar desarrumado
 de horizontes elásticos
 passou toda a noite com insônia
 monologando e resmungando
 Chegam ondas cansadas da viagem
 descarregando montanhas
 Fatias do mar dissolvem-se na areia
 Parece que o espaço não tem fundo...
 - De onde é que vem tanta água, compadre?
 (Raul Bopp, 1976, p. 48)

De onde vem tanta água? É certo perguntar, mas seguir seu caminho não vai nunca elucidar esse deslumbramento. A imensidão da água se revela desde a gota da chuva. Sua beleza e singularidade nos eclipsam, suas potencialidades nos sussurram mistérios. Suas águas e sedimentos nos conta histórias. Histórias das gentes que beiram rio, suas maneiras de viver, suas interações de água.

As águas se reúnem e guardam os pedaços e detritos comidos das paisagens que cortam, seja cidade, montanha ou corpo. Se cortam veneno, as águas o carregam no seu abrigo líquido. Contaminam. Esse perigo não chega a aspirar fascinações como o do mar. Não

tem em si, na sua expressão, muita beleza. Pelo contrário, traz o empobrecimento das formas terrestres que envenena. Que essência espacial compete a esses espaços nos quais a própria vida é improvável?

Chora o Rio entre arvoredos,
 Nos penedos recostados:
 Chora o Prado, chora o monte,
 Chora a fonte, a praia, o mar.
 (ALVARENGA, 1996, p. 49)

Nem toda viagem empreendida para o mar é feliz. Seguimos as águas num movimento imaginante, desenhando num caminho um rio: o Doce. Partimos do seu desembocar profundo, mas para dentro, direção contrária ao seu esforço de correr. Avançamos até o topo de morro onde do rio só temos chuva. Descemos com ela, acelerados. Aqui, o destino da gota que cai é furar a terra. Nutre, percola, explode. Faz-se broto e fio d'água, se faz rio e corredeira de cachoeira. Faz-se lago barrado. Agora ele é alaranjado de lama de mineração.

O ciclo da água aqui é pervertido, pelo progresso. Começa já na água que cai no alto dos morros desse mar de terra que é Minas Gerais. Topo de morro comido de fora para dentro. Sobram ruínas. Água que brota logo seca ou brota azeda. Água nenhuma para aqui. Vai-se embora. É usada, e muito, para lavar o minério de ferro que sai do morro e deixa buraco. Suja de lama, ela é acumulada nessas ilusões de lagoa e contida por barragens. Até que ela estoura, de tanta lama e pouca estrutura para conter. De ausência de preocupação com o crime de acabar com quase uma bacia hidrográfica inteira. De acabar com animal, com terra, mato e de acabar com gente. Desce água suja de lama que não se aguenta mais parada a força. Incontida, arreventa violenta tudo que é caminho, cidade, boi ou gente. Onde antes passava água da chuva, água do rio, agora desce furiosa lama vermelha, que se espalha porque ninguém nem nada segura. Toma conta. Chega a rio maior, Doce. Rio que comporta volume, caudaloso. Já foi bravo, hoje é bastante contido pelas usinas que tiram dele energia para criar eletricidade. Mas guarda lembrança de quando tinha força na calha, na planície e nos seixos rolados. O rio alaranja e endurece.

Para os ribeirinhos que sonham e vivem o rio, a lembrança da sua força corta e causa dor. Diz Shirley Krenak sobre o Doce que é lama e veneno:

“Para muita gente era só uma água que corria ali, mas para o meu povo era um borum, era um Krenak, um irmão que tomava conta da nossa saúde, da nossa religião, da nossa cultura. E essa empresa maldita que

é a Vale acabou o matando. O que mais me deixa triste é que meu povo, ao longo de muitos anos, vinha alertando a sociedade sobre as maldades que estavam sendo cometidas em nosso rio, o Uatú, mas ninguém nos ouviu”, desabafa Shirley Krenak, uma das lideranças da comunidade. (GERHARDT, 2017, p. 3)

As gentes que rio encanta, sustenta e brinca, fraterno, perdidas nas feridas vermelhas. A cura do rio já não agrada corpo algum. Qual o cheiro que incita? Que sons suas águas fazem agora? Rio que ainda tem força para seguir viagem, mas logo que perde a primeira onda vai ficar petrificado pela lama que não é água.

Assim, um rio vira terra e deserto laranja. Até que chega ao mar. No caminho, gravado em laranja na água, na terra e nos corpos das pessoas que ficaram para ver, espécie de alerta grandioso. Tão grandioso quanto as obras humanas que o tentam dominar. Impossível conter por muito tempo o que tem força própria para correr. Na praia, lama que se faz onda e cavalga espuma. Alastra. Retira peixe das águas, mortos. Retira vida das gentes, moribundas. Assustadas. Impressionadas.

A descrição acima contempla o crime socioambiental perpetrado pela mineradora Samarco/Vale/BHP Billiton, em 5 de novembro de 2015, ao permitir o depósito de rejeito de mineração além da capacidade em barragem, que não suportou e se rompeu. Além de causar a morte direta de pessoas e inúmeros animais, atingidos por ondas da lama e rejeito da barragem rompida, houve a destruição completa de quase duas cidades, a contaminação de rios, e especificamente do Rio Doce, cuja população biológica (fauna e flora fluvial) foi dizimada. Houve o comprometimento do abastecimento de água e da sobrevivência dos ribeirinhos até a foz no mar do Espírito Santo, outro estado da região sudeste atingido e que agora aponta níveis de concentração de metais, tais como arsênio, chumbo, manganês e selênio elevados nas águas, tanto as salgadas da foz quanto as águas doces de rio (DINIZ, 2016).

O crime socioambiental da mineradora é um também um crime contra toda a gente. Quando suas águas ficam turvas de lama e agridem a pele e corpo que mergulham, coloca-se em xeque todo o sentido e os significados desse lugar. Das gentes com medo de encostar na água, dos animais que morreram horas depois de beber do rio, da lama que trouxe o cheiro putrefato de cavalos, bois, cachorros, capivaras e até gentes, carne morta a decompor, fica o sentimento-paisagem exposto: moribundo. Se essência da praia de mar, de fazer canto a beira d'água, já está contida na chuva que cai, é semente em líquido de gota, o que dizer da impossibilidade de viver água que corre desde o rio?

Das águas que agriem não com sua força, esculpadora de paisagens, mas com seus venenos impróprios, fica o imperativo da aversão, que expulsa. As águas reúnem. Envolvem. Com carícias ou surras, as águas ensinam. A impossibilidade de adentrar sua textura líquida, seu canal e corredeira, testemunha o crime supremo contra a vida. Repressão aos corpos que se expõe em suas doenças de lama. Doença do lugar, transformação sempre movente das paisagens. Adoecimento das gentes. No corpo, mas também nas aberturas que canalizam as mensagens da paisagem, com seus sentimentos próprios, o sofrimento do fim. Moribundos, lugar e gente.

Que água é essa que corre a praia? Vem de rio, mas rio vivo hoje é raro. Água que corre do urbano seco deixa de ser rio e vira esgoto. Essencialmente, essas águas já não são o que eram e isso se reflete na materialidade desses corredores de esgoto. Quando chegam à praia, alastram sua matéria pútrida que nos faz sofrer pela água que vai junto. Deixam a areia negra. O cheiro não salga, mas horripila. Ou então, é água laranja e vermelha de resíduos da mineração que a barragem não suportou o peso de conter. Carrega seus sedimentos e aversões até o mar. Faz praia que só a vista suporta; ou, dizendo diferente, faz praias que suportam apenas a vista. Distância.

E, ainda assim, o mar parece tão grande e tão forte logo à frente. A possibilidade de que também ele caía por causa dos nossos rearranjos de matéria e dos nossos restos orgânicos reunidos é impensável. A admissão de uma praia imprópria para o desfrute, propositalmente devido às políticas e ações de saneamento básico, é inimaginável. Quantas pessoas ainda insistem, ignorantes dos avisos apressados da água imprópria?

É inimaginável uma praia em que não se possa entrar. Existe praia se retiramos a possibilidade de um mergulho? De adentrar suas águas? Um anúncio de praia imprópria para banho repercute essa questão:

Com 25 quilômetros de orla, Fortaleza tem algumas praias poluídas, entretanto, oferecem atrações que superam a frustração do banho proibido. É o caso das bonitas e urbanas Iracema, Meireles e Mucuripe, com calçadões e repletas de bares e restaurantes. Iracema proporciona um belo pôr do sol, enquanto Mucuripe traz o bucolismo das jangadas de velas brancas cruzando o mar (EDITORIA FÉRIAS BRASIL, 2000-2017, p. 1).

Beber e comer à vista da paisagem, mas não tocar. Não andar descalço pelas suas águas por causa do risco de contaminação do corpo por agentes nocivos à saúde. Água e areia nocivas ao corpo. A praia, mas que se estivesse projetada em uma tela branca ou pintada em mural próximo, pouca diferença faria. Espetáculo para os olhos, à distância. Por perto

vemos os animais mortos, peixes que assolam as areias. Vemos os plásticos que parecem sempre presentes e cheiramos o odor repulsivo da água.

Quando a água é esgoto ela já deixou de ser água. Esgoto é a impossibilidade da água, mesmo que seja líquido. Tristeza desse líquido tem na sua essência o abarcar. Onde desce o rastro da contaminação na areia tem-se uma ferida na praia. A vulnerabilidade do corpo não vem mais da intimidade e do ser revelados na areia, mas da contaminação em doenças e mal-estar. Onde o corpo não é bem-vindo, o desfrute do espaço traz a impossibilidade da vida. Há uma ferida na concha. São praias de esgoto, de petróleo, de rejeitos, de lixo. Logo, a praia não é mais habitada, a não ser nas lembranças e sonhos.

Em uma praia na Índia, a própria gente local se reuniu para retirar as toneladas de lixos que eram jogados na areia. Semienterrados, decompondo, contaminando a água e o ar. Uma praia, lixão a céu aberto. Duas essências divergentes do espaço. Novamente, vislumbramos como a praia que é mercadoria não comporta a densidade ou a fundamentação do lugar, nem mesmo da paisagem.

A consequência primeira de uma praia mercadoria é seu descarte quando não mais útil na cadeia (im)produtiva do lucro. Descarte que também acontece quando da exaustão dos seus recursos. Destinar à praia seus lixos ou esgotos, seus rejeitos, diz de uma paisagem que não possui valor nesse sentido, mas sim enquanto espaço de descarte, descartável por extensão. Quem ganha com a praia imprópria não é, nunca, a vista; mas as poucas gentes, responsáveis, que lucram na despreocupação em descartar apropriadamente seus rejeitos.

Existe a impossibilidade do desfrute, mas também as mudanças que alteram a própria composição da paisagem. Como o caso da contaminação da água dos rios que tornam impróprias as águas próximas a praia, onde eles desaguardam. Muitas vezes, nenhuma mudança acontece nas formas sensíveis da paisagem, porém a água repele as gentes, que logo atestam uma modificação no sentimento-paisagem, na capacidade de ser lugarizar e se expor em intimidade ali. Os laços se cortam, embora a paisagem subsista. Que paisagem é essa que não provoca o corpo? Que as gentes não querem sentir?

Marandola Jr. (2017) discute os lugares que existe em um entre de vida e morte. Fala de ruínas, de cidades fantasmas, outrora habitadas mas hoje decaindo no esquecimento. O rio morre enquanto lugar, suas águas contaminadas a expulsar vida, enquanto sub-existe em vida nas memórias das gentes. Talvez, dada a resiliência das águas em matérias de escala do mundo, geológica, sejam nas gentes que morrem o rio. Em todo caso, as praias

impróprias para o corpo de certa forma existem nesse entre. São paisagens, mas não comportam suas formas sensíveis. Estão lá, mas não são solo nem abrigo para nenhuma gente. São espaços-mercadorias, paisagens em crise e lugares moribundos.

A possibilidade da praia já está contida na água que corre e agrega. Ela é vislumbrada nos cantos dos rios, que cospem areia e oscilam água na planície. Que permitem o abrigo das gentes, o acesso ao sabor e ao alimento. Os rios, caminhos d'água com corpo e voz própria, testemunham modos de vida e morte. Se chegam ao mar, com força e férteis, podem fazer foz rica em mangue e possibilidade de trabalho, liberdade, pelas mãos de mulheres que se achegam a boca da família inteira.

Ao aparecer a praia de rio, água doce, horizonte finito ou infinito, cores escuras frente ao céu que se descortina azul, a própria essência da praia sussurra seus limites, suas possibilidades. A materialidade sensível da paisagem praiana se desdobra em outra vivência, alusiva ou fantástica não se sabe. O certo é que a água traz e leva o germe e a semente da praia em si. Constitui sua essência de maneira a brotar.

Já as águas que carregam veneno e esgoto, essas denunciam uma paisagem em crise. Crise porque se arriscam a mudar, resiliência em teste, mas não morrem. Quem se arrasta moribundo é o lugar diante da impossibilidade de abrigar as gentes. As paisagens se transformam, mas os lugares... esses deixam de existir com o fim das gentes a interagir, a lembrar. As praias, paisagens sensíveis, se transformam em lixões, desertos contaminados, coisas que nem imaginamos possível. Os lugares definham, desaparecem.

A praia, contida já na água, se exaure com os usos intensivos e destrutivos dos rios, nascentes e até do mar. Seus sentidos e significados se perdem com a expulsão das gentes que a desfrutavam, em trabalho ou adoração. A praia mercadoria não exige outra consideração além de atender as demandas do mercado enquanto produto que é. Não esfolia, revela ou faz sonhar gente alguma. Contida na água, a praia mercadoria é, muitas vezes, consequência da água produto e agente produtivo comercializável até secar.

As gentes sentem sede que não se basta no copo d'água. Ela invade os poros, a pele, o estômago. Ela faz do desejo gritante na garganta prenuncio fértil em sonhos e fantasia. A sede move as gentes, corpo na paisagem sensível ou fantasia no corpo seco.

A sede move ou mata.

5. A cidade da partida ou das possibilidades do urbano seco

O chão duro de concreto ou de asfalto na cidade é um sustento ainda mais instável que a maleabilidade da água líquida. Ele é incapaz de ser solo para imensidão da existência de cada um de nós, sendo ao invés limite. Os limites da ordem urbana conduzem o cotidiano na cidade, nossos corpos e almas, chegando a definir a moldura total de nossas vidas. A transgressão, então, se torna estratégia de sobrevivência sensível.

O horizonte da cidade visto das serras que contornam seus limites se perde na coloração desbotada e pastel das construções vistas de longe. O próprio céu se tingue dessa cor. Uma de nossas maiores criações, fumaça de gases concentrados e material particulado, entra no corpo fedendo e nos tornando alérgicos à vida. Olhos ardendo, espirros e gargantas fechando, reações da pele que coça e arranha: um sentir que pede socorro, pede o desligamento imediato da conexão inevitável com o mundo. Dos mirantes das serras que contornam a cidade, as construções, as ruas e prédios e o próprio céu urbano parecem se mesclar e dissolver em um grande nada. O burburinho das sirenes e dos estampidos se torna testemunha da vida que pulula nas construções vistas a distância. Sabemos que há vida, uma vida urbana regradada por suas geometrias, temporalidades, materiais e permissões.

A cidade vivida por dentro tem seus significados. Desvendá-los permite a compreensão da matéria na qual estamos sendo feitos, das suas repercussões e ecos no nosso corpo e pensar. A vida é tanto o impulso desperto e orgânico no qual somos tecidos, como a maneira que habitamos esse mundo. A vida e o espaço se mesclam de forma inescapável. Somos espaço sensível em carne e sangue, o tempo todo imergidos no mundo. Sugamos nossa vida do espaço, extraímos do próprio mundo. Introduzimos o mundo em nós para que possamos ficar mais um dia consciente, mais uma hora e mais um minuto. A imersão no mundo nos regra, o cotidiano nos domestica. Não considero essa troca inevitável da nossa existência com o mundo inofensiva. Vivemos essa conexão sensível segundo as possibilidades e limites que o próprio espaço nos oferece.

Os limites do urbano se enraízam nos corpos que o habitam. Não são fronteiras expansíveis, mas ordens rasas. Cássio Hissa, geógrafo, afirma que "o limite estimula a ideia sobre a distância e a separação" (2006, p. 34). Os limites do urbano determinam, distanciam e separam. Não apenas seus componentes visíveis e tangíveis, que são rua, praça, casas e prédios, avenidas etc., mas o que está nisso e, além disso: na abstração do olhar, nos sentidos urbanos. Sentir o urbano a partir do corpo consciente é experienciar

com os pés, mãos, estômago atentos. É entender suas mensagens sensíveis, seus significados. A desatenção à vida urbana cotidiana repercute na mera assimilação dos seus limites, na transposição impensada das suas regras para o próprio corpo.

A cidade é feita em traçados lineares de asfalto, em retângulos habitados de concreto, vidro ou azulejo decompostos em polígonos menores, nas linhas eretas dos postes interligadas pelos fios que se esticam metros acima das ruas. Quadrados, retângulos, triângulos, círculos. A cidade é arquitetada nas linhas retas e nas curvas proporcionais e previsíveis. A ordem urbana é geométrica. Suas medidas são calculadas antes mesmo de serem erguidas. Ela diz em meios aos números pré-determinados: seja legível. Seja legível em formas esperadas, em linhas retas e claras.

A racionalização das ocupações nas cidades, dos corpos e das mentes dos cidadãos, já é bem conhecida na história da humanidade. Os romanos, durante a república e o império, impunham um padrão urbanístico constante e uniforme nas cidades que conquistavam (SENNET, 2008). “A geografia do espaço romano disciplinava o movimento corporal e, nesse sentido, conduzia à regra de olhar e obedecer, que estava vinculada de forma intrínseca ao *diktat* olhar e acreditar” (SENNET, 2008, p. 122). O processo de dominação dos povos pelos romanos incluía a reconstrução do espaço segundo os padrões geométricos romanos, com claras intenções sobre a dominação dos corpos e das mentes dos cidadãos. Atentar para o apelo corporal que viver em ruas e prédios de geometrias simples acarreta é parte da compreensão dos significados de se habitar a cidade.

Contrapondo as formas do urbano temos as transgressões do orgânico. Quem já se atentou as caminhos e formas que as árvores fazem? À riqueza de configurações complexas? Seus troncos que se entrelaçam e expandem em uma profusão de folhas e flores e frutos. Até essas formas, que se distanciam da ordem, estão ameaçadas.... Quando não são meramente podadas em função dos limites claros dos fios que caminham acima das ruas, são completamente derrubadas. Na ordem urbana, admitem-se árvores de fácil controle.

A ordem urbana é compreensível em sua ausência de espontaneidade. Rua alguma se move como o serpentear de um rio meandrante... O espontâneo é transgressão. É uma espécie de incomodo que aprendemos a esperar com armas em punho e a combater no momento em que surgir. O urbano sinaliza para quem vive: seja legível! Combateremos sua espontaneidade até que sobre apenas tédio, previsível. Seja legível nas determinações preconcebidas das suas roupas, cores, afeições, do que usa nos pés e nas orelhas, no que carrega nos braços. Nos seus caminhos e locais, nos usos que faz do espaço.

Na cidade, é permitido o caminhar geométrico. Ele é dado nas formas das ruas, das passagens para pedestres, nos caminhos demarcados nas gramas dos jardins. Os passos demonstram para quem tem tato para sentir: tenha uma direção! A cidade cresce tentando furar o ar. Para cima se torna uma de suas direções preferenciais, seguida pela verticalidade das habitações, monumentos e postes. Pela verticalidade da vida no corpo humano, que valoriza a cabeça como lugar primordial da mente.

O céu, espontâneo e incontrolável, é pouco a pouco eclipsado pelo corpo dos prédios. Quem se hipnotiza vendo as nuvens passarem se a tela agora é estática e preenchida por figuras geométricas? Nem a noite é possível ver o disparate da desorganização das estrelas, pois os corpos geométricos permanecem iluminados ocupando em matéria o noturno do céu. Antigo passatempo é esse de buscar formas inusitadas e fugidias no céu. Agora o sentido é estático e geométrico. O que isso nos diz sobre nós? Qual sentimento encontra reverberação ao olhar para cima agora?

Regulando os tempos em função racional, a ordem urbana não permite a ninguém ter seu próprio tempo. O mistério dessa força que nos regula é abafado pela sua contagem. Dividir precisamente o tempo em uma máquina de engrenagens cujo único feito é correr em círculos nos distrai da desordem que é viver sempre em todos os tempos possíveis. Quem ainda acredita que haja alguma diferença entre as ditas três modalidades de tempo nunca se atentou ao viver, a si. Tudo é o mesmo. Não existe divisão. Apenas atenção. Nunca atentou para os seus tempos próprios, intimidade que nos define.

Os sons urbanos são desproporcionais ao fôlego, criados no vibrar material para gritar. Tudo grita. As sirenes, as máquinas da construção, as buzinas, as batidas, os alarmes do privado... A constituição do sonoro no urbano é uma nuvem de barulho. Ela permanece ao fundo, gritando abafado, mesmo no meio da noite. Às vezes, é música. Ela grita para quem tem ouvidos: se apresse! Serres (2001) nos diz:

(...) a sociedade produz um ruído colossal que está de acordo com ela, o rato das cidades se distingue do rato do campo por estar imunizado contra esse ruído. Nossas megalópoles ensurdecem: quem suportaria este inferno sem desfalecer se não contasse com a equivalência entre o grupo e o barulho? Fazer parte de um consiste em não ouvir o outro (SERRES, 2001, p. 105)

Furando a nuvem de barulho, a melodia aguda dos pássaros, o farfalhar do vento nas árvores, o barulho da água que cai e que abafa. Às vezes, desejamos a paz da tempestade porque ela silencia a nuvem de barulho urbano. Os barulhos que furam a nuvem urbana de sons são transgressões de fronteira, são expansões libertadoras.

As áreas verdes urbanas são controladas e formatadas. Às vezes, desmontadas e remontadas. Nelas, intenta-se a ordem. Procura-se conter o expansivo em limites claros. Daí a necessidade de manutenção constante...

A ordem urbana quer apagar a água. A água em sua fluidez característica é considerada uma ameaça à ordem. Os rios, riachos, córregos estão contidos em enquadramento lineares e estáticos. Conter aqui não abarca a sua singularidade, mas limita e encaminha. Momentos em que o rio enche e se espraia, conforme sua própria dinâmica milenar, são temidos. A frequência desses momentos não leva ao reconhecimento e a compreensão dessa dinâmica incontrolável enquanto houver água, mas a uma exortação pela tolerância à tragédia. Aprisionamos as águas nos subterrâneos invisíveis que não as contêm e transbordam, porque as águas são uma imersão expansiva.

Parte da nossa cotidianidade nessa região particular do mundo da qual falo, caracteriza-se pela imersão diária na água que limpa. Corre, banha e se vai para subterrâneos que não acompanhamos. Parte de quem somos está no contato diário do nosso corpo com a água. Mas não mais mergulhamos na água viva... todos os dias. O desejo, porém, é tão latente que é frequente escutar sobre a necessidade de um mergulho em águas de cachoeira ou de mar para limpar de verdade. Limpar das coisas ruins, do cansaço, para se renovar. É vitalidade molhada, limpeza profunda.

É da essência da água a maleabilidade que nos contém e convida. Quando a água é esgoto, a imersão é sempre um envenenar. É insuportável para o corpo e, logo, não mais pode ser considerada água.

O urbano elimina a água, da vista, do tato, da audição. Retira da experiência a capacidade de imersão em profundidade, de estar contido e envolto de carícias pelo espaço. Retira da experiência o convívio corporal com as surpresas que estar imerso guarda.

A geometria simples, as contagens determinadas, a previsibilidade e o controle são formas simplistas de se embasar toda a sociedade e a vida. Essas formas parecem resolver as grandes questões da nossa existência, mas elas só nos cansam numa exaustão labiríntica. Nunca vão satisfazer nossa profundidade. Mais do que isso: esses sentidos saturam nossos corpos, adentram nas nossas profundezas e as colocam em regras. Em pouco tempo, pensamos com o tempo urbano, com as linhas e formas simples do urbano... Pensamos e vivemos rasos. Nas superfícies. Aprendemos com o corpo que se desloca todo dia que o

subterrâneo é água morta e suja. Nossos subterrâneos se esgotam. Tentamos domar as ocorrências selvagens, dar espaços limitados para que ocorram.

O urbano é sentido e exprimido na cidade, mas também se configura como característica quase fundante das pessoas cidadinas. Quanto dos espaços em que existimos cotidianamente são nossas criações singulares e expressivas? Algum? Quantos reverberam quem nós somos, singularmente?

Existem outras formas para nós?

Os limites urbanos estão dados nos traçados tangíveis, mas repercutem em todos os sentidos. Nas dores do pé à cabeça. "O limite pode ser transformado em muro mas, também, pode ser apenas uma insinuação" (HISSA, 2006, p. 39). Transformado em muro, ele se torna exacerbado. Faz-nos encarar tudo o que somos, pois não podemos o trespassar e nem ele a nós. Exacerbado, chega a ser matéria de desvios e conexão com desejos mais fortes. O muro, enquanto mera impossibilidade que é, nos faz ser mais profundos. Os muros urbanos desafiam os espíritos inquietos. "Mas o que são os muros senão interfaces disfarçadas, camuflagens de espaços mais amplos, insinuações concretas para reflexão sobre a liberdade ou sobre a transgressão libertadora?" (HISSA, 2002, p. 41).

Quando o limite é insinuado, porém, adentra os poros. Insinuação não deixa de ser tangível. A ordem do urbano não é uma sugestão. Ela é violenta e precisa. Ataca o corpo, a mente e o coração. Ela berra com toda a força e o tempo todo na nossa cara, exaurindo até o ser mais sensível e forte. A ordem do urbano ganha pela exaustão dos que a tentam combater.

O corpo que se move no urbano é facilmente cansado. Pelos barulhos, a velocidade, o ar que respiramos. Ele se desgasta em um sofrer lento e inexorável. Procuramos, então, fazer remendos. Remendos no estômago arruinado, no espírito que se recusa a levantar da cama.

Quando a experiência do urbano te diz para ter uma direção, se apressar e ser legível, o que ela realmente te fala é seja controlado, controlável. Não se demore em canto algum, nem mesmo em você. Não crie, não sinta; se possível, prenda a respiração. Apenas passe. Passe pela rua, pela avenida, pela cidade, pela vida. Na contramão dessa exigência urbana, estão as resistências. As resistências que se demoram.

Parte de ser urbano hoje é ter que gritar sua existência peculiar, ter que alterar as formas, linhas e cores dos prédios, das ruas e das latas de lixo para que também elas nos

contenham. Ser contido pelo espaço é poder se ver nas materialidades que o manifestam. Sentir que sua existência, profunda e suave, se reverbera nas ruas e é vista e sentida.

O corpo sensível e consciente faz do urbano lugar de crescimento. Aproveita-se dos barulhos, se apropria e trabalha. Usa os caminhos como chão para suas pernas em danças próprias. Danças que o corpo cria a partir dos movimentos quase automáticos da cidade. Pinta o urbano em imagens de espraiamento humano, atentando para cada aspecto em deslumbramento. Mas mesmo isso é cansativo. É preciso um passo maior, um mergulho mais fundo.

Os muros do urbano seco se pintam de sereias, inúmeras, coloridas, magras, gordas, na água, em mergulho. São como os olhos do mar nos observando secar e esconder suas fontes, ignorar as águas que jorram. A promessa de sereia do mar, sedução mortífera, doce onde a água é salgada, se inverte: se faz salgada onde antes era doce, árida, morte por repulsão. Roberto Drummond (1988), escritor, já evidenciava o desejo: seus personagens, loucos com o mar, sofriam em Belo Horizonte uma sociedade para seus adoradores. Mas lugar que sofre o mar, como seus amantes, ainda não atentou para suas transgressões.

Transgredir é tanto a ação humana de exceder ou atravessar os limites, quanto a ação do mar de superar as suas próprias linhas litorâneas e molhar mais a costa. São dois movimentos nos quais se principia o caos, essa ordem que ainda se configura como desordem para nós que não a explicamos. É o início de algo imprevisível, justamente por enunciar novas (des)ordens. É também por isso uma espécie de movimento libertador. Embora possamos desejá-la e trabalharmos para que ela aconteça, é da sua própria natureza não ser precisa, certa ou facilmente induzida.

A transgressão está na essência da vida sensível no urbano, sendo às vezes a mesma transgressão do mar na cidade. Quando o mar inunda a ordem urbana distante sem a previsibilidade do afogamento, sentimos o inusitado libertador como se fosse uma brisa, refrescante e prazerosa de carícias. A brisa do mar se espraia como um convite, um chamado ou mesmo uma invocação. Se para o mar ou para transgressão, ainda não sabemos.

Foi em 1989 que o Grupo Galpão, companhia teatral do urbano belo-horizontino, se articulou na primeira expressão praiana nas praças: “Queremos praia” contou com aproximadamente 40 artistas a curtir em trajes próprios essa paisagem imaginária

(MELO, 2014). Nesse sentido, Thálita Melo afirma ainda que “elementos cotidianos do banhista se transformam em cênicos, reforçando a ressignificação desse espaço, antes praça, vivenciado e reivindicado como praia” (MELO, 2014, p. 24). Nesse que foi talvez o início bem tímido de um movimento que em alguns anos tomaria o contorno das centenas de pessoas unidas curtindo praia em pleno centro da vida urbana.

O inusitado que refresca e liberta é uma das características da transgressão bem-sucedida. Também a compõem a inspiração de novas ideias, o envolvimento do corpo e o rompimento de velhos limites com aberturas em potencial, que chegam a renovar o que já estava posto. É preciso, portanto, ter em mente as transgressões quando pensamos ou experienciamos a vida urbana para além dos seus limites.

A transgressão do mar surpreende o limite da costa. O limite, porém, está assinalado pelos olhos que entendem uma diferença do que é o mar e do que é a costa. "É abstração do olhar. É inquietação da visão" (HISSA, 2006, p. 23). O mar não compreende que é limitado a estar onde está; antes, o limite do mar é ser mar. Mesmo que esteja adentrando o continente além da costa.

Os limites do mar, das árvores, dos rios e do céu são antes abstrações do nosso olhar. Porosos, se assemelham a fronteiras. A fronteira "(...) está *voltada para fora* como se pretendesse a expansão daquilo que lhe deu origem." (HISSA, 2006, p. 34). As transgressões do mar e das árvores são transgressões de fronteira, de expansão. Assim como as transgressões sensíveis no urbano.

Em 2007, temos novamente uma transgressão de mar no urbano belo-horizontino. Thálita Melo (2014, p. 29-30) nos conta:

Seria uma manhã de domingo comum para um ser litorâneo brasileiro, adepto à faixa de areia. Contudo, trata-se de uma intervenção urbana proposta e vivenciada pelo coletivo [Conjunto Vazio] em Belo Horizonte, que – assim como o *happening* Queremos praia do Grupo Galpão – ocupou um espaço no centro da cidade mineira, ressignificando-o com seus corpos vestidos (e libertos) para a paisagem imaginária frente ao mar.

A paisagem praiana imaginária aqui se revela no corpo que ousa. Para Bachelard (1989, p. 18), imaginar “é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”. Da mesma maneira, essa regressão vai além das imagens já guardadas. Ela canta uma realidade, seduz, convida. O chamado, seja ele para o mar ou para a transgressão, se espalha no urbano como uma brisa marinha. Sensibiliza a pele e permite que o sol quebre mais diretamente no corpo, queimando.

Foi em 2010 que a praia ganhou força (MELO, 2014). Na controversa das leis urbanas que tentavam impedir o desfrute das praças pelas gentes, a transgressão fez mar e revolta. Centenas de pessoas em seus trajes de banho, protetor solar e bebidas se lançam ao sol e a água das fontes nesse movimento de vivência da cidade que ficou conhecido como *Praia da Estação*. Por alguns anos, as praias foram frequentes, aos domingos, reunindo amigos e desconhecidos num desfrute improvável e, à primeira vista, sem lugar. A praia chega do interior animado das gentes e ganha forma e força na intersubjetividade. Paisagem imaginada em conjunto canta a realidade.

A presença do mar no urbano seco é sensível nos encontros na praça, nos muros e suas imagens pintadas, nas vozes que compõem narrativas espontâneas. O mar é voz nas minas gerais, onde o relevo em meia laranja se estende no horizonte de maneira quase oceânica. A experiência de um urbano sem mar não é de ausência. O chamado ecoa e tem força. Do significado da ausência, Carlos Drummond (2015, p. 21) já revelava:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

A praia que se presentifica aqui é feita pela ausência da paisagem, mas contida num interior expressivo, lugar de exposição, diversidade e transgressão. Os corpos que pintam essa paisagem imaginária fazem lugar temporário no centro urbano que grita, o tempo todo, às vezes apoiado por leis, que as gentes não se demorem no desfrute da rua - ou da praça.

O simular a praia, espaço de possibilidade de imersão, é um convite para a transgressão do mar. Ele espreita na impossibilidade da presença que chega de fora e é completado pela vivência que chega de dentro. Ele sinaliza um desejo tão grande que já nos reunimos para esperar. Esperar agindo pelas mudanças necessárias no urbano para que nos contenha, nos surpreenda, nos extrapole. Aqui, o que salga o desfrute e a água na praia é o suor das carnes que brincam. O cheiro de centenas de pessoas suando juntas no sol que racha a pele, na água das fontes que jorram fazendo mar no ar molhado e volumoso e carregam o sal do suor para o chão da praia. É certo dizer que os saberes a que chegam

as gentes da praia permanecem nas trocas em conversa, festas e rituais, mas também nos músculos e articulações do corpo. Nesse sentido, transparece onde as gentes querem e sonham.

O mar que chega no urbano seco é um convite, um chamado, uma invocação, que está ancorada na intimidade de nós mesmos e, de repente, nos rasga, nos desvela e revela. O fulcral de estar vivo, mistério exposto, abriga pela honestidade crua. E de repente não mais estamos limitados pelas direções acertadas, tempos contados e corridos, explicações rasas para o que estamos fazendo aqui. Estamos dançando, cantando e extrapolando contingências, estamos vivendo fantasias e uma grande festa.

Tentar compreender as experiências de praia a partir de um lugar distante do litoral não é, ao contrário do que já escutei, uma incongruência. É atentar para novas formas de experienciar o mar e a praia que não sejam a partir de presentificações ordinárias. É extraordinário que, em uma cidade sem mar, exista uma intervenção em um centro de arte que estimule um espaço marinho através dos sentidos da audição, do tato e do olfato. Que uma intervenção pinte com sal em avenida movimentada a palavra *mar*, deixando a cargo dos carros, nosso próprio movimento “aquático”, a apagar (DIÁRIO DO MAR..., 2017). É extraordinário que uma manifestação cultural e artística, de resistência urbana, faça da praça uma praia. Que a experiência de mar seja composta não apenas pela visão e pelo virtual, mas pela voz que encanta. É extraordinário constatar que viajar para conhecer o mar seja uma prática valorizada enquanto uma experiência de plenitude de vida. É extraordinário que logo aqui, longe da costa, o mar esteja nas conversas ordinárias de esquina.

As lembranças do mar estão nos corpos e nas ruas. Nas canções. Nas transgressões. Aqui, do urbano de onde falo e penso, o chamado para o mar ecoa e escava a pele... O chamado para o mar é a própria transgressão libertadora. O mar que chega no urbano seco a partir das vivências, que corre o caminho oposto ao da viagem para o mar, é uma loucura da existência. Explode.

6. A viagem até o mar

A praia tem suas apreciações cotidianas, no desfrute, trabalho e adoração. Ela é também consumação do desejo do movimento, combustível em matéria de sonhos e querência de viajantes. Júlia Castro discute a viagem, esse fenômeno, em sua dissertação de mestrado e afirma que:

As viagens revelam uma forte tendência das mais variadas sociedades e culturas aos deslocamentos espaciais, o que nos faz pensar se seria possível refletir sobre as sociedades — especialmente as modernas — sem dar a devida importância ao nosso impulso em percorrer, adentrar, explorar e conhecer (CASTRO, 2013, p. 14).

A viagem é movimento inconstante no lugar que impulsiona as gentes à errância, com a previsibilidade do destino sabido de antemão ou não. Lança no espaço em concreto o desejo do deslocamento, da exploração. Do mundo ou do corpo próprio, não se sabe ao certo. É hoje um desfrute espacial bastante valorizado e almejado pelas gentes. Conforme afirma Júlia Castro (2013), difícil seria refletir sobre as gentes em suas interações próprias com o espaço sem pensar no forte impulso ao deslocamento que a viagem presentifica.

São inúmeras as maneiras de se viajar, diversas as finalidades. Muitas vezes, trazem em si a vontade da fuga do lar, do sossego da abstenção nas rotinas e compromissos que a vida devora. Contudo, a fuga nunca é completa. Pode ser distância ou afastamento, mas a vida que forma as carnes da gente torna impossível deixar de lado suas marcas. Nesse sentido,

A viagem, ao contrário de uma suposta errância permanente, parece estar vinculada à existência de um lar que não se abandona, mas que se deixa provisoriamente. Talvez, nem se trata de deixar provisoriamente o lar e, tampouco, de abandoná-lo: o sujeito-movente, errante, carrega consigo a sua memória, a sua história, o seu lugar, não importa onde esteja o seu caminho ou por onde passe a rota que fabrica com os seus passos (CASTRO, 2013, p. 18).

Para além do que a objetividade estéril evidencia, a viagem não se limita em deixar o lar em um deslocamento mais ou menos longo para depois retornar. Na viagem, as gentes carregam em si o destino antes da partida, disseminam sabor próprio do viajar sobre o corpo todo em deslocamento. O viajante dá e deixa mostras do lar por todo seu caminhar. A fronteira entre o conhecido e o desconhecido, o familiar e o experimentar é muito mais tênue do que se faz crer, ou desejar, a exploração espacial.

Quando os caminhos da viagem não instigam nenhum experimentar, nenhuma aventura — por mais singela que seja — ela pode mesmo deixar de se realizar. O processo de

deslocamento se faz com a desatenção dos alheios ao mundo, ou com a pressa que aniquila espaço e tempo. Nesses casos, “É o sujeito-errante que saboreia, e não o sujeito-pressa que, sem experimentar, deixa de conhecer e construir, com o outro, sabedorias” (CASTRO, 2013, p. 17). O saborear a viagem traz sempre consigo a possibilidade da experiência. As interações com o espaço que o corpo aproveita são de diversas em essências, podendo expressar paisagens ou até territórios.

A praia se fez presente também por meio da viagem. Não apenas como um destino pálido a que aspiramos ao nos deslocar. “Para aquele que viaja, o ato de deslocar-se constitui a expressão de um desejo” (CASTRO, 2013, p. 38). O desejo evidencia uma ausência que se faz sentir com ganas de possessão. Mas da ausência já temos notícia de Drummond (2015). É um estar em mim. O desejo que move em viagem a praia já tem si algo de presença. Em viagem, a paisagem praiana é descortinada antes mesmo da chegada ao litoral.

As praias atraem frequentadores diários, em desfrute turístico e sensível da paisagem. Assim como vender um espaço tem suas consequências e significados, expor o corpo seminu pelo prazer de vivenciar essa abertura compartilhada também. É a possibilidade dessa exposição, que deixa os corpos vulneráveis a leituras e, assim, à expressão de intimidades, que coloca uma proximidade entre o prazer de desfrute da praia e a sensação de se ter ali um abrigo. Faz-se, assim, concha à beira-mar.

Entretanto, existem, para além do solo de desfrute, àqueles que moram e trabalham na praia. Para eles, em suas inúmeras configurações trabalhistas, a praia é conhecida na cotidianidade, dando as possibilidades de movimento do corpo. O corpo habituado a exposição a essa paisagem é o corpo marcado de areia, sol e mar. A força própria do mar se introduz e se faz importante nas definições rotineiras, sendo uma vontade a ser consultada assim como a do próprio corpo. O corpo pronto para o trabalho no mar, livre, ainda assim é refém desse espaço, aquático, líquido. Além da interação inescapável do ser humano com o mundo, há aqui uma relação própria, que se desenvolve pouco a pouco, dotando essa paisagem de uma força sublime. Intimidades são perscrutadas e conquistadas na imensidão. As gentes se tornam irmãos do espaço, se tornam o fora-dentro do fora-nada da própria paisagem. De certa forma, há uma continuidade espacial entre a carne e o ar, a areia ou a água.

A identificação íntima com a praia, a continuidade carne-espacial, traz a abertura pela escuta atenta de suas mensagens, que vão além do sentimento-paisagem e adentram a

adoração ao sublime. Já irmãos, continuidade que se reconhece em carne-espaço, as forças que oscilam praia são também compartilhadas. Adorações sagradas.

Todas essas experiências de praia a compõem. Todas essas gentes fazem a praia. Junto a elas, temos mesmo àqueles que a vivenciam pela primeira vez. O mundo tem muito chão. Saindo da beira-mar, adentramos terra, mato, sertão. Nem é preciso ir muito longe para achar àqueles que nunca puseram o nariz no mar. Para esses, a praia é uma fantasia distante, quando não apenas um desconhecimento total, ignorância, vislumbres, desejo. Gentes que vivem em meio ao chão de terra batida, grama e mato, plantações e gado. Ainda assim, que sabem mais de água que àquelas que vivem nos chãos de asfalto e concreto. Para quem vive nessas distâncias de interior, em montanhas ou beira-rio, a praia pode ter sua atração de franja de mar. Deixar casa, levar lar, e sair em viagem é se pôr em movimento pelos espaços desconhecidos, saborear. Ver-se refém de paisagens, eclipsado pela inexorabilidade de suas entradas sensíveis.

Acompanhar o movimento do viajante rumo ao mar é adentrar no terreno das vivências de praia. Praia que é desejo, sonho, combustível. Viver praia pela primeira vez em percepção e sentidos é adentrar e expressar paisagem. Suas oportunidades sensíveis se estendem ao corpo, deslumbrado, em desejo. Muitas vezes, em gula dos olhos que viram apenas suas imagens em filmes, fotografias, pinturas. Ou em gula dos ouvidos, que escutam bravatas dessa paisagem em interação com a carne, músicas de alegria e samba. As gentes distantes se imaginam imersas na paisagem, expostas. O lar não contém esse corpo, que deseja sair. Deseja trilhar chão e respirar outras paisagens.

A atratividade das paisagens chega longe. A viagem é um movimento incontido. O desejo que a impulsiona sai do corpo que o contém na forma de um movimento próprio. Um movimento rumo.

Para adentrar as repercussões da viagem na pele, sigo agora para a história de Rodríguez e seus companheiros viajantes (CASANOVA, 2003). “*El viaje hacia el mar*” é um filme uruguaio, baseado no conto homônimo de Juan José Morosoli (1952).

O som do tambor repercute na praça cheia em festa nacional. As gentes, em suas roupas simples e boas, festejam junto ao palanque, onde autoridades da cidade fazem algum anúncio. A banda, em marcha, desfila ao soar dos tambores. Fanfarra. Um homem vende bilhetes de loteria em meio as pessoas que andam, as crianças correm e brincam. Outro

homem, que varre o chão, aproveita a batida dos tambores para criar o seu próprio, segue no cortejo acenando em diversão de menino.

A festa se adianta, com suas bandeirolas azuis e brancas, cores pátrias, cobrindo a rua de fora a fora. A fanfarra segue até ser barrada por um cortejo fúnebre. Morrer no dia pátrio, no dia de festa, comenta um dos nossos futuros viajantes, que lástima. É o vendedor de bilhetes de loteria, cujo amigo ao lado comenta: a morte não escolhe hora. Anúncio de um projeto de vida e morte, de início e término, de viagem. A cidade também se anuncia aí. Projeto de comunidade, que compartilha festa, mas também morte. Na caminhada que interrompe a fanfarra, homenagem singela das gentes, que prestam seu respeito com silêncio e resignação.

Já no cemitério, as gentes se dispersam. Resta um homem em posição de respeito. A terra remexida ao lado tem buraco cavado e exposto. O homem coloca o chapéu na cabeça, arruma as roupas e pega a pá. É o coveiro que presta sua atenção ao morto agora que todos já se foram. Enterra. Reclama, porém, da terra. Rabugice.

De volta a praça da cidade, as bandeirolas são retiradas. A festa acaba, as crianças brincam na rua. Um homem caminha com dificuldade na rua, efeito da bebida em excesso. Que vergonha, a senhora que passa diz, fazendo fiasco em dia de festa. Chega logo um caminhão e seu motorista para interromper o atrito. Rebocam juntos o homem que mal consegue se parar em pé.

O título que designa o filme não deixa dúvidas. A viagem para o mar. Mas o que essas gentes, viajantes nada característicos, pessoas simples que curtem seu cotidiano de vida e morte, tem a ver com o movimento incontido do corpo que logo deixa seus lugares rumo a um desconhecido qualquer?

Assomando na estrada vem um ônibus com a aurora. Os viajantes dormem, fumam, descansam o corpo abatido da viagem incômoda. O ônibus passa na estrada por trás do cemitério e vemos logo o coveiro respirando o fresco do dia ao sabor de chimarrão quente. No seu abrigo simples, cata um saco e tranca a porta. Despedida? Corpo que se põe em viagem? Já o vendedor de bilhetes da loteria se apressa em arrumação do corpo. Barba feita, roupas alinhadas. O seu saco já se encontra mesmo a porta. O varredor da rua, jovial em sua dispersão de movimentos de mão e perna, se despede da esposa e segue seu rumo.

O ônibus chega, então, a pequena cidade que amanhece. Dela desce um homem, vestes formais, maleta. Desconhecido a descer numa cidade tão pequena, sem nenhum atrativo

aparente. Apenas as gentes comuns, os homens de amigos fáceis, da diversão mundana, do trabalho. Nos diz a placa na estrada que a pequena cidade se chama Minas, no Uruguai. Que presentificação essencial que no Uruguai exista mesmo uma cidade chamada Minas, interiorana, lar das colinas verdejantes e das gentes que não conhecem o mar.

O viajante, esse sim rodado de mundo e chão, fumante copioso, afim de uma cachaça nas primeiras horas da manhã, misterioso mesmo, traz novamente o sopro de aventura e viagem. Adentra um café-bar, no processo de abertura, de onde realiza ligação de aparência importante como o tipo. Logo em seguida aparecem, um a um, as figuras que já acompanhamos: Rataplán, o varredor de rua e marido jovial, é o primeiro a se fazer visto. Sua interação com o viajante misterioso conquista mesmo um novo companheiro, inusitado, de viagem.

No bar já se comenta que vão sair em viagem. Acontecimento singelo e surpreendente. Rataplán conversa com o viajante misterioso: “é o que hoje é um domingo muito especial. Vamos viajar... Vamos conhecer o mar”. Quando o viajante, velho de estrada, questiona a qual praia vão é o que desconhecimento que caracteriza esses homens simples vai se tornar atrativo, inspirador. Rataplán: “Há mais de uma?”. O sorriso que modifica a expressão do viajante é o primeiro sinal de uma possibilidade de abertura. “A costa uruguaia está cheia de praias. Há praias de todo tipo... Praias com pedras, praias sem pedras... Praias... de areia branca, amplas... com dunas... ou então outras praias que são estreitas... grandes, mas estreitas. Há praias com ondas bravas, e outras que não tem nenhuma onda, são mansinhas”, diz o viajante calejado. Para Rataplán, que nunca viu praia alguma e não sabe mesmo onde ficam, essas imagens enumeradas diz pouco. Ele assimila e responde: “É Rodríguez que vai nos levar”.

Quem chega em seguida é o vendedor de bilhetes da loteria, Sete e Três. Logo atrás Quintana, o coveiro. Enquanto Sete e Três se achega logo a mesa e conversa com o viajante misterioso, Quintana permanece no balcão, circunspecto. Questionado se também não conhecia o mar, o vendedor responde: “Não, eu do mar não tenho nem ideia... nem ideia do mar”. O que move as gentes em direção a costa é vontade e desejo de conhecer, que domina o corpo e o movimenta, mas também a mobilização de amigos. O vendedor reafirma que quem vão levá-los é Rodríguez. “Ele diz que o mar é uma coisa espetacular, que é um fenômeno... Não sei. Preciso ver”. Da conversa regada a cachaça e empanadas da “patroa” de Rataplán, logo o assunto se direciona aos sabores do mar,

peixe e tubarão, que se disparata em seguida. Culpa da cachaça no estômago vazio que logo libera os homens em amizade e conversa?

Com o disparate da conversa, Quintana se zanga. Não é do seu feitio adentrar em conversa sem sentido, bate papo animado com desconhecidos. Em sua circunspeção característica, Quintana afirma: “Se Rodríguez chega a topar com um tubarão vai-se embora toda essa loucura que tem com ver o mar”.

Rodríguez chega com seu caminhão logo em seguida. Animado, se bem que mantendo sua postura de bravo, manda a todos que coloquem as coisas na caçamba. Vasco, o bêbado que caía na rua, fica no banco da frente, emburrado. Quintana, antes de subir no caminhão, questiona se a viagem valerá a pena. Coisa de gente desconfiada. Já o viajante misterioso observa da porta, fumando seu cigarro. Acompanha os três homens na caçamba Aquino, o cachorro de Sete e Três.

O viajante paga a cachaça, pega a maleta e garrafa e corre atrás do caminhão. “Acompanho vocês a ver o mar”, diz para os homens. “Para que se já viu?”, questiona Sete e Três. “Para ver como vocês o veem”, responde. O caminhão segue seu rumo até sair da cidade com seus homens simples motivados pelo fim de ver o mar.

Para o geógrafo Eduardo Marandola Jr. (2014, p. 8), “A viagem é, por excelência, este querer se desterrar para poder perguntar-se sobre si (sentido de descoberta que toda a história da literatura projeta)”. O sentido de descoberta parece dominar os viajantes, cada um a seu modo. A viagem revela as gentes, suas infinitudes essenciais, mesmo quando esse não é o objetivo explícito. Conhecer o mar, sim, mas no processo nós conhecemos esses homens. Compreensão que se inicia de imediato, nas trocas e conversas, mas que se intensifica no último olhar, à praia.

Rodríguez, para quem o mar é uma coisa fantástica e grandiosa, mobiliza seus amigos que nunca conheceram o litoral para que o acompanhe em viagem. Deseja compartilhar essa paisagem inusitada. Mas em seu afã, loucura, valoriza acima de tudo a conexão dos olhos, a fome da vista. O mar se apresenta como valor do ver, não do sentir, então. Morosoli (1952, p. 1) diz sobre o homem: “Rodríguez sentía pasión por el mar. Cualquier pretexto le venía bien para llegar a él. No era pescador, ni le atraía el baño en las playas. Le gustaba el mar para verlo y sentarse a sus orillas, fumando en silencio, viendo nacer y morir las olas en un callado gozo”. O gozo com que contempla o mar não é absurdo. Os

olhos têm fome de ver, hipnose prazerosa das ondas. A praia solitária, porém, rende mais introspecção que viagem. Daí a vontade de Rodríguez em compartilhar.

A cidade que fica para trás deixa suas tonalidades de verde e azul. A estrada é de terra, com os campos verdes fazendo seu entorno. As colinas seguem suaves a dominar o caminho que demarca a estrada. Na caçamba do caminhão, os homens conversam amenidades, sol que sobe céu ardendo a cabeça e o corpo ao sabor da cachaça que queima o interior. São apresentados um a um ao viajante misterioso, em seus ofícios singelos que compõem mesmo o ser desses homens. Enquanto Rataplán se diverte em seus batuques característicos, dança na cidade em sua coleta dos resíduos. Quintana desconfia de todos os prazeres dos homens, seus compromissos e vontades. Não vai ao bar, não tem cachorro nem mulher. “Para que?”, questiona. Sua vida é cuidar da morte, que desvaloriza tudo que não é puramente estar vivo, respirando em si próprio. “Querem melhor diversão que viver como eu vivo?”, diz demonstrando sua serena alegria de coveiro. Enquanto isso, Rodríguez e Vasco conversam. Rodríguez se revela uma espécie bucólica que valoriza o campo e seu ar, a praia e sua vista. Já Vasco debocha, em seu desprezo por tudo e todos. Reclama da velocidade, do campo, de tudo.

Rodríguez permanece tentando viver e fazer sentido na viagem, para ele fenômeno em questão. “Mas a viagem, o que chamamos de viagem, é o que fica para trás. E um dia você vai e conta a seus amigos, e aí, recordando, aí sim, vê tudo clarinho. E é até possível que lhe dê vontade de voltar”. Incontido, o corpo busca se mover em desejo por novas imersões. Desejar é antecipação carnal e imaginativa, mas também potencialidade sensual. Curiosidade de viajante é o querer ver mais de uma vez que move a si e aos seus. Desejar ver e sentir outro espaço que impulsiona o movimento até ter o corpo imerso em outras oportunidades sensíveis. Rodríguez, que já bateu perna sozinho e viveu a viagem somente ao retornar, agora deseja mais. Leva os amigos para que eles também vivam a viagem. Porém, parece se esquecer de quem são e esperar uma certa animação e deslumbre semelhante ao que sente. A viagem revela as gentes em suas marcas próprias. Nesse sentido, nos dá pista de quem é Rodríguez, na mesma medida em que o decepciona. As mulheres só aparecem aqui, nessa viagem de homens, nas conversas e imaginações. Por que não entram mulheres nessa viagem? Testemunhas de um tempo, ironia das ausências que pintam suas presenças em uma composição ideal. A primeira figura é a da “patroa”, que mesmo sem tomar parte no caminhão oferece um lanche. Nunca ela se esqueceu dos “amigos”. Logo em seguida, o viajante misterioso pergunta a Quintana onde

há mais flores no cemitério. Responde o homem: a área onde há mais flores é a das crianças, mesmo que não sejam precisamente flores e sim plantas de perfumes enlutados (sua essência alegre modificada pela morte); depois, na área dos homens, há menos flores, mas tem. Por fim, na área das mulheres “não há uma puta flor”. Os homens se reconhecem, assim, enquanto os bandidos (que exigem e roubam sem nunca pagar) que são. Logo à frente na estrada, um *outdoor* de uma mulher se estende ao largo. Os homens param para ver e comentar. Nessa segunda aparição da figura ideal, a mulher é branca, loira, em pose ousada e olhar perdido acima. Mulher cara, não é para gente trabalhadora, diz Rataplán. Essa mulher não existe, afirmam.

Os homens seguem em viagem, distraindo uns aos outros com as bebidas, as cantorias e as conversas animadas. A tentativa de fazer descer o viajante misterioso, descoberto por Rodríguez a pegar carona, é falha. Logo o motorista muda de ideia, não deixa o homem sozinho na estrada vazia. O viajante se revela um escritor, mas mesmo nessa explicação traz elementos fantástico que assombram e/ou irritam Rodríguez. Sua presença acompanha, mas nada revela para além da vontade de observar aos seus (antes deixa pistas suspeitas).

Para Marandola Jr. (2014), a vivência dos lugares está vedada pela maneira de se viajar hoje, em relação intensa com o turismo, e o que resta é a paisagem, enquanto um lugar-paisagem. Estar contido é próprio do lugar. O lugar é o espaço que em troca conosco nos contém em seu/nosso sentir. Viajar deixa acontecer um impulso por sair, se estender. Saímos também ao expandir a visão, querendo ver e nos conter em outros lugares. O corpo sentimos nesse movimento: desconforto em qualquer espaço logo adentra nossa sensibilidade carnal. Mas o agradável acontece também nessa porosidade, pois até debaixo de chuva e das roupas molhadas cantamos com bons companheiros num dia agradável. O que nos aquece é tão controverso: companheirismo e aventura; amor e liberdade. Nesse sentido, nos aninhamos na estrada, passagem fugidia. O lugar aqui é mesmo o caminhão, que estraga, é arrumado, se molha, esturrica, chega ao destino. Nele, os homens interagem entre si, com a paisagem sensível e, claro, com o próprio caminhão. Dessa maneira, encontramos um lugar também no trajeto. Nele, podemos nos expandir ou nos conter. Às vezes, o próprio trajeto percorrido a pé na poeira é o nosso lugar. Quem tem casa em lugar distante sente bem o caminhar (ou foge dele). O lugar, porém, é fugidio. Abrigo temporário frente a necessidade do movimento.

Quando finalmente chegam à beira-mar, se surpreendem com a cidade que encontram. As gentes em diversão brincam nas ruas, dançam, aproveitam o dia aberto em exposição e companhia. Não se conformam os homens com o que fazem na rua, onde estão aparentemente atoa, seminus. Usam roupas curtas, homens e mulheres, o que todos eles estranham e se divertem. São os balneários. A cidade a beira-mar, em suas permissões de desfrute, assusta os homens trabalhadores, que mesmo ao viajar cumprem uma finalidade, um objetivo. Para eles, esse lugar pitoresco pinta uma paisagem praiana a qual não têm acesso. São carnes de outra freguesia, parecem sentir. Aqui não há um lugar, nem sua possibilidade para os viajantes.

Após passar pelo balneário, finalmente os homens chegam a praia. Ainda não é possível ver o mar, porém. Essa praia, de areia, árvores e dunas gramadas que escondem a faixa de areia mais fina e água, se prolonga em um espaço anterior propício ao churrasco, à soneca. Os viajantes adiam o momento de conhecer o mar em favor de comer e descansar. Uma tentativa de prolongar a vivência conjunta do deslocamento, da viagem, posto que ela chegava ao fim? O mar como objetivo de viagem faz com que esta acabe por aí, podem pensar. Embora a presença inexorável do mar já tenha se feito sentir, desde o balneário, e mesmo antes na água que encontram pelo caminho e que segue seu fluxo vivo, ele permanece desconhecido.

Rodríguez, já irritado pela indisposição dos amigos de andar mais alguns metros para chegar ao mar, retorna sozinho para incitar os homens a se moverem. Já comeram, já dormiram... Não é possível, para ele, compreender por que eles não fizeram questão alguma de ver o mar. Na apreciação sensível da paisagem praiana, não há uma medida certa. Se Rodríguez admira o mar, contempla sem fim suas ondas, o mesmo não é verdadeiro para seus amigos. Trazidos até ali, não sabem mesmo o que esperar. Quando começa a viagem? Quando termina? Quando começa a praia ou o mar? Da expectativa do amigo para que os homens cumpram mesmo um objetivo, ver o mar, a ausência dessa vontade pode ser explicada assim: para os homens, não existe a receita da viagem, nem do desfrute da praia. “Como experiência, a viagem é uma criação ou composição que se equilibra no desejo, nos sonhos e na memória” (CASTRO, 2013, p. 41). Em viagem, as subjetividades se acentuam em seus equilíbrios característicos. Compõem receitas próprias. Rodríguez pode querer levar os amigos para ver o mar, mas não pode controlar como eles o veem. Os homens, viajantes, agem seguindo um desfrute anterior, dos momentos que tiveram na companhia uns dos outros.

Os mapas podem indicar localizações exatas, mas não dizem nada do destino de quem vive experiências. Falta mesmo um elemento fundamental nas cartografias convencionais, que é as gentes que vivem o espaço. O mundo só existe na vivência das gentes, corpo desperto, e da exatidão das localizações ficam apenas suas representações simples.

Assim, os homens se levantam e seguem em direção ao mar. A areia grossa misturada com a terra que suporta as árvores e grama dá lugar a dunas de areia de fina, arbusto secos. Os pés que antes andavam firmes, agora afundam no chão cristalino. O céu aparece com a agudeza do céu azul pipocado de nuvens brancas e fofas de bom tempo. A água do mar, verde escuro amarronzada, se quebra em ondas na areia branca. Já a superfície da água segue em reflexos azuis até o desalinhamento do horizonte.

Os homens param a observar. Com força no olhar, parecem desejar sentir ali a validade da viagem. Nas expressões, vemos afirmação, deslumbramento, pesar e até indiferença. Um a um, Rodríguez, para quem o mar é mistério, um não saber explicar, questiona seus amigos sobre o que acharam do mar. Afinal, ele trouxe os homens para que o conhecesse.

Sete e Três se impressiona com a quantidade de água. Água e mais água. Como se fosse terra, mas é água. Vasco, agachado, se encanta com a areia, que pega nas mãos e lança no ar. Quando perguntado por Rodríguez, logo afirma que o mais lindo sobre o mar é a areia. Pois ela não parece areia, mas é. Areia branca, tão fina e suave em sua agudeza sedutora. Quintana segue a observar o mar, água que não acaba, sem compreender para onde corre. Mar que se espraia, não corre. Uma coisa parada, o mar. Fúnebre, morto. Para o homem, a morte é interminável. Outra perspectiva que se abre para Quintana, que vive enterrando as gentes. Já Rataplán, esse que adora a diversão do corpo em movimento e música, para ele o mar não parece grande coisa. Mar que não é imaginado. Não assim, sem barcos. Mar sem barcos visíveis não tem graça.

Rodríguez se irrita com os homens. Que animais! Não sabem mesmo admirar o mar, ou viajar. Na sequência, os homens se movem em início de desfrute. Enquanto Rodríguez se joga na água, Sete e Três, Vasco e Rataplán brincam na areia a dançar. Quintana segue em direção a água, num arremedo de banho, mas apenas molha os pés. Sente falta da cidade, diz. Frente ao mar, parado com os pés descalços, assume sua posição de respeito frente aos mortos que enterra. Chapéu retirado da cabeça e seguro no peito.

A decepção de Rodríguez contrasta com a quietude observadora do viajante misterioso que, após presenciar a cena, se coloca em saída. Os homens se expõem em suas sensibilidades próprias e, aí, não há surpresa. Mesmo sem a admiração exigida para com o mar, sentem suas infinitudes essenciais, de praia visível e invisível na morte. Quem se preocupou o tempo em todo em seguir uma receita e, por isso, foi impedido de apreciar os caminhos e companhias no que eles eram foi Rodríguez. A introspecção que o mar permite não perde em nada para vivência alegre e compartilhada da praia, desde que essa não seja uma obrigação do olhar.

Marandola Jr. (2013, p. 4) argumenta que “na impossibilidade de experiências de lugares, temos viagens por paisagens, orientadas pelo sentir e pelo querer na sociedade contemporânea”. Para o autor, o que a viagem recupera é a própria conexão originária dos seres humanos com o espaço no qual são existências carnis.

Esta é a paisagem do ser-no-mundo, que, ao sentir, experiencia nossa relação originária com o mundo: como seres terrestres. A força não está no ver, no enquadramento da fotografia, no mirante bem arranjado, no foco que desvia o olhar do que não quer ser mostrado: a força está no sentir esta relação originária (MARANDOLA JR., 2013, p. 6).

Talvez o lugar se conquiste através da sedimentação da paisagem no corpo, seja em retorno da viagem ou na aceitação do corpo exposto. A viagem é deslocamento incontido do ser que se movimenta e se abre nesse processo. Quem se contém em si não viaja. Viajar em conjunto rumo a um espaço de oportunidade sensível é saber contar quantas sensibilidades diferentes percorreram o caminho até o mar; quantas subjetividades contém o mar... é saber apreciar a diversidade que se revela na praia.

A praia permanece, mesmo quando a paisagem já é outra. Corpo curtido de praia é testemunho da penetração do mundo na carne. O espaço curte a carne humana. Erode e intemperiza, soergue e escava; faz brotar água e ondular pele, atrita e parte e, por fim, quebra. Dizer que existe uma vulnerabilidade profunda na pele, através da qual o espaço se entranha, não é metafórico. É uma descrição da realidade corporificada humana crua. As emoções nunca serão meras ficções. São transformações físicas, alterações da espacialidade sensível em que existimos. Assim também adentra e transforma o corpo estar em imersão ou interações com outros espaços, não cotidianos. O significado da viagem nunca foi tão violento.

Viajando em conjunto compartilhamos experiências, mas nossas subjetividades e imaginações são parte ativa também da exigência da presença pelo mundo. O

desconhecido amigável nos contém melhor que o conhecido espinhoso. O percurso é também imersão no movimento deslumbrante do tempo-espaço, em que as coisas, as pessoas e as percepções vêm e logo se vão. Da abertura ao mundo, permanece algo no corpo sobre esse movimento.

O que permanece no movimento é nosso ser, que é o que é e se abre, mas também nosso corpo contido em si, para não ir além. O que se abre na porosidade do corpo em movimento é transformado, o espaço é entranhado no ser. Daí vem o desejo pela aventura e o prazer pela estrada percorrida. Vem de uma insatisfação em se conter em si, mas também da possibilidade de se conter em outro lugar.

A praia, aqui, inicia-se na imagem perpetuada pelo viajante misterioso, calejado de estrada, para quem nada é novidade. O seu desejo de viajar na companhia desses homens simples atesta uma possibilidade em si: da espontaneidade posta em paisagem apreciada. O que eles dirão, então? Enquanto Rodríguez, quem propôs e garantiu a viagem esperava apenas um assomo a que já se acostumara, o viajante misterioso se abre na possibilidade do inusitado.

A praia é solo para a apreciação do mar. Mas, mais do que isso, ela é dotada de características próprias que podem ser desfrutadas por si. Na praia, as gentes se revelam em suas corporeidades diversas. Corpo, que é também alma, consciência e espírito. Corpo que é um ser completo e diverso. A praia é franja d'água a perder de vista. A água tem seus ritmos e sentidos próprios.

Na impossibilidade de adentrar o lugar praia, seus ritmos e aberturas, as gentes se revelam na exposição da paisagem. A viagem, enquanto movimento incontido, contrasta a espontaneidade com o esperado. O inusitado acontece na vivência íntima, em vontade e presença, das companhias e paisagens. Por fim, a praia aqui é interior por comportar as subjetividades próprias a cada gente, expostas, mas também por se entranhar nesses corpos expostas, em imagens, sentimentos ou impulso para viagem. A praia permanece no corpo mesmo após superada a paisagem que o levita.

Marandola Jr. (2014) afirma: “É pela paisagem que inicialmente nos relacionamos com os lugares, e é por paisagens que nos deslocamos. Antes do lugar, vem a paisagem, mais original e constitutiva, antepredicativa, a paisagem é o tecido originário de nossa existência, enquanto forma própria de relação homem-terra” (MARANDOLA JR., 2014, p. 12). Entretanto, o que permanece no corpo após a viagem, após a paisagem, é ninho, é

concha. É canto de mundo. O que permanece no corpo é o lugar. E o lugar pode ser compartilhado na intersubjetividade da realidade, mesmo quando a paisagem é ausente. Para isso, só precisa a vontade subversiva, a transgressão, que não é domínio nem exigência. Forçar vontade é intransigência de poder, e assim não faz casulo. Já a vontade subversiva faz praia mesmo no urbano interior e seco.

A viagem até o mar presentifica a praia no desejo e no movimento, antes de chegar propriamente ao destino. Quando a paisagem se descortina sensível, a viagem vivida já contém suas experiências íntimas. A praia reforça os conteúdos subjetivos das gentes. Ela se faz mesmo na intersubjetiva que a compõem na doação da sua objetividade.

A praia permanece nas gentes que viajam no seu desfrute. Ela se entranha e modifica, carne e espírito. Torna-se lembrança, composição, oportunidade, testemunho de possibilidade. Ela revela. Faz ver que a praia interior, essa que permanece com o afastar da paisagem sensível, pode explodir em qualquer lugar, no encanto da imaginação que faz realidade sonhada no compartilhamento intersubjetivo.

A viagem é um movimento incontido que nodula lugares na paisagem por meio da experienciação íntima que só a vulnerabilidade do corpo permite. Já a praia, essa é composição intersubjetiva, das gentes em desfrute. Ela expande e permanece.

III

—

**DO COMPOR: UMA LEITURA
SENSÍVEL**

7. Compreender a beira-mar sob orientação fenomenológica

As diferentes formas que a praia se presentificou durante a pesquisa foram descritas aqui. Partindo da vivência perceptiva da praia, inicialmente descrevi as experiências de desfrute, trabalho e adoração. Em seguida, as presentificações menos óbvias da praia, em uma manifestação da água que corre até o mar, do corpo em festa e da arte no urbano interior e seco e, por fim, na viagem. A composição dessa leitura sensível teve inúmeras orientações na fenomenologia.

A fenomenologia é tanto campo de desenvolvimento de reflexões filosóficas quanto um fecundo método científico, podendo ser utilizado pela geografia. Em ambos os casos, tem uma tarefa clara. Bachelard apresenta essa tarefa da seguinte maneira:

A tarefa dessa fenomenologia não é descrever os ninhos encontrados na natureza, tarefa positivamente reservada à ornitologia. A fenomenologia filosófica do ninho teria início se pudéssemos elucidar o interesse que se apodera de nós ao folhearmos um álbum de ninhos, ou, mais radicalmente ainda, se pudéssemos reencontrar a mesma ingênua admiração com que outrora descobriríamos um ninho (BACHELARD, 1978, p. 258)

Bachelard (1978) compreende a fenomenologia como uma descrição dos sentimentos e sensações que o mundo provoca em nós na interação inexorável do corpo vivo, consciência desperta. Enquanto preparação para uma postura aberta e porosa, as orientações fenomenológicas permitem a realização dessa tarefa.

O estudo filosófico me propiciou, ainda, uma compreensão das estruturas através das quais eu entendo o mundo, as pessoas, a vida, o conhecimento, o pensar, o corpo e até mesmo a morte. Essa elucidação é fundamental, porque estas são questões inerentes a qualquer pesquisa em geografia. Serres questiona a própria noção de geografia como ciência da grafia do mundo. Para ele,

Deram o nome de geógrafos aos que escrevem sobre a terra: a propósito dela, a seu respeito, somente, pois, nela, só os paisanos o fazem de verdade. Seria melhor chamar de geografia a escritura da terra sobre si mesma. Pois as coisas, resistentes, duras, agudas, elásticas, móveis, marcam-se, escavam-se, usam-se entre si. Nosso estilo, excepcional, utiliza esta propriedade geral. O que a terra revela é resultante do que deveríamos chamar de marchetaria recíproca das coisas (SERRES, 2001, p. 281)

A terra e o mundo, as gentes e as águas, tudo marca e é marcado em reciprocidade. A grafia da terra quem faz são seus viventes, matéria e corpo. Resta aos geógrafos descrever e refletir, tentar recuperar a ingenuidade inicial e o deslumbramento que a terra grafada

provoca. Assim, se a geografia é a terra escrevendo a si própria, eu, geógrafa, sou uma espécie de leitora. Enquanto consciência viva, sou também um fragmento do mundo se tornando consciente de si mesmo. Na minha leitura, sigo os caminhos de descrição dos sentimentos e sensações, das maneiras de interação com o mundo que o revelam no processo conforme orienta a fenomenologia. Em outras palavras, faço das reflexões filosóficas matéria importante no pensar e no fazer dessa pesquisa.

A fenomenologia é uma área da filosofia contemporânea elaborada por inúmeros filósofos desde o final do século XIX, tais como Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976), Edith Stein (1891-1942), Hedwig Conrad-Martius (1888-1966), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Jean-Paul Sartre (1905-1980), entre outros. Ela surge como uma crítica filosófica ao conhecimento e, em especial, à ciência. As reflexões desenvolvidas por cada um desses filósofos trazem suas próprias consequências em termos de orientação. De minha parte, me baseio nas orientações elaboradas por Edmund Husserl, considerado fundador desse campo do pensar por reunir de maneira sistemática a crítica científica e intelectual e refletir acerca de suas consequências para a produção do conhecimento.

Edmund Husserl, que nasceu em 1859 na região da Morávia, parte do Império Austro-húngaro e atual região da República Tcheca (DEPRAZ, 2011), começou seus estudos em cidade alemã vizinha, Olmütz. Sua predileção pela matemática se afirmou já então, ocasião em que não passava de um aluno displicente em todas as outras matérias (DEPRAZ, 2011). Posteriormente, estudou nas Universidades de Leipzig, Berlim e Viena. Foi nesta última que se inscreveu para realizar sua dissertação de mestrado, em matemática, sobre o cálculo de variantes, em 1881. Logo após, em 1884, passou a estudar com prof. Franz Brentano, que pensava então a constituição de uma psicologia descritiva, e que influenciou largamente o rumo dos estudos de Husserl em filosofia, na Universidade de Viena. Em 1887, Husserl continuou seus estudos em filosofia, porém inclinado a uma reformulação de questões matemáticas, na Universidade de Halle, onde conseguiu sua habilitação. Publicou em 1896, sua “Filosofia da Aritmética”, cujo subtítulo é “Análise Psicológica”, que escreve em volumes desde 1891 e ainda assim permanece inacabada (DEPRAZ, 2011).

É no período de 1900 até sua morte, em 1938, em universidades alemãs em que lecionou, que o filósofo elaborou suas ideias acerca da possibilidade de se compreender algo sobre o mundo e como fazer isso de uma forma rigorosa e válida, tendo um ponto de partida

sólido e confiável para todo o edifício do conhecimento. Ideias que constituíram os fundamentos da fenomenologia, que continuará sendo repensada e desenvolvida primeiramente por seus discípulos e posteriormente por outros.

Entre 1900 e 1901, Edmund Husserl publicou sua primeira grande obra, “Investigações lógicas”. É no tomo II, “Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento”, que iniciou sua filosofia fenomenológica. Em 1906, passou à docência na Universidade de Göttingen. Em 1907, publicou “A ideia da fenomenologia” (1986), criada a partir de curso ministrado nessa universidade, cujo objetivo foi clarificar para si próprio sua tarefa filosófica (HUSSERL, 1986). Husserl publica outra obra fundamental, em 1913, “Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” (2006). Nela, o autor discute a tese da *orientação natural*, sendo esta orientação relacionada ao *conhecimento natural ou normal*, que “começa pela experiência e permanece na experiência” (HUSSERL, 2006, p. 33), que tem como campo de conhecimento o mundo.

Por fim, Husserl se torna professor na Universidade de Friburgo entre os anos de 1916 a 1928, quando encerra suas atividades. Em 1929, realiza duas conferências na Universidade de Sorbonne, na França, que são posteriormente publicadas em obra única denominada “Meditações cartesianas” (2001). Nela, Husserl retoma as reflexões de Descartes, que acredita ser o maior pensador da França.

Em 1933, é impedido de acessar a Universidade de Friburgo devido às leis antisemitas, aplicadas durante o regime nazista. Desse ano até o de sua morte, Husserl se dedica a proferir conferências em Viena e Praga. O texto das conferências de Praga serviu de base para a redação de “A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental” (2011), publicada em 1936. Husserl morre em 1938, e tem seus manuscritos ameaçados pelo regime nacional-socialista. Seu assistente, Herman Van Breda, transporta clandestinamente suas obras até a Universidade de Louvain, em cidade belga, onde inicia o Arquivo Husserl (DEPRAZ, 2011). A maior parte de suas obras continua sem tradução do alemão até hoje.

Para o filósofo, o pensamento natural ou normal, da vida, e mesmo o da ciência não se preocupam com a possibilidade de o conhecimento atingir a objetividade a que se refere, sendo esta a questão orientadora do pensamento filosófico (HUSSERL, 2006). Para ele,

a filosofia é um assunto inteiramente pessoal de quem filosofa. Trata-se de *sua sapientia universalis*, isto é, do *seu* saber em busca do universal – mas de um saber científico genuíno, pela qual ele desde o

início se responsabiliza absolutamente em virtude das *suas* razões absolutamente evidentes (HUSSERL, 1992, p. 2).

A subjetividade na pesquisa fenomenológica é certa, uma vez que a possibilidade da evidência só é encontrada na experiência em primeira pessoa, imanente. Parte desse debate acerca da evidência já se inicia na sistematização que promove em “A ideia da fenomenologia” (1986), escrito na forma de cinco lições. Nelas, considera as possibilidades do conhecimento, o que define sua questionabilidade e se existe algum conhecimento indubitável: “mais precisamente, a possibilidade de como ele [o conhecimento] pode atingir uma objetividade que, no entanto, é em si o que é” (HUSSERL, 1986, p. 48).

Ao tentar encontrar um conhecimento indubitável, Husserl começa por duvidar de tudo, seguindo o exemplo de seu maior influenciador, René Descartes¹⁴. O que logo se mostra insustentável, pois existe algo que permanece não importa o quanto se questione o conhecimento ou a realidade. Se “nada há de seguro para mim, tudo é duvidoso (...) logo se torna evidente que, para mim, nem tudo pode ser duvidoso, pois, ao julgar que tudo é duvidoso, é indubitável que eu julgo e, por conseguinte, seria absurdo manter uma dúvida universal” (HUSSERL, 1986, p. 54). A consciência é indubitável, mesmo ao se questionar tudo e todos, pois ela é quem promove o ato de duvidar. Para Husserl, “é preciso, antes de mais nada, abrir – o que faltou a Descartes fazer – o campo infinito da auto-experiência transcendental do *ego*” (HUSSERL, 1992, p. 11). Lançar-se ao mundo no movimento de lançar-se a si. Desbravar o mundo conforme ele aparece a sua consciência, em contraposição ao desbravar o mundo simplesmente. Nesse sentido, “o ser no mundo não pode constituir mais um fato óbvio, mas somente um *problema da vigência*” (HUSSERL, 1992, p. 5). A obviedade da vida e a evidência da experiência imediata deve ser questionada, mas não em termos do seu conteúdo nem da sua realidade. Mas num sentido indagativo da consciência que interpela como a experiência se deu.

Husserl diferencia de imediato os tipos de conhecimento. O conhecimento intuitivo e imanente que é dado na vida cotidiana e natural, sem maiores reflexões, é o primeiro deles a aparecer, tanto na sua obra quanto no percurso natural da vida das gentes. Afirma o filósofo:

Enquanto homem radicado na atitude natural, como eu era antes da *epoché*, vivia ingenuamente no interior do mundo; em plena

¹⁴ Para mais informações, ver: DESCARTES, 2005.

experiencia, vigorava em mim, sem mais, o experimentado e, nessa base, eu levava a cabo as minhas outras tomadas de posição. Mas isto decorria em sem que eu para aí virasse a minha atenção (HUSSERL, 1992, p. 14)

O conhecimento intuitivo é aquele dado a partir da vivência imediata do mundo, seja através da percepção, da imaginação, da reflexão ou da dúvida. É o que acontece no momento em que acontece e o tempo todo. Se pararmos agora essa leitura e nos atentarmos a nossa vida: o que nossos sentidos nos revelam sobre onde estamos nesse momento ou o que sentimos nos dá a vivência imediata e intuitiva. Natalie Depraz (2011), estudiosa da obra de Husserl, diz:

Nem conteúdos, nem estados, nem atos da consciência, as vivências de um sujeito formam a textura imanente de sua consciência, pela qual é capaz de se apropriar dos objetos do mundo, recebendo-os a princípio em sua qualidade sensorial, material e sensível. Assim, falaremos de uma vivência de percepção, mas também de uma vivência de empatia, ou ainda de uma vivência lógica. Entretanto, uma vivência não é puramente interna à consciência, sem a qual permaneceria privada e não teria qualquer chance de alcançar a objetividade de uma verdade possível. (DEPRAZ, 2011, p. 21).

A vivência comporta, portanto, a percepção, o mundo em suas formas sensíveis, mas também a empatia ou a lógica. Qualquer tipo de vivência, porém, é dada em conexão com o mundo. Tem sua interação objetiva, que compõe com seus conteúdos intuitivos a textura imanente da consciência.

Edmund Husserl elabora a existência de duas formas principais de conhecer as coisas do mundo. Uma é dada a partir da vivência do mundo, é sentida na pele e é certa posto que está a nossa volta, na nossa frente. É a vivência imediata. Abro os olhos, aguçoo os ouvidos e vejo e ouço e assim conheço o mundo. É a imanência do mundo dada em doação as gentes, promovendo as devidas reações em termos de *conhecimento natural ou normal* do mundo. Essa existência caracteriza uma *atitude natural ou normal*. É a partir dessa forma de conhecer que as pessoas em geral elaboram suas ideias e vivem.

A outra forma seria a partir de um *transcender* essa imanência. A transcendência ocorre quando conhecemos sem estar imediatamente em contato com como as coisas são. Elaborações a partir dos conhecimentos adquiridos de maneira *natural ou normal*, através de recursos lógicos, indutivos ou dedutivos caracterizam inclusive a *atitude científica*. De maneira que:

Exprimimos o que a experiencia directa nos oferece. Seguindo os motivos da experiencia, inferimos o não experimentado a partir do directamente experimentado (do percebido e do recordado);

generalizamos, e logo de novo transferimos conhecimento universal para os casos singulares ou deduzimos, no pensamento analítico, novas generalidades a partir de conhecimentos universais (HUSSERL, 1896, p. 40).

A elaboração do conhecimento que a experiência direta oferece ocorre no processo *natural*, mas também no científico. O conhecimento das ciências da natureza, do espírito e da matemática é transcendente, posto que não é imanente. Vai além de forma a gerar uma dúvida sobre a sua correspondência: se o conhecimento vai além de si mesmo e atinge a coisa a que se refere. Para Husserl (1986), não há qualquer garantia de correspondência com as coisas do mundo nos atos lógicos, indutivos, dedutivos e generalizantes que caracterizam o processo de conhecer, inclusive científico, de maneira que a utilização desses recursos gera apenas construções ideais sem apoio na realidade. A evidência, portanto, não se encontra em um pensamento bem construído, mas na sua correspondência com as coisas do mundo. Ou seja, o que a ciência afirma sobre o que é a luz, os sons ou mesmo o nosso corpo não são coisas que podemos viver, que podemos descobrir a partir da mera vivência cotidiana. Para entendê-las é preciso assimilar explicações baseadas em pesquisas feitas em laboratórios sob determinadas condições. Ou fazê-las nós mesmos. Porque sob a obviedade da experiência da luz ou do som inúmeras ideias já foram inferidas e deduzidas, generalizadas para elaborar uma explicação para o fenômeno. Mas nenhuma delas esclareceu tão bem o que a luz, o som ou o nosso corpo quanto a vivência em primeira pessoa deles.

Todas as ciências da natureza e do espírito são, nesse sentido, de orientação natural. “Todas as evidências naturais de todas as ciências objetivas (sem exclusão das da lógica e da matemática formais) pertencem ao domínio das ‘obviedades’ que, na verdade, têm seu plano de fundo de incompreensibilidades” (HUSSERL, 2012, p. 154). Conforme demonstrou em suas obras, as maneiras da psicologia, das ciências naturais e até mesmo da filosofia não partiam de uma certeza, mas antes eram perpassadas por dúvidas e convenções ficcionais que poderiam desmorrar toda a integridade da busca pelo conhecer. Todos esses conhecimentos, transcendentais, partem da imanência do mundo e da realidade. Entretanto, para se chegar às formulações é preciso seguir caminhos de pesquisa e raciocínios indutivos, dedutivos, inferidos e calculados que são falhos, pois saem do campo da nossa única certeza de conhecimento que é a vivência imediata.

Para Husserl (1986), a evidência da correspondência é dada na vivência da experiência. O que significa dizer que só estamos cientes verdadeiramente do que vivemos. Todo o

resto do conhecimento que assimilamos se apoia em uma espécie de fé, uma confiança sem razão de ser. Para ele, o único solo seguro em que se apoiar o conhecimento é a consciência, aquilo que não se perde não importa a dúvida ou a questão. De forma que: “E isto é válido em geral: é um contra-senso olhar a natureza circum-mundana como em si mesma alheia ao espírito e, em consequência, alicerçar as Ciências do Espírito nas Ciências da Natureza de modo a, pretensamente, torná-las exactas” (HUSSERL, 2006, p. 15). Retirar a consciência que promove o conhecimento das ideias formuladas, assim como neutralizar a escrita, é em contrassenso. O fenômeno investigado, portanto, não precisa ser testado para validar as ideias sobre ele, pelo contrário: a prova e a realidade que se busca já está dada no fenômeno, basta apenas descrevê-lo.

A consciência que julga, duvida, afirma, percebe ou imagina permanece em todas essas formas de vivência do mundo. A vivência intuitiva é a maneira específica como a consciência se volta para o mundo. A maneira de compreender as coisas como elas são no mundo é se voltando para a consciência que permanece na vivência intuitiva, sem, contudo, esquecer a objetividade da coisa. Natalie Depraz afirma: “Não mais se opõe uma consciência pensante a um corpo receptáculo, mas é a totalidade unitária do corpo e do espírito que simplesmente se dá, em sua qualidade carnal unitária” (DEPRAZ, 2011, p. 16). A vida humana existe na consciência, que é ponte e inerência do mundo. De forma que a interação entre o ser e o mundo não é inofensiva. Ela deixa suas marcas, suas consequências. Enquanto materialidade do ser, essas consequências não sobrevivem na abstração, mas no corpo. Fazemos delas palavras, pensamentos, aprendizados.

As vivências são inerentes à existência da consciência, pois a consciência é intencional. Ela só existe enquanto *consciência de alguma coisa*. Já “A experiência é a maneira pela qual nos afetamos pela vida e a conduzimos” (CASTRO, 2013, p. 53). As experiências são consequências prováveis. Através delas experimentamos e conhecemos. Interagimos com o mundo e com as gentes em suas lições próprias.

Para Husserl, a tarefa da filosofia é pensar a possibilidade do conhecer. Do conhecimento das coisas atingir o que as coisas são. E não existe maneira de fazer isso a não ser tornando o conhecimento matéria da vivência imediata. Tornando o conhecimento transcendental uma espécie de conhecimento imanente. Escreve ele que “a toda espécie fundamental de objetos corresponde uma constituição particular, que a fenomenologia deve investigar” (HUSSERL, 1986, p.12). O ponto de partida já está dado na certeza do eu que mantém a dúvida ou o julgamento. Do eu que existo e penso. Na consciência que opera todas as

possibilidades de vivência do mundo, seja ela uma vivência de percepção ou de julgamento, de dúvida ou de fé. Em todas essas vivências intuitivas, a consciência permanece em ligação com o mundo. Não existindo por si só, mas sempre em função daquilo a que se volta e à maneira em que se volta, daí ela ser denominada *consciência intencional*.

É preciso diferenciar, porém, a consciência da autoconsciência. A consciência é a ponte que nos faz no mundo. É nessa ponte que existimos, todos nós, estando atentos ao mundo, a nós ou não. Estar atento à consciência de si e do mundo (que é a mesma coisa), estar autoconsciente, é o que Husserl defende enquanto caminho para compreender as coisas. A mera vivência perceptiva ou intelectual não nos ajuda a compreender. É preciso um tipo de atenção a essa vivência, um tipo de atenção autoconsciente específica.

Considerando o ataque direto de Husserl às ciências, é possível questionar: o que assumir o método fenomenológico acarreta para a geografia? Inicialmente, faz com que admita a via do conhecer proposta por Husserl. Isto é, tornar o conhecimento da ciência, que é transcendente, um conhecimento imanente, passível de ser adquirido a partir da vivência das coisas. Mas como fazer isso?

Para Husserl, a maneira de fazer isso é através da *redução transcendental*. A redução permite que cheguemos ao conhecimento imanente real das coisas do mundo (HUSSERL, 1986) e, então, a elaborações transcendentais “verdadeiras”, porque de alguma maneira vão além da vivência imediata, mas sem sair dela: se aprofundam no ser das coisas e são, por isso, essenciais¹⁵.

Existe um primeiro passo para a redução transcendental que Husserl admite: a *suspensão* ou *epoché*. Enquanto para Husserl “a verdade científica, objetiva, é exclusivamente a verificação daquilo que o mundo, de fato, é, tanto o mundo físico como o espiritual” (HUSSERL, 2012, p. 3), a fenomenologia não deveria fazer afirmações acerca da existência ou não das coisas. Porque, para ele, o interesse deveria residir em “como” as coisas aparecem, na descrição da nossa vivência intuitiva do mundo. “A atitude fenomenológica com a sua *epoché* consiste em *eu obter o derradeiro ponto pensável da*

¹⁵ Justifico aqui o uso do termo transcendência para me referir às experiências do sagrado na praia. Embora Husserl pense o conhecimento transcendente como o verdadeiro conhecimento, ao qual se pode chegar apenas através do método fenomenológico, vale lembrar que as etapas desse método configuram vivências passíveis de acontecer na espontaneidade. Assim, entendo que Husserl não inaugura uma forma de pensar, antes a sintetiza e nomeia.

experiência e do conhecimento, no qual me torno espectador imparcial do meu eu mundano-natural e da vida do eu” (HUSSERL, 1992, p. 14). A suspensão fenomenológica consiste em suspender qualquer afirmação ou negação acerca da existência, qualquer subentendido sobre como a coisa é ou se dá em favor de uma descrição mais densa. A redução é feita, então, a partir da vivência intuitiva das coisas, da atenção a essa vivência e da descrição, tanto da vivência em si como dessas mesmas coisas à maneira como elas se dão para nós, na nossa consciência e nosso corpo.

Realiza-se assim, com a redução fenomenológica, uma espécie de cisão do *ego*: o espectador transcendental põe-se acima de si próprio, olha para si e vê-se também como eu antes voltado ao mundo, e descobre-se em si, pois, como homem enquanto *cogitatum* [consciência] e descobre nas *cogitationes* [vivências] inerentes a vida e o ser transcendentais que constituem o “mundano” integral. (HUSSERL, 1992, p. 15)

Ou seja, seria possível a partir: da vivência das coisas mesmas (as coisas pesquisadas); e da descrição plena dessa vivência. Para Husserl, “voltar às coisas mesmas é recusar as argumentações doutrinárias e os sistemas auto coerentes em proveito das interrogações nativas suscitadas pelo mundo a nossa volta e das quais nossa viva reflexão se alimenta” (DEPRAZ, 2011, p. 27). De forma que o termo “coisas”, na sentença, “remete ao alemão *Sachen* e não *Dinge*. Enquanto *Dinge* corresponde à coisa física, *Sache* designa o problema, a questão, a aposta de um pensamento” (DEPRAZ, 2011, p. 27).

A redução fenomenológica constitui a metodologia husserliana porque ela é feita a partir da nossa única certeza imediata, que é a dada pela nossa consciência, nosso ser, ao vivenciar o mundo. É conhecer a partir dessa certeza. É aprofundar nas coisas do mundo, nas coisas que pesquisamos, nos aprofundando na nossa única certeza que é a vivência do eu consciente. “Um objeto não é conhecido, no sentido forte do termo, a não ser que ele me seja dado em uma evidência intuitiva que resulte de uma atestação em primeira pessoa” (DEPRAZ, 2011, p. 28). De forma que faz sentido a valorização da experiência a partir das vivências intuitivas em primeira pessoa. “Nenhum *cogito* singular está isolado no *ego*, tanto mais, por fim, se vem a descobrir que toda a vida universal na sua flutuação constitui uma unidade sintética universal” (HUSSERL, 1992, p. 17). O conhecimento, portanto, não será singular ou restrito às experiências da pessoa que pesquisa. Nenhuma consciência está isolada em si mesma, ela tem tanto a provocação da objetividade do mundo quanto as referências universais de sua constituição.

A universalidade das coisas se dá essencialmente na aparição do fenômeno. Isso quer dizer que, ao *reduzir* um fenômeno pesquisado elabora-se uma síntese da sua essência. A

essência é o que liga coisas semelhantes, tornando cada uma variação singular de um mesmo fenômeno. Husserl (2002, p. 19) afirma que “coisas semelhantes são tipos universais, recortados com precisão que, por seu turno, se particularizam no tipo *percepção da coisa espacial e no tipo percepção de um homem, do ser psicofísico*”. Desse modo, evidencio: na minha pesquisa, atento ao fenômeno *praia*. Esse termo já designa em essência ou universalidade um tipo de coisa, que se manifesta de diferentes maneiras singulares enquanto coisa espacial e, ainda, para mim que investigo. Entretanto, o que designo como *praia* não atende apenas a mim. É compartilhado em intersubjetividade, ou seja, entre diferentes sujeitos e consciências. Daí vem sua característica universal. A descrição é uma maneira metodológica de elaborar em linguagem a essência já conhecida na vivência intuitiva, de forma a se chegar a um *conhecimento essencial* – do que faz a praia como é, sem nenhuma preocupação com provar sua realidade, já que a prova é mesmo o fenômeno.

A descrição plena¹⁶ consiste em escrever relatos completos das vivências das coisas. Entretanto, isso não significa um esvaziamento das palavras num sentido de se ater aos fatos. É necessário descrever a ponte, ser e mundo, em suas complexidades presentes nas vivências. Ser o mais completo possível, que significa “satisfazer todos os aspectos da experiência vivida, quer se trate das diferentes modalidades sensoriais, das múltiplas tonalidades emocionais, do tipo de temporalidade em ação, de meus diversos estados mentais ou cognitivos, de minha abertura aos outros e à situação histórica” (DEPRAZ, 2011, p. 32). Processo que é, em si, inesgotável.

Embora seja possível refletir a partir de qualquer vivência intelectual da consciência, é preciso estar em intelecção e atenção com/ao mundo. “Husserl insiste no fato de que a coisa se dá *ela mesma* a mim. Ele assim restitui à realidade objetiva sua parte na constituição do conhecimento (...)” (DEPRAZ, 2011, p. 14). Insistir na consideração da objetividade do mundo significa valorizar a ponte na qual existe a consciência. Ao dizer que a consciência é sempre intencional, *de alguma coisa*, reafirma-se que ela não existe sozinha. O *alguma coisa* que se liga a consciência *de* é igualmente fundamental. Nesse sentido, Michel Serres sintetiza bem a tarefa fenomenológica. Afirma: “Com o médio eu toco um de meus lábios. Neste contato reside a consciência. Começo a examiná-la”

¹⁶ Edmund Husserl atenta à descrição enquanto metodologia do conhecer e evoca a necessidade de uma plenitude ou, posso dizer, de uma densidade nessa tarefa. Porém, é apenas em 1973, com Clifford Geertz (2008), que o termo *descrição densa* vai se propagar nas ciências humanas e, principalmente, na Antropologia. Os preceitos metodológicos para a descrição, porém, são semelhantes.

(SERRES, 2001, p. 16). Na evidência do contato que provo do meu dedo com o meu lábio, nessa concreção sensível, a consciência pula e me afeta, dando partida no processo de investigar.

Conhecimento essencial é nome dado ao conhecimento que chegamos a partir da redução, portanto. Ele é imanente, porque é essencial. Depraz (2011, p. 22) afirma que “a vivência intencional não é o bem de um indivíduo singular, contingente e privado; fazendo variar diferentes vivências particulares de consciência, se lhes extra a estrutura invariante: a essência”. Apesar do que se convém pensar acerca da experiência, que ela é individual e/ou privada, é possível descobrir a essência das coisas a partir dela. A experiência, aqui, se coloca como modo de compreender, não como objetivo. Mais ainda, a essência das coisas já está dada na vivência imediata. Dizer que elas existem meramente é ignorar como se dá a própria essência, conhecimento imanente real, que buscamos compreender. A redução e a suspensão fenomenológicas permitem o conhecimento essencial das coisas do mundo. Mas, tem em vista a dupla polaridade da consciência, acaba resvalando no próprio ser que investiga. Assim, “Encontro-me como homem no mundo e, ao mesmo tempo, como quem o experimenta e cientificamente o conhece; incluindo-me a mim” (HUSSERL, 2002, p. 30). O processo de compreensão fenomenológica do mundo gera uma intensificação do processo de autoconhecimento de quem investiga. O que se torna mais um motivo para desencorajar a impessoalidade do texto científico.

É apenas em uma das suas obras mais tardias, “A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental” (2011), publicada em 1936 (dois anos antes de sua morte) que Husserl se dedica a refletir sobre a *intersubjetividade*. Afirma o filósofo que: “Nessa elucidação da empatia, revela-se também que há uma diferença abissal entre a constituição da natureza que já tem um sentido de ser para o *ego* abstractamente isolado, mas não ainda um sentido intersubjetivo, e a constituição do mundo do espírito” (HUSSERL, 2002, p. 36). A intersubjetividade tem todo um potencial de novas considerações acerca da essência dos fenômenos e, por isso, deve ser considerada. Contudo, diversos dos desenvolvimentos acerca dessa questão foram encaminhados e elaborados pelos discípulos do filósofo, me deixando aqui na posição de evocar a necessidade de “*continuação...*” em trabalhos de pesquisa futuros.

Embora as obras de Husserl e de seus discípulos tenham influenciado toda a ciência posteriormente, apenas na última década no Brasil um grupo de pesquisadores e geógrafos assumiram o método fenomenológico de maneira explícita para a geografia

(MARANDOLA JR., 2013). Vale ainda mencionar que é a obra de um professor de geografia francês chamado Éric Dardel (2011) que mais aproxima a fenomenologia à geografia, ainda que ele não estivesse ativamente tentando fazer isso. Grande leitor de Heidegger e dos românticos, sua obra é uma das principais referências para a compreensão das possibilidades da geografia construída nesse entrelaçamento.

Para apreender a possibilidade de uma geografia fundamentada em um método fenomenológico, nas suas ideias e práticas, é preciso admitir que a busca por conhecer e compreender a realidade humana nesse planeta não segue ou deve seguir apenas uma receita. A existência humana abre possibilidades infinitas de indagações sobre o mundo e a maneira fenomenológica traz novas permissões de caminhos a seguir para se conseguir respostas. As respostas, porém, podem aparecer não de maneira clara, como o produto pronto de uma receita perfeitamente seguida, e sim como novos arranjos de pensamentos e criações de sentidos, cuja construção nos desvela um pouco mais de compreensão acerca de nós mesmo, da nossa existência peculiar nesse mundo. Nesse sentido, a “receita” fenomenológica é ampla e variada, e segue os motivos da *vivência intuitiva*, deixando de ser uma série de instruções fixas e sendo construída a partir da experimentação dos sabores e à medida que é executada.

Uma geografia pensada dessa forma pode incomodar pela incerteza do que virá a seguir, mas não deixa de ser pensada e fundamentada a todo o momento. O principal fundamento, entretanto, não está nas palavras e conhecimentos já escritos sobre as coisas do mundo, mas antes na forma como nós, humanos, interagimos, sentimos e vivemos o mundo. O que de maneira alguma descarta tudo que já foi pensado ou produzido, apenas desloca o foco destes para a uma experiência diferente: a da vivência em todas as formas de *intuição* do tema pesquisado.

A geografia, ao ser lida a partir da fundamentação filosófica proporcionada pela fenomenologia, se aproxima, afasta e se transforma em novos arranjos de sentido e novas possibilidades, como a que tento elaborar aqui. Desse modo, estando não só a minha pesquisa, como a própria geografia com a qual me identifico em construção, sobrevivem poucas certezas e muitos desafios. Algumas articulações, porém, se esboçam tímidas, tais como:

- a necessidade de se voltar para a vivência das coisas pesquisadas, seja nos laboratórios, bibliotecas ou nas áreas de estudos;

- a descrição plena, antes de qualquer tentativa de explicação;
- a constante presença ininterrupta do eu que pesquisa enquanto *consciência*. Se o que opera a busca pelo conhecer que leva ao conhecimento científico imanente é o ser consciente ao vivenciar, de maneira nenhuma é possível apagar ou diminuir o próprio ser;
- o que vai dizer as maneiras como as experiências conversam é o próprio fenômeno investigado;
- por fim, a fenomenologia como método geográfico vai gerar conhecimentos de essência. Isso significa que o conhecimento produzido não vai ser da mesma natureza que os conhecimentos produzidos pelos outros métodos da geografia. Qual a essência do rio? Da praia? Das montanhas? Do céu? Do lar? Do não pertencimento a um lugar? Dos lugares de passagens? Da paisagem para um cego? Da vulnerabilidade de um habitar? Essas são algumas questões formuladas por uma ciência geográfica de método fenomenológico.

Os aprofundamentos da fenomenologia permitem a elaboração de novas reflexões em questões da geografia. Claro, algumas consequências desse alinhamento filosófico são percebidas de imediato, embora outras ainda estejam por ser vividas e pensadas. Vejo-me aqui, então, em um processo de compreender o mundo, a geografia, a fenomenologia e a nós mesmos no entrelaçar dessas ideias e atividades.

Finalmente, podemos questionar qual a contribuição desse tipo de conhecimento para a geografia. Ele elucida e desvela a natureza humana no seu modo próprio de habitar o planeta. Ele não parte de condições ideais ou controladas; mas da sujeira e da sedução – ambas afetam e marcam as peles, em matéria ou insinuação – da vida cotidiana, da forma como vivenciamos as coisas do mundo. Da forma como somos. Ele soma aos conhecimentos em produção por outros métodos, desvela novos traços e interações.

O conhecimento essencial do mundo revela também os sentidos e significados atribuídos e vividos pelas gentes, numa perspectiva visceral. Expõe os sentimentos, as maneiras de interação em atenção ao sujeito que vive, contribuindo para o estabelecimento de prioridades e responsabilidades frente a todo tipo de ameaça. Sendo assim, permitiu aqui não apenas aprofundar um pouco na infinidade que compõem a praia, como determinar o que as ameaças que sofre esse espaço beira-mar oportunizam na vida das gentes. Qual a grandeza da perda.

8. Vislumbres de um processo de composição

Compreender a essência da praia, espaço à beira-mar, é o mote dessa pesquisa. Por muito tempo durante o mestrado essa intenção não esteve clara. A confusão, porém, me moveu por diversas travessias e possibilitou à praia aparecer em aspectos diferentes entre si, o que terminou por engendrar as reflexões que empreendo. A multiplicidade de aspectos nos quais compreendi a praia testemunha apenas algumas da infinidade de possibilidades de experiência possível com esse espaço. Isso acontece porque a praia é um espaço vivo, em constante interação com as gentes que o habitam, seja em proximidade carnal ou não. A infinidade de experiências determina uma abertura na própria definição desse espaço, fazendo com que a busca por compreender sua essência seja pertinente. As experiências podem, inclusive, divergir entre si, mas todas têm uma clareza quanto à presença da praia. A presença não precisa ser material para ser detectada, vale destacar.

A essência da praia é o que faz com que ela seja o que ela é e não outra coisa. Dizendo de outra forma: quando a praia se torna outra coisa entrevemos os limites de sua essência. Por isso, em todas essas experiências de praia podemos buscar uma compreensão da sua essência. “Cabe lembrar que essência não é a abstração de um lugar onde se encontra o fundamento de uma coisa, mas o originário de um percurso, aquilo que se presenteia à realidade ao passo de sua aparição” (PESSANHA, 2011, p. 33). O autor nos lembra a distinção entre a essência como fundamento de algo e a essência de que falamos, elaborada no contexto da fenomenologia.

Mesmo antes de saber claramente o que me movia, já me atentava a como a praia se revelava a mim quando ela aparecia, ou seja, buscava sua essência. Assim, cheguei não somente às viagens até o mar, mas aos filmes e às conversas que me forneceram *insights* sobre esse espaço. Deixar o fenômeno investigado aparecer significou, no que tange a essa pesquisa, me impulsionar em direção à praia, seja lá onde ou como ela apareceu.

No primeiro semestre do mestrado, em 2015, foi exigido dos discentes que elaborassem um pré-projeto para apresentar em uma série de seminários que teriam lugar na outra metade do ano. Os pré-projetos visavam cumprir a necessidade de se ter uma pesquisa em andamento e de apresentá-la ao programa, uma vez que o processo seletivo dispensara essa etapa. Já então me atinha a esse momento de presentificação da praia. Escrevi:

No início, era o mar. Ao menos o início que importa aqui. Escuta as ondas se chocando na costa? O marulho da água? Sente a pressão aguda do salgado na garganta? A

ardência do cheiro? O céu a preencher esvaziado o horizonte? O início deveria ser o mar. Mas o início era a consciência de mar. A consciência do instante do encontro que se realiza além da consciência da consciência de mar. O mar além. Como começar a desvelar tudo o que cerca e substancia esse único momento do encontro? Como começar a desembolar os fios do tempo até então? Tenham em mente esse momento. O momento do encontro, em que os pés se molham nas águas espumantes e se resfriam. As areias, pedras e conchas saltam o caminho e se combinam com a água que toca. Em que o cheiro e o marulho invadem os poros. A imensidão está ainda por vir. Ela vem com a brisa, com o olhar que resvala para cima e se espalha. Espraia, acompanha. O que está atrás é antes um espectro, um tempo presente do passado que se arranja na mente, no corpo consciente. Pra frente, o desejo se estende infinito, incontrolável, insaciável. As águas vêm e vão, sem nunca parar ou se cansar, e o mar: o mar é toda essa imensidão que a consciência toca e aprova sem nem chegar ainda a adentrar os corpos, sem nem mergulhar. Mas os arranjos do corpo consciente são como as ondas: não param, não cansam e vem e vão e acariciam o mar enquanto o mar acaricia os sentidos se elevando na sua presença, transpondo a sua própria linha de nível da água. E a textura do tato na linha é conforto e é sedução nivelada. E outras vozes falam de mar. Outras águas, aquelas de dentro do corpo consciente correm e inundam os arranjos da mente. É possível vislumbrar esses pequenos pensamentos nadando animados, seguindo seus ritmos vivos, saindo do corpo e se perdendo no mar. Como uma onda quebrando, desenvolve-se a ruptura na questão: É possível presentificar o tempo dessa consciência corpo que encontra o mar? É possível desvelar essa presentificação em novos arranjos conscientes? Como ao menos começar a mergulhar nessa imensidão, sem sufocar?

Esse era o meu texto do pré-projeto. Apresentei primeiro em disciplina de metodologia de pesquisa, na qual elaboramos em conjunto os projetos. O texto, além de destacar a forma como o momento de presentificação da praia me retinha, demonstra a dúvida por como continuar essa pesquisa. Ao menos, compreendo isso agora. Como disse, esse era meu pré-projeto. Teve de ser abandonado ao aumentar a incompreensão, dos outros e minha, sobre o que queria fazer. De imediato, espantou todos os potenciais orientadores até que eu concordei em dispensar o próprio texto por uns tempos. Mas não o projeto...

Como começar a buscar a praia? O encanto proporcionado por uma praia regada de mar, seja qual for o céu que se desmanche sob ela, tem mobilizado mãos humanas nas mais diversas composições criativas. Comecei, então, por elas. Revi histórias que já tinham me

encantado, conheci outras novas. Conversei sobre minha intenção de pesquisa, em salas de aula, corredores, mas também e principalmente nas ruas e mesas de bares. De modo que a praia parecia se presentificar quase espontaneamente enquanto vivia meus dias de afazeres acadêmicos, cumprindo prazos e trabalhos. O processo, porém, é de difícil controle e necessita certo demorar. Não há forma realista de se planejar cronogramas e metas no início. Até que a praia se desvele em compreensão é preciso seguir buscando. Nesse sentido, essa pesquisa foi desenvolvida em uma confusão intuitiva.

Foram quase três anos em atenção a todos os relatos, diretos ou indiretos, de experiências de praia que chegavam a mim. Fossem eles entreouvados no ônibus de transporte diário, em bares pela cidade, em museus ou centros de arte. Persegui até mesmo muros, com seus grafites e pichações sobre o mar. Não houve descanso nem controle sobre o momento que os relatos apareceriam e desapareceriam. Apenas presença. As vivências são mesmo inumeráveis.

Seguindo em frente, prendi esse momento de chegante à praia na mente. Descrevi suas formas e marcas. Busquei apreender esse momento ainda a partir de outras narrativas. Os dois primeiros anos dessa pesquisa foram passados em errância, em viagem, em vivências diversas, algumas exigidas pelo programa, como disciplinas do mestrado e apresentações do projeto de pesquisa, mas outras nem tanto.

Não sendo insensível a sedução da praia, primeiro a aceitei no que é e a reconheci quando apareceu. Busquei me questionar acerca da importância ou das características desse espaço que me causou tamanho assombro. Penso que a sedução é uma manifestação característica da interação com a praia que estar vivo propicia, o que contribui para a relevância da experiência de praia. Nos momentos em que sentia a necessidade de estar na praia, viajei. As viagens foram inúmeras, mas algumas se destacam em presença ou composição de memórias em presença: meio mês em Aracaju, SE; meio mês em Cumuruxatiba, BA; dias em Lima, Peru; dias em Vitória, ES; dias em Rio de Janeiro, RJ; dias em Florianópolis, SC. Nessas viagens, não possuía nenhum objetivo ou roteiro de ações. Passei os dias como em qualquer viagem, porém atenta aos acontecimentos e aos momentos em que a praia aparecia. De alguns, tenho relatos escritos e outros apenas gravados, em vídeos ou áudios. As experiências nutriram minhas reflexões, ainda que não apareçam explicitamente aqui.

Os filmes que assisti foram dezenas. Os métodos de busca, além da indicação de pessoas próximas, foram a pesquisa na internet de termos relacionados ao mar e à praia e a

pesquisa em acervo de fórum de filmes *online*. O mais utilizado, com melhor acervo e tratamento dos filmes, foi o site *Making Off* (<https://makingoff.org/forum//index.php>). A escolha dos filmes se deu por aspectos específicos a cada um. Se um valorizava a experiência do trabalho, o outro do sagrado e da viagem. Não pude, porém, me atentar a todos que me falavam da praia. Tiveram aqueles, como o filme *Contracorriente* (FUENTES-LEÓN, 2009), que trazia outros elementos, de amor e morte, que necessitaram ficar de fora. Os filmes que escolhi tangenciavam as questões que a própria vivência de praia me revelava e foram lidos na tentativa de me aprofundar mais nas infinitudes do fenômeno. De maneira geral, foquei em como a praia se revela a partir das experiências exibidas, de maneira a possibilitar um adensamento descritivo dos aspectos que eu já havia observado na vivência da praia para a pesquisa, possibilitando a compreensão essencial. Não dei conta, porém, de muitas questões apresentadas nos diversos filmes assistidos por causa mesmo dos prazos e da necessidade de finalizar essa pesquisa.

Os trabalhos científicos já publicados sobre a praia discutem diversos dos seus arranjos. São trabalhos antropológicos, que se detém nas comunidades tradicionais que habitam/habitaram a praia, históricos, geográficos. Não me dedico a uma revisão bibliográfica do estado da arte nessa pesquisa. Entretanto, as diversas referências que entrariam em uma tal revisão aparecem distribuídas nos vários capítulos escritos. Embora tragam reflexões válidas, esses escritos me ajudaram sobretudo ao dar pistas para a compreensão das experiências de praia de diferentes comunidades. É o caso, por exemplo, das comunidades de pescadores. A intimidade da interação com o espaço se perde nas escritas ausentes, deixando inúmeras possibilidades de vivência da praia por serem escritas. Muitas vezes, o testemunho que temos dessas interações e vivências vem por meio de artefatos materiais que permanecem no espaço mesmo quando as pessoas que o criaram já se foram. A vivência de um cientista que descreve e explica comunidades, suas relações com o mar, pode revelar somente até certo ponto a praia que se doa ao corpo que pesca. É preciso adentrar as peles, lançar mão das percepções profundas. Nesse sentido, é arte que faz surgir e cumprir essa oportunidade aqui.

As diferentes formas como a praia apareceu, ou se presentificou, correspondem às diferentes vivências da praia. A percepção - corpo e sentidos no espaço - é apenas umas das vivências de praia. Outras vivências incluem a leitura de relatos já escritos, a literatura, o cinema, os sonhos, a fantasia, o devaneio, relatos orais etc.. Cada uma dessas

vivências revela diferentes experiências de praia. São igualmente válidas na compreensão de sua essência.

Ao identificarmos ou reconhecermos uma praia já está dada sua essência. Entretanto, a essência também é conhecimento e formulação. Uma vez que a essência já está dada no aparecimento do fenômeno, a maneira de compreendê-la é descrever exaustivamente esse acontecimento (HUSSERL, 2012). Por isso, opto sempre pela descrição, seja da praia percebida ou da narrativa dos filmes que utilizo. A partir daí, desenvolvo as reflexões pertinentes. Natalie Depraz (2011, p. 31) comenta sobre a indicação da descrição como metodologia de conhecer:

Descrever é necessariamente integrar à descrição da experiência singular traços que dependem de minha memória de outros eventos, de minha imaginação de outras situações, do testemunho de outros perante uma experiência que não fiz, e que talvez eu nunca faça. De uma certa maneira, se lembrar, imaginar, experimentar empatia também fazem parte da qualidade da minha experiência singular. Esses atos da consciência ajudam a descerrá-la daquilo que ela poderia ter se privado, de solipsista ou de subjetivista.

Das descrições que fiz ao longo da pesquisa pareciam emanar as conexões, as entradas para novas reflexões. Daí os fios se interligavam entre uma e outra ideia. A descrição agrega as contribuições da imaginação e da fantasia, da memória e da lembrança. Nesse sentido, não se basta na mera enumeração dos fatos ou sensações que formam a experiência.

O último ano do mestrado foi o sufoco dos prazos esgotados e da escrita, que variava de livre e feliz a nada e então a escrita acanhada. Quando os fios se perdiam entre um desses dias e outro me ocorria a máxima ordem: descreva! Voltava, então, a descrição das vivências, seja elas quais forem.

Até o seminário de dissertação, em meados de 2016, ocasião em que apresentei a uma banca de examinadores composta por professores do programa e convidados as primeiras ideias da pesquisa, minha atenção não se concentrava em escrever nem elaborar as vivências de praia. Muito pelo contrário, me dediquei a explorar e conhecer as possibilidades teóricas/práticas da fenomenologia, o que me permitiu uma confiança na natureza do trabalho de pesquisa que conduziria a partir daí.

Assim, não houve nenhum cronograma de pesquisa. Nenhuma necessidade de contabilizar as vivências de praia. De articular elas a algum todo abstrato. O que houve foram três esforços:

- 1) Da vivência da praia, seja como for que ela se presentificava;
- 2) Da compreensão da fenomenologia husserliana;
- 3) Da escrita que trouxe na descrição das vivências suas articulações.

Essa dinâmica foi facilitada pela liberdade em conduzir essa pesquisa da forma como eu queria dada pelos meus orientadores. Entretanto, não foi de maneira alguma uma dinâmica leve. Os quase três anos de pesquisa foram particularmente intensos.

Essa pesquisa tem sua vida formal, assim como sua vida carnal e cotidiana. A vida formal é evidenciada nos documentos apresentados, nos prazos estipulados pelo calendário acadêmico assim como pelas etapas do programa de mestrado. Já a vida cotidiana, segue o rumo das inúmeras vivências proporcionadas por essa busca, os prazeres e dores da carne que caminha na tentativa de fazer sentido numa ínfima parte da nossa interação com o mundo.

A indagação é uma parte sensível e quase visível do corpo humano que se move em pesquisa. Ela não está necessariamente escrita em nenhum documento ou dominada pelo emblema de alguma instituição e, por isso, a principal “ferramenta” nessa pesquisa é o próprio corpo que se move. Antes da formalidade de entrevistas ou visitas guiadas, vemos uma *geografia* sendo composta na compreensão do corpo que experiencia. O que não diminui a resposta formal instituída, como essa que agora escrevo. Apenas deixa claro que não é estritamente nela que se apresentam as questões, o aprendizado ou mesmo a resposta que trouxe essa pesquisa. Ou seu fim.

O entendimento acerca de como fazer a pesquisa advém da minha interação com a coisa pesquisada. Assim, pensando em minha indagação principal, me movo em descobertas e novas indagações, considerando a compreensão que elaboro a partir de cada experiência e do meu próprio corpo. Não busco explicações, mas sim descrições das diferentes vivências intuitivas da coisa pesquisada. Essa possibilidade de busca é uma influência também da maneira fenomenológica de compreender o mundo, posto que encontrei nela um alinhamento direto com o meu entendimento da geografia e da vida humana. A forma como compreendo a realidade está em comunhão primeira com o embasamento filosófico elaborado na fenomenologia, de maneira que o estudo desse campo da filosofia me favorece ao desvelar mais acerca da própria estrutura da realidade sob a qual toda a vida e a geografia acontecem.

A vida carnal e cotidiana através da qual acontece o percurso indagativo, a pesquisa, é tão complexa quanto qualquer outra atividade simplificada pelos relatórios de atividade e prestações de conta. Parte dos nossos desafios em pesquisa, ou seja, na busca por compreender um pouco melhor nossa existência no mundo é assumir e trabalhar a partir dessa complexidade.

Finalmente, acredito que compreender a essência da praia de mar é um trabalho infinito. Embora tenha aproveitado todos os momentos que vivi no mestrado, suas apostas de pensamento, não chego a cobrir nem uma gota do que se há para viver e pensar acerca da praia. Essa mesma abertura que me impede de sequer compreender uma ínfima parte desse espaço que não se esgota nem é definível caracteriza a sua *realidade*.

Poslúdio ou o direito à praia

A praia, paisagem sensível e sensual, se descortina em todo seu esplendor à primeira vista. Presente no contato inseparável do corpo em desfrute, ela é areia, céu, água salgada. Ela acaricia e desafia, atraindo os corpos em reconhecida sedução. A praia é franja do mar, sujeita as suas oscilações diárias, marés que cobrem e descobrem. É paisagem de desfrute, é solo que adentra o mar.

O mar é um imenso mundo aquático, absurdo e misterioso. Mistério que vem da sua profundidade que não nos é dada habitar. Ele esconde de nossas mãos e olhos suas vidas próprias. Trama suas animalidades características. Extensão sem fim de águas salgadas e profundas que o olhar perde na curva do mundo. O mar fascina e atrai, mas com promessas de sereia. A doce sedução do mar, tal qual a do abismo, vem da curiosidade que desperta seus mistérios e da fascinação que atrai o corpo em deslumbre, mas pode ser fatal. Assim como a sereia atrai com sua beleza os seres à morte, também o mar engana. Nas suas profundidades está a impossibilidade da vida humana.

A praia, paisagem sensível, nos conecta com o mar. Dá um solo seguro para degustar as promessas desse mundo aquático fatal. A praia é apreciada em suas formas sensíveis, por isso mesmo se despe o corpo e o permite ser ainda mais exposto. Na praia, o corpo é mais visível. A nudez praiana nos deixa mais expostos. O desnudamento que a praia compartilhada aceita do corpo não é pouco relevante. Corpos manchados, marcados, se revelam na praia. Pés, pernas, barrigas, costas e braços expostos ao sal e ao sol. Expostos aos olhares, revelando ao mundo o que comumente escondemos, nossa carne marcada pela vida. O corpo guarda registros e o mundo os expõe no contato.

A praia enquanto lugar encontro na possibilidade de abrigo da areia, frente aos auspícios do mar, mas também no acolhimento à exposição do corpo desnudo, pele historiada e vulnerável. A repressão muda e violenta aos corpos diversos e inúmeros que não seguem um ideal de ilusória beleza, padrão de mercado, pode ser vista e ouvida nas areias. À praia, o olhar do outro pode exigir que o corpo seja coberto. A possibilidade de desvelamento do corpo pode ser coagida e constringida pelo outro. A nudez do corpo não é inofensiva em uma sociedade que se esconde em roupas, escondendo assim sua própria existência historiada. Sentimento, então, que domina a experiência de desfrute da praia e é intensificado pela própria fragilidade e vulnerabilidade de quem se expõe. Embora seja um lugar propício a liberdade de si, ao desfrute da paisagem, a experiência de praia pode ser tomada pelo medo.

A praia é violenta e íntima. A intimidade sempre expõe ou é exposta pela vulnerabilidade, pela abertura do corpo ao mundo ou ao outro. Contudo, a praia não é só íntima. Ela é abertura e ponto de partida para a imensidão. A praia é imensidão em si, nas suas formas de concha, de areia, de ondas ininterruptas. Ela é imensidão no compartilhamento das areias pelos corpos diversos. Ela é o adentrar na imensidão do mar. A abertura a exposição na paisagem possibilita o desvelamento do ser e a intimidade que faz concha, que se completa na segurança da areia em oposição a promessa de sereia do mar. Já essa promessa, é mesmo o chamamento da paisagem marítima, seu sentimento exposto. A praia é solo para imensidão do corpo íntimo, exposto e orgulhoso de si. Ela propicia a primeira ação de quem se aceita em si: se deixar ver, se expor. Da praia, a imensidão não se revela apenas no mar mas atinge os corpos, reluzentes em suas histórias, expostos, em vulnerabilidade e conforto.

A praia é também lugar de trabalho. As interações de trabalho tornam mais densa a praia lugar, em rotinas, conhecimento e marcas corporais da exposição constante, adentrando na intimidade do mundo que se revela em sua imensidão cotidiana. A praia é lugar de trabalho, mas também de festa e desfrute. Por isso, é todo um modo de vida, uma fonte de identificação para as gentes. O pertencimento que expressa a conexão das gentes com a praia adentra o sangue e vira música e fé. Possibilita, também, a leitura das mensagens sensíveis da paisagem praiana, o desvelamento da intimidade na sua imensidão. Inaugura entidades que trazem em si todas as mensagens da paisagem, do acolhimento à força. Sintetiza e ritualiza. Recupera e transcende.

O corpo que transcende praia ou mar o faz por mil canais que tangenciam a pátina da pele exposta. Transcender é adentrar na imensidão íntima, de si ou do mundo, subvertendo profundidades em canais escondidos de exposição. Quando essa transcendência compõe tentáculos entre o corpo e o mundo, aí alcançamos algo sagrado. Alcançar o sublime da paisagem é ir além até mesmo da sua apreciação sensível ou rotineira.

A praia sagrada é abrigo e ponte para imensidão do mar, da vida e da morte. O mar é alma profunda, liberdade nas águas, orientação da maré. É sustento, mas também exige. Da praia, adentramos suas mensagens sublimes, canalizamos ousadias e renúncias. Cortes compartilhados. Mas a paisagem sublime, que resguarda a transcendência de si e do sagrado, essa precisa nos desafiar em suas provocações com forças próprias. Por isso, o mar, mundo absurdo, nos incita tanto. A praia, enquanto abrigo e abertura, nos libera.

A praia se presentifica também nos cantos dos rios que correm água para o mar. Seguindo as águas que brotam nas serras e montanhas, vemos surgir essas potencialidades de praia, que já estão contidas essencialmente na própria água, que corre e agrega. A praia é vislumbrada nos cantos dos rios, que cospem areia e oscilam água na planície. Que permitem o abrigo das gentes, o acesso ao sabor e ao alimento. Os rios, caminhos d'água com corpo e voz própria, testemunham modos de vida e morte. Se chegam ao mar, com força e férteis, podem fazer foz rica em mangue e possibilidade de trabalho, liberdade, pelas mãos de mulheres que se achegam a boca da família inteira. Ao aparecer a praia de rio, água doce, horizonte finito ou infinito, cores escuras frente ao céu que se descortina azul, a própria essência da praia sussurra seus limites, suas possibilidades. A materialidade sensível da paisagem praiana se desdobra em outra vivência, alusiva ou fantástica não se sabe. O certo é que a água traz e leva o germe e a semente da praia em si. Constitui sua essência de maneira a brotar.

Acompanhamos nessa fluidez também as perversões de água, que se torna esgoto, dejetos, lama, trazendo suas impossibilidades à beira-mar. Onde não se pode adentrar mar, existe praia? A praia prejudicial ao corpo vivo, suas águas, sabores, odores e areias contaminados repelem o corpo exposto e aproveitam de sua vulnerabilidade. A paisagem sensível fere e repele, mas não por sua própria essência de risco e mistério. A perversão da praia acontece pelas possibilidades de transformação advindas com o progresso, por meio do processo que quebra ou/e colhe as matérias sensíveis (serra, água, rio, areia) e as utilizam em novos arranjos. Processo que varia em realidade as essências até que deixem de ser o que são. A praia se torna outra coisa, outra paisagem se desvela.

A praia tem valor em si para as empresas imobiliárias. Mas também na exploração dos recursos que reúne na sua materialidade. O olhar da mercadoria não atenta para seus arranjos sensíveis, suas assimilações carnavais, mas antes para como é possível usá-la em ordem de gerar o lucro. Seus sentidos e significados incluem uma degradação e exaustão do espaço, que mesmo com sua resiliência intrínseca pode chegar a uma situação de crise; a expulsão das gentes que vivem aí, evidenciando uma situação de risco ou até de exílio, quando da impossibilidade de habitá-lo.

Élisée Reclus (2010, p. 91) escreve: “Lá onde o solo enfeou-se, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte”. As praias impróprias para o corpo seguem essa receita, de feiura, desaparecimento da poesia, torpor

e morte. São paisagens, mas não comportam suas formas sensíveis. Estão lá, mas não são solo nem abrigo para nenhuma gente. São espaços-mercadorias, paisagens em crise e lugares moribundos.

Na paisagem urbana sensível, se descortina uma paisagem praiana imaginada. A surpresa: mesmo entre os habitantes do interior, no urbano seco, é possível vivenciar praia. A intersubjetividade dos sonhos que aspiram água salgada faz praia no urbano seco, inaugura um novo sentido para o lugar, sem sua paisagem original que subsiste nos corpos que o experienciam. A paisagem imaginada canta a realidade e faz lugar praia onde não havia nenhum desdobramento sensível da beira-mar antes das gentes reunirem-se. Faz ver que os corpos têm uma sede que não se basta na ingestão de um pouco de água. Daí que não seja de maneira nenhuma contraditória a ideia de que uma “praia” tenha surgido numa cidade que se dispõe a cobrir todos os seus rios, inclusive um que passa ao largo da própria praça que é eventualmente praia.

Para os habitantes do interior, a praia também se presentifica no impulso à viagem. Ela existe no imaginar e no corpo que parte a cruzar solo e chão para se banhar nas suas águas. Da intimidade da praia que existe apenas no corpo que a sonha em conforto abstrato, a viagem permite o desvelar da praia imensa, paisagem sensível. A viagem permite o entranhamento da paisagem no corpo, fazendo com que a praia possa existir para além da paisagem marítima. Ela existe na intersubjetividade das gentes que sonham mar em delírios do corpo, que expressam seus entranhamentos sensíveis de viajantes. Nesses casos, a própria existência da praia, paisagem imaginada e intersubjetiva, é uma transgressão em si. Para além do que ela desvela, nem sempre é possível alcançar as potencialidades da paisagem praiana sensível.

Caso recente, pesquisadores e jornalistas acusaram a praia de não ser democrática, num sentido de que as desigualdades não desaparecem nela ainda que seja amplamente desfrutada pelas gentes (DEUTSCHE WELLE, 2013) (FILGUEIRAS, 2013). Claro está. Se houvesse um lugar na terra em que as desigualdades sumissem e as gentes partilhassem o mundo em justiça, não seria esse lugar o próprio paraíso?

A praia é lugar de morada, trabalho e fé das gentes. Paisagem sagrada que revela segredos próprios, acessíveis apenas com as evocações ancestrais e/ou tradicionais. Nesse sentido, a praia reúne adorações milenares, a ecoar junto às ondas. Ela é sagrada no abrigo da experiência do sublime, da cura e da morte. Ela é solo para mergulhos profundos nos mistérios do mundo. A intimidade do corpo e do mundo se revela na praia habitada.

Conhecer a praia em seus aspectos rotineiras, saber seus humores, a profundidade das suas águas, seus sabores e seus perigos, é reconhecer a sua vida. A praia viva é deslumbramento, substrato de devaneios, margem para saltos do sublime ao sagrado, reverências. A praia viva é sintonia com o sentimento-paisagem, transcendência íntima na imensidão.

As praias existem onde a terra se prolonga sobre a água. A terra é areia e corpo, fecundos. A água, mundo absurdo, fala por si própria, pois tem corpo, voz e alma. A água é o sonho do mundo e das gentes. Banham as areias em sonhos fantásticos. É da essência da praia o movimento que a cobre e descobre sem cessar, água que oscila. Movimento sensível inclusive na compreensão de sua essência espacial, que permite aconchegos e intimidades, mas também riscos, de exposição do corpo vulnerável, de morte em suas águas impróprias para o respirar humano e de mistérios que aspiram venerações.

Lugar e paisagem de vivências inúmeras, a praia e o corpo se desvelam em interação. A praia é portal de desvelamento, íntimo e imenso. Na conexão com a intimidade da paisagem, temos o revelar de seus sentimentos e mensagens próprias, o sagrado e o sublime; temos a leitura sensível dos sonhos e perdições do mar, mundo absurdo, sedução líquida, o reino das águas. É na conexão com a imensidão do lugar que se desvelam os corpos íntimos, diversos e refulgentes na singularidade de si, na justiça da ligação essencial das gentes, nas suas subjetividades, entranhamentos e intersubjetividades transgressoras.

A essência da praia é ser vasta, um espetáculo exterior que revela uma grandeza íntima. É preciso experienciar a praia. Vasta, a interação com as gentes é que a fazem essencialmente o que é. Suas potencialidades transgressoras, companheiras, do abrigar e do expor se revelam apenas a partir dos corpos que a curtem. A praia mercadoria, refém de usos e abusos que a fazem somente espaço lucrativo, produto ou de descarte, usurpa das gentes os sentidos e significados que a praia habitada libera.

Roberto Drummond (2002, p. 62) escreve:

É bom que a gente está indo ver o mar. Conhecer o mar devia fazer parte dos direitos humanos. Todos deviam ter o direito de ficar olhando os navios passando ao longe. E de nadar e furar as ondas no mar, e, quando anoitecer, ficar deitado na praia olhando as estrelas.

Em um primeiro momento, falar de um direito ao mar ou à praia pode parecer estranho. Mas a ideia veio daquele que continuamente revelou seu amor pelo mar ausente de

conquista, mas presente em desejo. Parte do que regula a vida de todas as pessoas em sociedade hoje são os direitos. O tipo de coisa que as autoridades reconhecem, ou devem reconhecer, como legítimo e próprio a cada um. Os direitos, é claro, mudam com o desenrolar da história social. Muitos, senão a maioria, devem ser disputados, constantemente. São ameaçados mesmo depois de garantidos. Ah, as reformas...

O direito à praia não é um exagero. É, antes, compreensível em todos os seus aspectos. Assim como as gentes tem direitos supostos a um lar, a uma família, a uma religião, a uma união, também é compreensível um direito à praia. A praia não é só suas características sensíveis. Não é só areia, água, onda, concha, sol, céu, produto valorizado ou desvalorizado pelo capital. Não é como ela foi formada nem o uso que fazem dela. Uma praia é um último suspiro profundo, um solo concreto para o limiar da existência, onde tudo o que é ancestral se prontifica ao reconhecimento sensível. Uma praia é a beira do precipício. É o terreno da sedução da morte e da exposição do ser. A praia pode ser definida pelas suas características sensíveis, mas também pode ser reencontrada nos olhos que se fecham quando a atenção se volta para dentro e sente o vazio que antecede esse grande mistério inesgotável que é estar aqui, agora.

A vida é um dia acordar, acordar de novo e de novo e de novo e constantemente um acordar, até que acaba e você percebe que foi tudo um sonho. O que nós somos, consciências despertas, se não o delírio do mundo? Humanos, será? Beirando os mapas antigos do oceano e a escuridão a nossa volta, os monstros. Mas não seriam eles nada mais nada menos que nós mesmos a espreitar esse mundo da qual fomos paridos e logo expatriados pela própria chama que nos faz despertos?

Quem espreita o mar, se não nós, suas sereias?

Referências

- ACERO, Kepa. Mamape, the never ending wave. [27/02/2015]. [Filme-vídeo]. *YouTube* – *KEPAACERO* canal. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L8QcqE_Ekbo. Acesso em: fev. de 2016.
- ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. O espaço-mercadoria: objeto político e estratégico na reprodução do capital. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica, II Semestre 2011. pp. 1-12.
- ALVARENGA, Silva M. Glaura. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- ARAÚJO, Dahiana. Sentidos da vida: cegos e surdos vivenciando Fortaleza. *Diário do Nordeste*. Reportagem DOC. 30 jul. 2016. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/doc/sentidos-da-vida-cegos-e-surdos-vivenciando-fortaleza-1.1591054>. Acesso em: mar. 2016.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BERTHO, Helena; QUEIROZ, Nana. Com o sexo dos anjos. *Revista AzMina*. [02/05/2016]. 2016. Disponível em: <https://azmina.com.br/2016/05/com-o-sexo-dos-anjos/>. Acesso em: abril de 2017.
- BETRAND, Frédéric. *As relações homem-natureza no quadro dos litorais atlânticos*. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: civilização brasileiras, 1976.
- BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- CAEIRO, Alberto [Fernando Pessoa]. *Poemas completos de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *Palomar*. 1ªed. Rio de Janeiro: Cia. Das Letras, 1994.
- CASANOVA, Guillermo (dir.). *El viaje hacia el mar*. [Filme-vídeo]. Prod. Inés Peñagaricano. Uruguai: Laborágine films, 2003. Dolby Digital, color, 35mm. 78 min.

CASTRO, Júlia Fonseca. Uma leitura das viagens contemporâneas: Iniciação e testemunho nas narrativas de viagem. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belo Horizonte, 2013.

CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Na beleza do lugar, o rio das Contas indo... ao mar. Ilhéus, BA: Editus, 2014.

COËFFÉ, Vincent. La plage, fabrique d'une touristi(cité) idéale. *L'Information géographique*. 2010/3 (Vol. 74), p. 51-68.

COLLOT, Michel. Poética e filosofia da paisagem. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013. 204 p.

CORBIN, Alain. Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas* – Universidade Federal de Santa Catarina. v. 10, n. 1. 2002.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. O mar e o marítimo nos trópicos. *GEOUSP Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 15, p. 63-76, 2004.

DANTAS, Eustógio W. C. «La maritimité chez les indiens du Brésil». *Géographie et cultures* [En ligne], 78, 2011, mis en ligne le 25 février 2013. Disponível em: <http://gc.revues.org/633>. Acesso em: abril de 2016.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectivas, 2011.

DEBLASIS, Paulo; GASPAR, Madu. Os sambaquis do sul catarinense: retrospectiva e perspectivas de dez anos de pesquisas. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*. vs. 11 e 12, ns. 20 e 21, jul./dez. 2008 e jan./jun. 2009, p. 83-126.

DEPRAZ, Natalie. Compreender Husserl. Trad. Fábio dos Santos. 3 ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2011.

DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. Tradução: Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes. 2005.

DEUTCHE WELLE. “Desigualdades não somem na praia”. *Carta capital* [27/09/2013] – revista online. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/desigualdades-nao-somem-na-praia-diz-autor-de-livro-sobre-copacabana-7206.html>. Acesso em: fevereiro de 2017.

DIÁRIO DO MAR EM MINAS. [Beatriz Mom]. 2017. *Sesc Palladium*. Disponível em: <https://www.facebook.com/diariodomaremminas/>. Acesso em: junho de 2017.

DINIZ, Iara. Relatório da Marinha indica presença de metais na foz do Rio Doce. Resultado da pesquisa foi liberado nesta terça-feira (19) pelo Ibama. Relatório se baseia em amostras coletas em novembro de 2015. [20/04/2016]. *GI – Globo*. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/espirito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/04/relatorio-da-marinha-indica-presenca-de-metais-na-foz-do-rio-doce.html>. Acesso em: jun. 2016.

DRUMMOND, Roberto. *Ontem à noite era sexta-feira*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

DRUMMOND, Roberto. *Os mortos não dançam valsa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

EDITORIA FÉRIAS BRASIL. As praias de Fortaleza. *Férias Brasil. Descubra, planeje e participe*. 2000-2017. Disponível em: <http://www.feriasbrasil.com.br/ce/fortaleza/aspraias.cfm>. Acesso em: março de 2017.

FERNANDES, Andrei. O rosto de Iara [popularium 3]. [Áudio *Online*]. Disponível em: <http://www.mundofreak.com.br/2017/06/12/popularium-03-o-rosto-da-iara/>. Acesso em: jun. 2017.

FILGUEIRAS, Mariana. ‘Praia democrática é mito’, diz antropóloga. *Jornal o Globo* [01/12/2013]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/praiademocratica-mito-diz-antropologa-10919421>. Acesso em: fevereiro de 2017.

FUENTES-LEÓN, Javier. *Contracorrente/Contracorriente*. [Filme-vídeo]. Produção Elcalvo Films, Dynamo Producciones, Dynamo. Peru-Colômbia-França-Alemanha, 2009. Cor, 100 min.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1ªed., 13ª reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GERHARDT, Rodrigo. Rio Doce: impactos da lama no corpo e na alma do povo Krenak. Estudo realizado pela UFMG mapeia violações aos direitos humanos e impactos no modo de vida sofridos pela comunidade indígena em função do rompimento da barragem da Samarco; o caso será denunciado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Greenpeace. [19/04/2017]. 2017. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Blog/rio-doce-impactos-da-lama-no-corpo-e-na-alma-/blog/59204/>. Acesso em: abril de 2017.

GONZÁLEZ-RUBIO, Pedro (prod.). *Alamar*. [Filme-vídeo]. México. Prod. Epicentre Films. 2009. Dolby SRD, 35 mm, 73 min.

HEMINGWAY, Ernest. O velho e o mar. (Trad. Fernando de Castro Ferro). 51ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HISSA, Cássio E. V. A mobilidade das fronteiras. Inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HUSSERL, Edmund. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica. (Trad. Diogo Falcão Ferrer) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. A ideia da fenomenologia. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. Conferências de Paris. Trad. Artur Mourão e António Fidalgo. Lisboa: Edições 70, 1992.

_____. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à fenomenologia pura. Trad. M. Suzuki. 2ª ed. Aparecida, São Paulo: Letras & Ideias, 2006.

_____. A crise da humanidade europeia e a filosofia. Trad. Pedro M. S. Alves. *Textos clássicos de filosofia*. Covilha: Universidade da Beira Interior, 2008.

_____. Meditações cartesianas. Introdução à fenomenologia. São Paulo: Madras Editora Ltda. 2001.

IHIMAERA, Witi. Encantadora de baleias. São Paulo: Barany, 2012.

JEW, Darren. 2015, 2min10s. In: JOFFE, Abraham. *Tales by light*. 01S01: Submerso. [Filme-vídeo]. Austrália: Canon Australia, Untitled Film Works. Dolby digital, 16:9, color, 23 min., 2015.

KARO, Niki (dir.). *Whale rider (pt.br: A encantadora de baleias)*. [filme-vídeo]. Nova Zelândia, Alemanha. Dolby SRD, 35mm. 2.35:1 Cinemascope. 105 min. 2003.

KRAKAEUR, Jon. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

LEVITAÇÃO, 2017. Dicio, Dicionário Online de Português, 15 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/levitacao/>. Acesso em: junho de 2017.

LIMA, Rozeane A.; SIMÕES, Cristian José; ARAGÃO, Patrícia Cristina de. SABERES INDÍGENAS EM INTERFACE COM O CONTEXTO ACADÊMICO: a cartilha saberes xukuru, a cura pela natureza sagrada. *Revista Ensino Interdisciplinar*, v. 3, nº. 08, Maio/2017 UERN, Mossoró, RN.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. *Sociedade e Cultura, Cadernos do Nordeste*. Série Sociologia, vol. 13, n. 1, 2000. P. 201-218.

MALDONADO, Simone Carneiro. *Pescadores do mar*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

MANTELLI, André. Festa de Iyemonjá no Ilè Omiojúàrò. [29/07/2016]. *Medium*. 2016. Disponível em: <http://www.medium.com/@mantelli/festa-de-yemonjá-no-ilè-omiojúàrò-50e8f57aabd9>. Acesso em: set. 2016.

MARANDOLA Jr., Eduardo J. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. *Geograficidade*. v.3, n.2, Inverno 2013.

_____. Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer. In: Ida Alves; Masé Lemos; Carmem Negreiros. (Org.). *Estudos de paisagem: literatura, viagens e turismo cultural*. 1ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, v., p. 53-63.

_____. O gosto da morte na vida dos lugares. Conferência - IV Seminário Sabores Geográficos. Morte – espiritualidade – mineiridade. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Jun. de 2017.

MARTIN, Emily. The Egg and the Sperm: How Science Has Constructed a Romance Based on Stereotypical Male-Female Roles. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* - University of Chicago. vol. 16, no. 3, 1991, p. 485-501.

MASSAOKA, Juliane. Quando a nudez não é tão natural assim. [23 de junho de 2012]. Praia de Tambaba. Disponível em:

<http://praiadetambaba.blogspot.com.br/2012/06/quando-nudez-nao-e-tao-natural-assim.html>. Acesso em: junho de 2017.

MATTOS, Vicente; DINOEL; VELLOSO, Arlindo. Lenda das sereias – Rainhas do mar. [samba-enredo - Império Serrano] Rio de Janeiro: 1976.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. 4. ed. Tradução: Rosa Krausz. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 316 p.

MELO, Thálita Motta. Praia da estação: carnavalização e performatividade. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Belo Horizonte, 2014.

MONTEIRO, Vitória Vanessa da Silva; OLIVEIRA, Andréia Cristina Sousa; SILVA, Francisca Natalia Neres da; SANTOS, Fabrício Freitas dos. O TRABALHO DAS MULHERES MARISQUEIRAS E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: CAMINHOS À PERCORRER. *Anais... III CONEDU – Congresso Nacional de Educação*. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/?id=19>. Acesso em: abril de 2017.

MOROSOLI, Juan José. El viaje hacia el mar. 1952. Disponível em: http://www.ellibrototal.com/ltotal/?t=1&d=8549_8172_1_1_8549. Acesso em: mai. 2016.

NANCY, Jean-Luc. Corpo, fora. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

NOVAES, Daiane. Fui a praia com a parentada no final de semana... *Facebook - Página pessoal Daiane Novaes*. [24 fev. 2015]. Disponível em: <https://www.facebook.com/narcisadai/posts/624428134357063>. Acesso em: mar. de 2017.

NUKADA, M. Historical Development of the Ama's Diving Activities. In: Physiology of BREATH-HOLD DIVING and THE AMA OF JAPAN. Papers presented at a symposium - aug 31 to sept 1, 1965. Tokyo, Japan. Washington, D.C., USA: National Academy of Sciences. 1965.

OLIVEIRA, Rosa Maria R. Para uma crítica da razão androcêntrica: gênero, homoerotismo e exclusão da ciência jurídica. *Revista Sequência*, n.º 48, p. 41-72, jul. de 2004.

OTNER, Sherry B. Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura? *In: LAMPHERE & ROSALDO (orgs.). A mulher, a cultura e a sociedade.* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, 254 p.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A Geografia de Yi-Fu Tuan: essências e Permanências. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. – São Paulo, 2013.

PENN, Sean (prod.). *Into the Wild*. [Filme-vídeo]. Estados Unidos da América. Prod. Paramount Vantage, River Road Entertainment, Art Linson Productions. 2007. Dolby SRD 2, 35:1, 35 mm. 104 min.

PEÑAGARICANO, Inés (prod.); CASANOVA, Guillermo (dir.). *El viaje hacia el mar*. [Filme-vídeo]. Uruguai, Argentina. Produtoras: Welt Films; Guazú Media; Fundación Bank Boston. 2003. 1 DVD: 78min.

PESSANHA, Fábio S. A hermenêutica do mar em Virgílio de Lemos. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (Poética), 2011. – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2011.

PILCHER, Rosamunde. Os catadores de concha. Trad. Luiza Ibañez. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1994. 636 p.

POENZO, Lucía (dir.). *XXY*. [Filme-vídeo]. Argentina, França, Espanha. 2007. 1 DVD: 86 min.

PONCE, Rose Kareemi. [23/06/2015]. Quero virar mar... *Nosso feminino sagrado*. Disponível em: <http://nossosagradofeminino.blogspot.com.br/2015/06/>. Acesso em: março de 2017.

POR DENTRO DA ÁFRICA, 2017. Yemanjá: exposição virtual homenageia a “rainha do mar”. [2 fev. 2017]. *Por dentro da África*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/exposicao-virtual-homenageia-rainha-do-mar>. Acesso em: mar. De 2017.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

RABELO, Derek. 2015. *In: Nutri-Grain Presents Unstoppable - Derek Rabelo's Full Story*. [filme-vídeo] 13:11 min. Disponível em: http://www.nutrigrain.com.au/en_AU/unstoppable_stories.html. //

<https://www.youtube.com/watch?v=tNOZDUQ7R2c&t=21s>. Acesso em: março de 2016.

RABELO, Derek. 2016. *In*: Surfista brasileiro cego inspira o mundo como atleta profissional. Assista. IG São. Paulo. 05/02/2016. Disponível em: <http://esporte.ig.com.br/maisesportes/surfe/2016-02-05/surfista-brasileiro-cego-inspira-o-mundo-como-atleta-profissional-assista.html>. Acesso em: março de 2016.

RAMALHO, Cristiano W. N. A desnecessidade de trabalho entre pescadores artesanais. *Revista Sociologias*. Ano 17, nº 38. Porto Alegre, jan/abr 2015. p. 192-220.

RAMOS, Daniel da Rocha. A invenção da praia e a produção do espaço: dinâmicas de uso e ocupação do litoral do ES. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.

RECLUS, Élisée. Do sentimento de natureza nas sociedades modernas. Org. e Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.

REDAÇÃO HYPENESS. Série de fotos incríveis mostra quem foram as últimas “sereias” do Japão. *Hypeness - Inovação e criatividade para todos* [08/05/2014]. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2014/05/serie-incrivel-mostra-quem-foram-as-ultimas-sereias-do-japao/>. Acesso em: maio de 2016.

REDAÇÃO HYPENESS. A menina de 13 anos que virou inspiração após superar seu 'maior medo'. *Hypeness - Inovação e criatividade para todos*. [06/06/2017]. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2017/06/a-menina-de-13-anos-que-virou-inspiracao-apos-superar-seu-maior-medo/>. Acesso em: junho de 2017.

RICE, Anne. *As Bruxas Mayfair - Lasher*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ROHDEN, Fabíola. A construção da diferença sexual na medicina. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19 (Sup. 2): S201-S212, 2003.

ROSALDO, Michelle Z. A Mulher, a Cultura e a Sociedade: uma Revisão Teórica. *In*: LAMPHERE & ROSALDO (orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, 254 p.

SANTANA, Sheyla Zacarias da Cruz; LOUREIRO, Carlos Frederico; ALMEIDA, Tamires Barros de. MULHERES MARISQUEIRAS: uma categoria “às margens” das políticas públicas. *Anais... VII Jornada Internacional Políticas Públicas*. 25 a 28 de agosto de 2015. São Luís, MA: 2015. Disponível em:

<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo9/mulheres-marisqueiras-uma-categoria-as-margens-das-politicas-publicas.pdf>. Acesso em: junho de 2017.

SANTOS, Jéssica T. T. Dos; CORTÊS, Jéssica Maria Muniz; CARNEIRO, Maria Caroline; SANTOS, Jussara Palmeira dos. EMPREENDEDORISMO E CRIATIVIDADE NO SETOR INFORMAL: o caso dos ambulantes da praia de Boa Viagem – PE. *Anais... VII Simpósio de Excelência e Gestão em Tecnologia*. Out. 2015. Disponível em: www.aedb.br/seget/arquivos/artigos15/32622554.pdf. Acesso em: jun. 2017.

SENNET, Richard. Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

SILVA, Luiz Geraldo Santos da. Caiçaras e Jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil. São Paulo: CEMAR/Universidade de São Paulo, 1993.145p.

SILVA, Verá Tupã T. da. Verá Tupã: Que nosso direito de ser e viver seja respeitado. *Revista Continente*. 19/04/2017. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/bannerdestaques/20064-depoimento-vera-tupa-popygua-timoteo-da-silva.html>. Acesso em: mai. de 2017.

SIMAS, Luiz Antonio. [30/12/2012]. Iemanjá para os devotos de ocasião. *Ouro de tolo*. 2012. Disponível em: <http://www.pedromigao.com.br/ourodetolo/2012/12/iemanja-para-os-devotos-de-ocasio/>. Acesso em: abril de 2017.

SOPISTA. Los três primeiros rios em adquirir derechos humanos. *Sopista*. [21/03/2017]. 2017. Disponível em: <http://www.sopistas.com/734137-tres-rios-son-reconocidos-como-entidades-vivas-y-adquieren-derechos-humanos/>. Acesso em: maio de 2017.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar. A Perspectiva da Experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TORRANO, Jaa. O mundo como função de musas. *In: HESÍODO. Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: 1992.

VISCERAL, 2017. Michaelis Online Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 25 de maio de 2017. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=visceral>. Acesso em: maio de 2017.

WEINER, Annette B. *Women of Value, Men of Renown. New perspectives in Trobriand Exchange*. Austin: The University of Texas Press, 1976, p. xxi + 299.

WILLIAMS, Amie. AMASAN: women of the sea. [Filme-vídeo]. Global Girl Media Productions. 2009, 24 min. Disponível em: <http://www.globalgirlmediaproductions.com/documentary/amasan-women-of-the-sea/>. Acesso em: jun. 2017.